

DM

**Para um Roteiro Literário
das Lendas da Madeira**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Vanda Cristina Barradas Rodrigues

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

outubro | 2024

Para um Roteiro Literário das Lendas da Madeira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Vanda Cristina Barradas Rodrigues

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO

Luísa Maria Soeiro Marinho Antunes Paolinelli

COORIENTAÇÃO

António Manuel Martins de Almeida



Mestrado em Gestão Cultural- 2022/2024

Para um Roteiro Literário das Lendas da Madeira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Gestão Cultural

Orientador: Professora Doutora Luísa Maria Soeiro Marinho Antunes Paolinelli

Coorientador: Professor Doutor António Manuel Martins de Almeida

2024

AGRADECIMENTOS

Nesta jornada que me trouxe até à presente dissertação, o caminho não foi solitário. Inúmeras almas generosas iluminaram o trajeto. Na impossibilidade de nomear todos, quero expressar a minha profunda gratidão àqueles cuja luz brilhou mais intensamente ao longo desta jornada. Cada sorriso, cada palavra de apoio, cada gesto de ajuda foram as estrelas que guiaram o meu caminho e tornaram esta difícil jornada um pouco mais fácil. Obrigado por fazerem parte desta trajetória.

Começo por agradecer aos meus orientadores, Luísa Paolinelli e António Almeida. À professora Luísa Paolinelli, pelo auxílio na escolha do tema do meu trabalho, pelo incentivo, pela disponibilidade e pelo apoio na elaboração deste trabalho. Ao professor António Almeida, pela prontidão em responder às minhas dúvidas e indecisões, e por toda a sabedoria transmitida. A vossa orientação, sempre próxima e presente, foi indispensável. Aqui vos exprimo a minha gratidão.

À minha mãe, irmã, cunhado e sobrinhos, agradeço profundamente por todo o apoio dado ao longo desta jornada. Pelos sacrifícios que fizeram por mim, pela confiança inabalável que sempre depositaram em mim, e pelas palavras de incentivo, alegria e força que me transmitiram. A vossa presença constante e o vosso amor incondicional foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu namorado, Eduardo, agradeço de coração por estares ao meu lado durante toda esta jornada. Pela paciência, compreensão e apoio constante. Obrigada por acreditares sempre em mim e por nunca duidares, mesmo quando eu duvido de mim mesma. Não há palavras suficientes para expressar a minha gratidão por todos os momentos.

Por fim, agradeço a todas as outras pessoas que cruzaram o meu caminho e me acompanharam ao longo desta jornada, especialmente: aos meus sogros, amigas, pessoas conhecidas e até mesmo desconhecidas. Cada um de vocês contribuiu para a pessoa que sou hoje e para a conclusão desta dissertação.

Um bem-haja a todos

Resumo

Com base na interseção entre Turismo, Cultura e Literatura, o objetivo desta dissertação reside na concepção de um roteiro turístico-literário que explore as lendas da Ilha da Madeira. Tendo como motivo e receio de que a literatura popular de tradição oral madeirense caia no esquecimento, surge a necessidade premente de criar este roteiro literário como um instrumento de promoção e valorização da herança cultural. A apreciação e preservação do património cultural imaterial da Ilha são essenciais perante os desafios impostos pela globalização e pelo turismo de massa, que ameaçam a autenticidade e a diversidade cultural. Com isso, este roteiro literário pretende não apenas promover o património cultural imaterial, mas também o material, e servir como uma ferramenta inovadora para enriquecer a experiência turística e garantir a transmissão das lendas às próximas gerações. Conforme mencionado anteriormente, o cerne desta dissertação é a criação de um roteiro turístico-literário que se baseie nas lendas madeirenses. Para isso, esta investigação empreenderá uma análise da intrincada relação entre turismo, cultura e literatura, com especial atenção aos domínios do turismo cultural e literário, assim como ao conceito de literatura popular de tradição oral, focalizando-se nas lendas madeirenses. Em seguida, será desenvolvida uma proposta de roteiro pela Ilha da Madeira.

Palavras-chave: Turismo, Turismo Cultural, Turismo Literário, Lendas, Roteiro Literário, Madeira.

Abstract

Based on the intersection of Tourism, Culture, and Literature, the goal of this dissertation is to design a literary tourism route that explores the legends of Madeira Island. Motivated by the concern that Madeira's popular oral tradition may fall into oblivion, there is a pressing need to create this literary route as a tool for promoting and valuing cultural heritage. The appreciation and preservation of the island's intangible cultural heritage are essential in the face of the challenges posed by globalization and mass tourism, which threaten the authenticity and cultural diversity of the region. This literary route aims not only to promote the intangible cultural heritage but also the tangible heritage, serving as an innovative tool to enrich the tourist experience and ensure the transmission of Madeira's legends to future generations. As previously mentioned, the core of this dissertation lies in the creation of a literary tourism route based on Madeira's legends. To achieve this, the research will undertake an analysis of the intricate relationship between tourism, culture, and literature, with a particular focus on cultural and literary tourism, as well as the concept of popular oral tradition, concentrating on Madeira's legends. Subsequently, a proposed route across the island of Madeira will be developed.

Keywords: Tourism, Cultural Tourism, Literary Tourism, Legends, Literary Itinerary, Madeira.

ÍNDICE GERAL

1. Introdução.....	8
2. Revisão da Literatura	13
2.1. Ligação entre Turismo, Cultura e Literatura.....	13
2.1.1. Perspetivas sobre Turismo	13
2.1.2. Perspetivas sobre Literatura	16
2.1.3. Perspetivas sobre Cultura.....	20
2.2. Turismo Cultural e Literário	23
2.2.1. Relação entre Turismo e Cultura.....	23
2.2.2. Definição de Turismo Cultural.....	24
2.2.3. Tipologia e motivações do turista cultural	28
2.2.4. Impactos do turismo cultural	32
2.3. Turismo Literário- Aliança entre turismo e literatura	35
2.3.1. Perfis e Motivações do Turista Literário.....	38
2.3.2. Produtos e Experiências do Turismo Literário.....	41
2.3.3. Itinerário Literário.....	43
3. Literatura Popular de Tradição Oral: Lendas.....	53
3.1. Lendas: que vias de incorporação no turismo?	58
3.1.1. A Integração das Lendas Madeirenses no Turismo Local	64
4. Breve Caracterização da Ilha da Madeira	65
4.1. Caracterização Geográfica	66
4.2. Caracterização Demográfica	67
4.3. Caracterização Económica.....	69
4.4. Caracterização Turística.....	71
4.5. Lendas madeirenses	76

4.6. Análise SWOT: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças	79
5. Proposta de elaboração de um Roteiro Literário das Lendas da Madeira.....	81
5.1. Justificação do Roteiro.....	81
5.2. Objetivos do Roteiro	82
5.3. Metodologia	84
5.4. Processo de Seleção das Lendas: Referências e Infraestrutura.....	86
6. Roteiro das Lendas da Ilha da Madeira.....	100
6.1. Itinerário do Roteiro.....	122
7. Conclusão.....	123
7.1. Contributos da Investigação.....	125
7.2. Limitações do Estudo.....	126
7.3. Propostas de investigação futura.....	126
8. Referências Bibliográficas	129

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Grau Motivacional do Turista Cultural.....	30
Figura 2 - Concelhos da Ilha da Madeira	67
Figura 3 - Pirâmide Etária correspondente a 2022	68
Figura 4 - Capela das Almas Pobres.....	101
Figura 5 - Igreja da Nossa Senhora do Monte	104
Figura 6 - Miradouro do Senhor dos Milagres	106
Figura 7 - Capela do Senhor dos Milagres	108
Figura 8 - Furna do Negro	109
Figura 9 - Igreja do Senhor do Bom Jesus	111
Figura 10 - Capela de S. Vicente	113
Figura 11 - Miradouro do Cabo Girão	116
Figura 12 - Convento de São Bernardino	120

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Tipos de Motivações dos Turistas segundo Mckercher e du Cros (2002)	31
Tabela 2 - Impactos socioculturais positivos e negativos do Turismo Cultural	33
Tabela 3 - Impactos económicos positivos e negativos do Turismo Cultural	34
Tabela 4 - Elenco de produtos e experiências literários e exemplos em Portugal.....	Erro!
Marcador não definido.	
Tabela 5 - Características de um itinerário	46
Tabela 6 - Listagem de itinerários literários em Portugal.....	47
Tabela 7 - Catálogo de itinerários literários compilados em formato de livro.	49
Tabela 8 - Análise SWOT da criação de um itinerário turístico-literário das lendas na Ilha da Madeira.....	79
Tabela 9 - Referências Bibliográficas das Lendas.....	86
Tabela 10 - Infraestrutura turística dos Locais das Lendas	93

1. Introdução

A presente dissertação de mestrado, desenvolvida no âmbito do curso de segundo ciclo em Gestão Cultural, tem como objetivo explorar o Turismo Cultural como uma estratégia de desenvolvimento sustentável, propondo a criação de um roteiro literário baseado nas lendas da Madeira. Nos últimos anos, o turismo consolidou-se como um dos pilares fundamentais da economia mundial, desempenhando um papel crucial não apenas na dinamização económica dos países recetores, mas também na valorização cultural e social das comunidades locais. Este setor multifacetado oferece uma plataforma essencial para a promoção e preservação de elementos culturais, sociais, naturais e literários, respondendo à crescente demanda por experiências autênticas e diferenciadas, em contraponto à padronização imposta pela globalização.

O turismo cultural tem emergido como um dos segmentos mais promissores, destacando-se pela sua capacidade de proporcionar uma imersão profunda na história, nas tradições e nos valores de um destino (Pérez, 2009). Diferente do turismo convencional, que frequentemente privilegia atrações genéricas, o turismo cultural conecta os visitantes ao património cultural dos locais visitados, oferecendo experiências que não apenas entretêm, mas também educam e sensibilizam para a importância da preservação da identidade cultural.

A interseção entre turismo e cultura revela uma sinergia poderosa, capaz de impulsionar novas modalidades turísticas e atrair um público mais exigente e consciente, motivado pelo desejo de explorar as riquezas culturais que tornam cada destino único. O turismo cultural, assim, não só enriquece a oferta turística, mas também contribui para a sustentabilidade cultural, promovendo a continuidade das tradições e a valorização do património que, de outra forma, poderia ser esquecido ou subestimado.

No caso específico da Ilha da Madeira, embora o turismo seja uma das principais forças motrizes da economia local, o vasto património cultural da ilha, especialmente as lendas de tradição oral, permanece amplamente subexplorado no contexto turístico. Essas narrativas, que oferecem uma visão singular das vivências, costumes e valores dos antepassados madeirenses, possuem um valor cultural inestimável. No entanto, apesar do seu potencial, as lendas têm sido relegadas a um papel secundário, sem uma integração significativa nas atuais

ofertas turísticas. Consequentemente, a riqueza dessas histórias continua desconhecida para muitos visitantes, que acabam por experimentar apenas os elementos mais evidentes do destino, como as paisagens naturais e o património arquitetónico mais publicitado.

Constata-se uma lacuna significativa na oferta turística da Madeira. Assim, a presente dissertação propõe abordar essa lacuna através da criação conceptual de um produto turístico inovador centrado nas lendas da Ilha, materializado na forma de um roteiro literário temático. O desenvolvimento deste roteiro visa, portanto, não apenas diversificar a oferta turística da Madeira, mas também reforçar a autenticidade cultural da ilha. Ao incorporar as lendas locais como elemento central, busca-se oferecer aos turistas uma experiência culturalmente rica e diferenciada, que vá além das tradicionais atrações naturais da Madeira. Este produto turístico tem o potencial de atrair um público interessado em vivências autênticas, estabelecendo uma conexão mais profunda entre os visitantes e a identidade cultural madeirense. Além disso, ao preservar e divulgar essas lendas, o projeto contribuirá significativamente para a salvaguarda do património cultural imaterial da Madeira, assegurando a continuidade dessas histórias para as futuras gerações.

Dessa forma, este estudo não se limita à criação de um roteiro literário, propondo também um desenvolvimento de propostas inovadoras para o turismo na Madeira, onde o património cultural imaterial seja valorizado como um diferencial competitivo e como um componente essencial para o desenvolvimento sustentável do turismo na região. A relevância desta pesquisa reside na urgência de preservar e promover o património cultural imaterial da Madeira, especialmente num contexto em que o turismo de massa ameaça a autenticidade cultural dos destinos. Transformar essas lendas em um recurso estratégico para o turismo não só diversifica a oferta local, mas também fortalece a identidade cultural madeirense, garantindo que as tradições culturais sejam transmitidas às futuras gerações.

Neste contexto, o objetivo central deste estudo é desenvolver um roteiro literário temático que integre as lendas da Ilha da Madeira na oferta turística da região. Para alcançar esse objetivo, propõe-se mapear as lendas e os locais a elas associados, analisar o potencial turístico dessas narrativas orais e elaborar um roteiro que harmonize os pontos de interesse culturais com as atrações turísticas já estabelecidas, de forma a garantir que este roteiro seja atrativo para um público diversificado, incluindo aqueles que inicialmente possam não ter interesse específico nas lendas, mas que, ao longo do percurso, possam vir a apreciá-las.

Este trabalho está organizado em seis capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à revisão bibliográfica, que fundamenta a componente prática desta dissertação e estabelece as bases teóricas necessárias para o desenvolvimento dos itinerários literários propostos. A importância desta investigação preliminar reside na necessidade de compreender e relacionar os conceitos de Literatura, Turismo e Cultura, de forma a integrar essas áreas de conhecimento na construção de um produto turístico inovador.

No início do capítulo, é apresentada uma reflexão sobre as perspectivas que envolvem o turismo, a cultura e a literatura, com ênfase nas suas interconexões. A definição desses conceitos fundamentais serve como ponto de partida para a estruturação do projeto. Em seguida, é feita uma análise detalhada do Turismo Cultural, um dos segmentos mais dinâmicos do setor, com especial foco na vertente específica do Turismo Literário. Nesta análise, são discutidos os conceitos, as motivações dos turistas culturais e literários, bem como os impactos que essas modalidades turísticas podem gerar nos destinos.

A reflexão sobre o Turismo Literário inclui a exploração dos conceitos de espaço literário, paisagem literária, produto e experiência literária, que são essenciais para a compreensão e desenvolvimento de roteiros literários eficazes. Além disso, são investigados exemplos práticos de roteiros literários nacionais e regionais, apresentados através de uma tabela que ilustra a diversidade e a riqueza desses itinerários. Essa análise permite identificar boas práticas que podem ser aplicadas no contexto da Ilha da Madeira.

No segundo capítulo, a dissertação avança para o estudo do conceito de Literatura Popular de Tradição Oral, com foco particular nas lendas, que constituem uma parte essencial do roteiro. Inicialmente, é explorado o significado e a importância da literatura popular de tradição oral, especialmente as lendas, com atenção especial ao seu papel na preservação da memória coletiva e na transmissão de valores culturais ao longo das gerações. Posteriormente, as lendas são analisadas como potenciais recursos turísticos, explorando as vias de sua incorporação no turismo em vários locais. Este capítulo termina com uma análise crítica sobre a utilização das lendas madeirenses no turismo atual.

O terceiro capítulo é dedicado à caracterização da Ilha da Madeira, com uma análise abrangente a nível geográfico, demográfico, económico e turístico. Inicialmente, são apresentadas as principais características geográficas da ilha, incluindo a sua localização, relevo e clima, que influenciam diretamente as atividades turísticas. Em seguida, é feita uma análise demográfica, abordando a distribuição da população, os índices de crescimento e

outros fatores relevantes que moldam o perfil socioeconómico da região. Na sequência, o capítulo examina a economia da Madeira, com destaque para o setor do turismo, que é um dos principais motores da economia local. A análise do turismo é dividida em duas vertentes: o turismo convencional, que inclui as atividades turísticas mais tradicionais e consolidadas, e o turismo cultural, com um foco especial na análise das práticas e potencialidades deste segmento na região. O capítulo termina com uma análise SWOT, que identifica as forças (*strengths*), fraquezas (*weaknesses*), oportunidades (*opportunities*) e ameaças (*threats*) existentes na Madeira, no que se refere à criação de um roteiro das lendas. Esta análise é fundamental para compreender o ambiente competitivo e os desafios que podem impactar o sucesso do projeto, fornecendo uma visão estratégica para o desenvolvimento do roteiro literário.

Após a fundamentação teórica e a análise contextual desenvolvidas nos capítulos anteriores, o quarto capítulo desta dissertação é dedicado à componente prática do projeto, que consiste na justificação, definição de objetivos, metodologia e desenvolvimento do roteiro literário baseado nas lendas da Ilha da Madeira. Este capítulo começa com a justificação do roteiro, na qual são explicados os motivos que levaram à escolha das lendas como foco do itinerário, destacando-se a importância dessas narrativas para a valorização do património cultural imaterial da Madeira. São delineados os objetivos do roteiro, que incluem a promoção do turismo cultural na região, a preservação das tradições orais e a criação de uma experiência turística enriquecedora e diferenciada.

Em seguida, é apresentada a metodologia utilizada para a seleção e organização das lendas que compõem o roteiro. Este processo metodológico envolveu a elaboração de tabelas que serviram como ferramentas para a escolha criteriosa das lendas mais adequadas. A primeira tabela consiste numa inventariação não exaustiva das lendas existentes que poderiam ser incluídas no roteiro, com foco nas que se referem a locais concretos e na presença dessas narrativas em diferentes fontes biográficas. Esta etapa permitiu identificar e mapear as lendas de maior relevância cultural e histórica. Posteriormente, para garantir que o roteiro seja viável e atrativo do ponto de vista turístico, foi elaborada uma segunda tabela. Esta tabela avaliou os locais associados às lendas quanto à sua infraestrutura turística— incluindo acessibilidade, presença de pontos turísticos e outros fatores que influenciam a experiência do visitante. Esta análise foi crucial para assegurar que o roteiro proposto ofereça não apenas valor cultural, mas também praticidade e apelo turístico.

Após a seleção das lendas e dos locais mais adequados, o roteiro literário é apresentado em detalhe, delineando os pontos de interesse e as experiências que serão oferecidas aos turistas. Para além do roteiro, foi elaborado um mapa que ilustra o itinerário, proporcionando uma visão clara e prática de como o projeto pode ser implementado e promovido junto aos visitantes.

Por último, no sexto capítulo, são apresentadas as considerações finais sobre o projeto, nas quais se faz uma análise crítica das limitações encontradas ao longo do desenvolvimento do roteiro literário. Esta secção reflete sobre os desafios enfrentados, como a seleção das lendas, a infraestrutura turística disponível nos locais escolhidos e a integração do roteiro na oferta turística atual da Madeira.

Para colmatar essas limitações, são propostas sugestões para futuras investigações, com o objetivo de aprofundar, complementar e valorizar o tema em análise. As recomendações incluem a ampliação da pesquisa sobre lendas menos conhecidas, a exploração de novas estratégias para a promoção do turismo cultural na região, e o desenvolvimento de parcerias com entidades locais para a implementação e divulgação do roteiro. Estas sugestões visam não apenas aprimorar o projeto apresentado, mas também contribuir para o fortalecimento e a sustentabilidade do turismo cultural na Ilha da Madeira, incentivando uma contínua valorização do património cultural imaterial da região.

2. Revisão da Literatura

2.1. Ligação entre Turismo, Cultura e Literatura

Neste capítulo, propomos realizar uma revisão da literatura e dos conceitos fundamentais relacionados ao turismo literário. Este capítulo visa definir os conceitos que pretendemos explorar, baseando-se em diversos estudos de autores reconhecidos nesta área de investigação. A partir das leituras realizadas, aprofundamos os conceitos de turismo, cultura, literatura, todos eles intrinsecamente ligados ao turismo literário e ao turismo cultural, que constituem o alicerce da investigação desenvolvida.

2.1.1 Perspetivas sobre Turismo

A definição do turismo é desafiadora, uma vez que engloba uma notável diversidade de interpretações, refletindo a ausência de uma definição universal amplamente aceite (Amaral, 2019). Essa ausência de uniformidade na definição deste conceito complexo pode ser atribuída, em grande parte, à natureza intrinsecamente mutável e dinâmica do setor turístico, caracterizado por mudanças constantes e pela proliferação de novos nichos e segmentos de mercado (Costa, 1996). Como resultado, a tentativa de estabelecer uma definição única e abrangente para o turismo torna-se uma tarefa complexa, dada a sua contínua adaptação às mudanças sociais, culturais e económicas (Oliveira, 2017).

Para além da evidente e contínua evolução do setor do turismo, particularmente notável nas últimas décadas, a amplitude de conceitos associados ao turismo também decorre da complexidade intrínseca deste fenómeno multifacetado (Cooper et al., como citado em Marujo, 2012). Dado que o turismo engloba diversas dimensões sociais, culturais e económicas, possibilita uma exploração aprofundada através de várias áreas do conhecimento, tais como economia, cultura, gestão, geografia, marketing e inúmeras outras disciplinas (Centeno, 2003). Essa característica inerente do turismo como campo de estudo interdisciplinar resultou numa multiplicidade de definições e abordagens propostas por diversos autores. Cada académico, influenciado pela sua formação e especialização, contribui para a diversidade de perspetivas no estudo do turismo (Marujo, 2012). Sendo o turismo, um conceito abordado por meio dessa pluralidade de perspetivas e contribuições de diversas áreas, torna-se evidente que não existe uma definição de turismo que seja uma nem consensual, resultando assim, em definições que não podem ser categoricamente precisas ou

inexatas, já que cada uma delas, de alguma forma, enriquece a compreensão do fenômeno do turismo (Sancho, 2001).

Dada a diversidade de definições, é o nosso propósito abordar, neste contexto, apenas as facetas que possuem uma maior relevância para a presente dissertação. Assim, vislumbra-se a necessidade de tratar as definições concebidas a partir da perspectiva da oferta turística e aquelas delineadas sob a ótica da procura turística. Esta escolha fundamenta-se no seu alinhamento com o nosso objetivo de desenvolver um inovador produto turístico, tornando-a a abordagem mais apropriada e essencial para esta investigação. Sem a intenção de adentrar em discussões aprofundadas sobre as definições do turismo em si, concentremo-nos nos conteúdos que delas advêm.

As definições de turismo focadas na procura geralmente adotam uma perspectiva comportamental, centrando-se nas motivações dos visitantes. No que diz respeito à oferta, incluem-se os recursos, serviços, produtos e infraestruturas que suportam a atividade turística.

Até meados do século XX, as definições baseadas na procura centravam-se amplamente na caracterização do "turista" (Julião, 2013). Muitos autores contribuíram com definições orientadas para esse lado, como Mathieson e Wall (1982), que descreveram o turismo como o movimento de pessoas para fora das suas áreas de residência habituais, por períodos superiores a vinte e quatro horas. Estes autores também enfatizaram os impactos que essas deslocamentos geravam nas áreas de destino, particularmente nas esferas da cultura, património e sociedade.

Murphy (1985) oferece uma definição complementar, sublinhando que o foco do estudo do turismo está na interação e nas consequências dessa relação entre os turistas e as comunidades locais. Murphy destaca também os fatores psicológicos que influenciam a procura, como as motivações culturais, físicas e sociais dos turistas. Para além disso, sublinha a importância das interações entre turistas e residentes, valorizando o papel dos intermediários do mercado turístico, que facilitam essas conexões.

Contudo, Leiper (1979) propõe uma definição com uma perspectiva mais sistémica e abrangente do turismo. O autor destaca que o turismo pode ser entendido como um sistema complexo, envolvendo a deslocação de pessoas para fora das suas áreas habituais de residência, por uma ou mais noites, excluindo viagens com fins predominantemente comerciais. Este sistema turístico inclui não apenas as regiões de origem e destino, mas

também os próprios turistas, as rotas de trânsito e a indústria turística, que conecta todos esses elementos de forma geográfica e funcional. Como se trata de um sistema aberto, ele interage com fatores ambientais, culturais, sociais, económicos, políticos e tecnológicos, o que contribui para a sua definição como uma disciplina de estudo vasta e multifacetada.

De acordo com Côrte-Real (2013), os turistas ocupam uma posição central no sistema criado por Leiper, pois são os indivíduos que viajam para fora das suas áreas de residência por motivos de lazer ou outros. Os componentes geográficos essenciais incluem a região de origem, o destino turístico e as rotas de trânsito. A indústria do turismo, por sua vez, integra as várias empresas e organizações que oferecem serviços relacionados com o sector.

Todavia, as conceções pelo lado da procura revelam-se um pouco circulares, pois “apoiam-se na definição de turista para definir turismo” (Carvalho, 2009, p.8). Nas últimas décadas, surgiram diversas definições do conceito de turismo pela perspectiva da oferta, que o encaram como uma atividade económica. Smith (1995), por exemplo, define o turismo como um conjunto de atividades comerciais que, de forma direta ou indireta, disponibilizam bens e serviços a indivíduos que se deslocam para fora da sua área de residência habitual. Estes produtos e serviços incluem companhias aéreas, hotéis, operadores turísticos, serviços culturais e de lazer, entre outros (OMT, 1999, como citado em Carvalho & Batista, 2015).

Perante estas perspetivas, é inegável que a definição de turismo está em constante evolução e discussão. O turismo pode ser abordado de múltiplas formas, sem que uma visão seja necessariamente mais correta do que outra (Cunha, 1997). Esta pluralidade reflete a natureza multifacetada do turismo, que envolve não só os turistas, mas também as regiões de destino e as interações entre visitantes e residentes.

Neste contexto, a definição de Goeldner e Ritchie (2009) reforça essa abordagem integradora ao focar-se nas relações entre os diversos participantes no processo turístico:

“Tourism may be defined as the processes, activities, and outcomes arising from the relationships and the interactions among tourists, tourism suppliers, host governments, host communities, and surrounding environments that are involved in the attracting and hosting of visitors”.

Esta visão destaca como as dinâmicas entre turistas, fornecedores e comunidades locais moldam a experiência turística e os seus impactos, reforçando a ideia de que o turismo é um sistema interativo e em constante transformação.

Para além das interações sociais e culturais, é crucial considerar o impacto económico do turismo. Este setor gera receitas substanciais e é amplamente reconhecido como uma das

maiores atividades económicas a nível global (Davidson e Maitland, 1997). Em Portugal, o turismo representou cerca de 14% do PIB em 2022, refletindo a sua importância para a economia do país. Na Madeira, o setor é ainda mais relevante, contribuindo com 28,8% para o PIB regional e empregando 16,6% da população ativa.

Em suma, o turismo é uma atividade com repercussões significativas em vários níveis, abrangendo não apenas o movimento de pessoas entre regiões, mas também uma indústria diversificada que inclui múltiplos setores económicos, culturais e sociais (Carvalho, 2009). É importante para este estudo explorar igualmente os conceitos de cultura e literatura, os quais serão seguidos por uma análise de duas temáticas essenciais neste trabalho de pesquisa: o turismo cultural e o turismo literário.

2.1.2 Perspetivas sobre Literatura

A definição do conceito de literatura tem sido historicamente um desafio devido à sua natureza multifacetada e à ausência de limites rígidos que impedem apresentar uma definição categórica deste conceito (Quinteiro & Baleiro, 2017). Diante dessa complexidade, propomos uma análise da origem etimológica do termo e a apresentação de algumas teorias mais consensuais relativamente a este tema.

Na segunda metade do século XV, o termo "literatura" começa a ser usado com mais frequência, numa aceção que tem em conta a sua raiz epistemológica no termo "littera," que significa letra, caráter de escrita (Silva, 1986). Nesse período e até ao século XVIII, o conceito de literatura era utilizado num sentido abrangente, englobando toda a produção escrita, incluindo trabalhos de caráter científico e tecnológico (história, política, ciência, filosofia). Nessa época, eram utilizados os termos “eloquência, poesia e prosa” para denominar a arte e o conjunto de textos que atualmente identificamos como literatura (Silva, 1986). Sendo que a partir da segunda metade do século XVIII, devido aos significativos progressos na ciência e tecnologia, tornou-se inviável a inclusão de obras de natureza científica e tecnológica no contexto das "belas-letas". Portanto, a partir do início do século XIX, a palavra "literatura" começa a adquirir o significado que lhe atribuímos atualmente, passando a abranger tanto a arte da escrita quanto o conjunto de textos criativos, ou seja, textos não científicos (Silva, 1986).

Em relação à definição de literatura, Terry Eagleton (1996) argumenta que, na verdade, qualquer texto tem o potencial para ser considerado literatura, uma vez que a literatura,

enquanto construção sólida de valor imutável e produção textual definida por um estilo de linguagem particular, é uma noção inexistente. Dessa forma, Eagleton afirma que não existem atributos específicos nos textos que os qualifiquem de forma objetiva como literários. Essa perspectiva está alinhada com a ideia de Eric Donald Hirsch (1978), que sugere que, quando se aborda a literatura, a compreensão precisa e definitiva do que ela é escapanos. A tarefa de definir algo implica estabelecer fronteiras distintas, demarcando o objeto de estudo do que não pertence a esse objeto. No entanto, o conhecimento que temos da literatura não se encaixa facilmente nessa abordagem de traçar fronteiras rígidas. Em outras palavras, a literatura é um conceito complexo que não pode ser facilmente delimitado por características ou critérios precisos, sendo a nossa compreensão dela mais aberta e fluida do que a simples definição (Hirsch, 1978).

Todavia, ao retomarmos a perspectiva de Eagleton (1996), este sublinha que não há características intrínsecas nos textos que os tornem automaticamente literários. Em vez disso, a literariedade de um texto depende do público leitor. É o leitor que atribui esse caráter ao texto, não apenas com base nas suas características, mas também através da sua interpretação e apreciação pessoal. Nessa relação dialética, ocorre uma interação contínua entre a escrita e o leitor. Como Eagleton (2001, p. 9) afirma, essa relação não se limita ao que "as pessoas fazem com a escrita", mas também ao que "a escrita faz com as pessoas".

Assim, a definição de um texto como "literário" não decorre das suas qualidades intrínsecas, mas da forma como o lemos e interpretamos. Alguns textos já nascem com um caráter literário, enquanto outros adquirem essa condição pela abordagem adotada na sua leitura. Eagleton (2001) reforça, portanto, a ideia de que a literariedade é determinada pela leitura, sendo esta um processo ativo que confere ao texto o seu estatuto literário. Essa visão é partilhada também por Silva (2001), que defende que uma obra "só adquire efetiva existência como obra literária, como objeto estético, quando é lida e interpretada por um leitor, de acordo com determinados conhecimentos, convenções e práticas institucionais" (p. 33). Em síntese, o texto literário, como objeto estético, só adquire significado através da interpretação de um leitor. O autor, enquanto criador de ideias, escreve para um público "virtual", composto por leitores que ele desconhece (Lopes, 2010). Contudo, esse público potencial pode ser delineado, de acordo com Francis Vanoye (1991), dentro de determinados parâmetros, que incluem a intenção do autor, o género literário, as formas de distribuição e produção da obra, bem como o seu conteúdo.

Para Cândido, a literatura desempenha uma "função psicológica" (2012, p. 82), algo que surge como uma das primeiras associações ao pensarmos no seu papel. De acordo com essa perspectiva, existe uma suposição de que a literatura cumpre um papel fundamental ao satisfazer a necessidade humana universal de escapismo, ficção e fantasia, através das suas características únicas. A literatura atende a essa necessidade por meio de formas como “anedotas, adivinhas, trocadilhos... narrativas populares, cantos folclóricos, lendas e mitos” (Cândido, 2012, p. 83). Em essência, a literatura é entendida como uma resposta à necessidade humana de vivenciar ficção e fantasia, o que a torna particularmente relevante na experiência humana. No entanto, Cândido salienta que a fantasia literária não se restringe à ficção pura, pois contém elementos da realidade. Para o autor, a criação de mundos fantásticos não se resume a uma imaginação desenraizada, mas integra aspetos reais, como “fenómenos naturais, paisagens, sentimentos, eventos, desejos de explicação, costumes e questões humanas” (Cândido, 2012, p. 83). Nesse sentido, a literatura não apenas proporciona escapismo, mas também estabelece uma ponte entre a realidade e a ficção, oferecendo uma experiência rica e multifacetada. Weliek (1978) complementa esta visão ao afirmar que o principal traço distintivo da literatura é a sua ficcionalidade. Nesse sentido, a literatura não se define pela sua correspondência com a realidade, mas pela criação de universos imaginários. De forma semelhante, Todorov (1978) defende que as obras literárias não têm a intenção de descrever factos ou fazer afirmações objetivas, o que significa que não podem ser classificadas como verdadeiras ou falsas. Para este autor, as questões de realidade ou verdade são secundárias em relação ao propósito central da literatura, que é construir uma estrutura verbal que se justifica em si mesma.

Conforme Chiaramonte (2012), alguns escritores veem a arte literária como uma expressão estética, uma "arte pela arte", enquanto outros reconhecem seu potencial para promover transformações sociais e estabelecer um compromisso com o leitor, visando influenciar comportamentos. Reis (2001) argumenta que a literatura se insere numa dimensão sociocultural, funcionando como um instrumento de intervenção social. Além disso, muitos escritores utilizam a literatura como um meio de expressão emocional e representação da realidade, permitindo ao leitor explorar diversos contextos e experiências. Essa perspectiva reforça a ideia de que a literatura desempenha um papel social significativo, ao criar uma ligação entre o leitor e o texto, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da sociedade e da experiência humana.

As diversas perspectivas aqui analisadas proporcionam uma compreensão mais sólida do que pode ser considerado literatura. Uma característica essencial é que a literatura se manifesta na forma de um texto escrito. No entanto, as definições anteriores destacam que nem todo texto escrito se qualifica como literatura. Por exemplo, uma receita ou um panfleto possui texto escrito, mas não requer de “uma sofisticação no modo de trabalhar a palavra” (Quinteiro e Baleiro, 2019, p.12). Mesmo quando há atenção à qualidade linguística, como em trabalhos de pesquisa, esses textos podem não permitir que o leitor escape da realidade, carecendo de uma qualidade emotiva, de ficção, ou da capacidade de transportar o leitor para outras realidades. Dessa forma, a literatura não se limita apenas a uma linguagem bem trabalhada, mas também à habilidade de transportar o leitor para uma experiência mais profunda e significativa, desenvolvendo a sua capacidade conotativa (Amaral, 2019).

Para além dessa característica, as autoras apresentam outras características, que estas, consideram inerentes ao conceito de literatura (Quinteiro e Baleiro, 2019, 13):

- (i) “ É um conceito situado, na medida em que é determinado pelo conjunto de convenções partilhadas por uma dada comunidade numa determinada época;
- (ii) Refere-se a um campo pluridimensional de materialização textual que está em permanente mutação, num jogo entre a tradição e a transgressão/a criatividade;
- (iii) Refere-se àqueles textos que pelas suas características exigem do leitor uma atitude de leitura particular (estética, atenta, crítica, tal como refere Jean-Paul Sartre, [1948] 1993: 31);
- (iv) Designa o produto situado da transação entre leitor e criação textual;
- (v) Coincide com o conjunto de produções textuais socialmente valorizadas e que foram assim classificadas pelo cânone de uma dada comunidade numa determinada época.”

Em essência, a literatura pode ser entendida como uma expressão linguística cuidada que cria um universo ficcional regido pelas suas próprias regras, exigindo um modo específico de leitura e uma atenção distinta. Dessa forma, a literatura proporciona ao leitor oportunidades de reflexão sobre si mesmo, a vida, a condição humana e também de viajar para outras realidades (Quinteiro & Baleiro, 2019).

2.1.3 Perspetivas sobre Cultura

A cultura é um fenómeno multidimensional de indiscutível complexidade, tornando-se, por conseguinte, imune a uma definição universal (Pires, 2006). Ao longo da história, o conceito de cultura tem sido interpretado de variadas maneiras, variando de acordo com as diferentes correntes de pensamento e sociedades, sendo incessantemente objeto de escrutínio e reelaboração. Isto resulta numa natureza complexa e na impossibilidade de ser rigidamente definido de forma única (Reisinger, 2009). No entanto, este estudo não tem a intenção de abordar exhaustivamente a complexidade do conceito em todas as suas facetas; em vez disso, limitar-nos-emos a mencionar algumas contribuições consideradas relevantes para o âmbito desta dissertação.

Conforme a etimologia clássica do conceito de cultura, a lexema "cultura" deriva da palavra latina "culturae", que originalmente se associava ao cultivo da terra e ao cuidado dos animais. Ao longo do tempo, este conceito foi sofrendo alterações e, a partir do século XVI, passou a abranger também o desenvolvimento das capacidades intelectuais humanas e o cultivo da excelência espiritual (Williams, 1976).

Uma das interpretações mais clássicas do conceito de cultura é aquela proposta pelo antropólogo Edward Tylor (1871). Nesta abordagem, Tylor concebe a cultura como o "todo complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade" (Tylor, 1871, p.1.) Segundo a definição de Tylor, a cultura está intrinsecamente ligada à interação entre indivíduos e à maneira como compartilham conhecimento uns com os outros. Assim, a cultura caracteriza-se pela sua natureza coletiva, fomentando a conceção de que a aprendizagem pode ser agregada, assimilada e difundida na sociedade ao longo do tempo, seja através de tradições orais ou escritas (Marujo, 2012).

Segundo Rocher, cultura é um "conjunto ligado de maneiras de pensar, de sentir e de agir mais ou menos formalizadas que, sendo apreendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, servem, de uma maneira simultaneamente objetiva e simbólica, para organizar essas pessoas numa coletividade particular e distinta." (Rocher, 1977, pp. 198). O autor também enfatiza que a cultura inclui saberes, ideias, formas de expressão dos sentimentos e regras. Esses elementos culturais podem ser muito formalizados em códigos de lei, fórmulas, rituais, cerimônias, protocolo e regras de boa educação (Rocher, 1977). Portanto, os traços culturais

representam uma herança social que organiza e distingue grupos de pessoas em sociedades específicas.

Reimão (1996) oferece uma definição de cultura um pouco mais ampla e generalista que as anteriores, descrevendo-a como base do funcionamento social. Este descreve a cultura como um componente essencial no entendimento social e político, desempenhando o papel de sustentar as tradições e memórias de uma comunidade ou sociedade. De forma mais específica, Reimão afirma que, no contexto social, a cultura engloba tudo aquilo que os homens criaram ao longo do tempo e em todos os domínios, numa dada sociedade. É, portanto, todo um conjunto de elementos de ordem material e mental, algo que, através da sociedade, se recebe do passado, sofrendo naturais alterações, quer por abandono de certos elementos, quer por absorção de elementos novos” (Reimão, 1996, p. 310). Nesta perspectiva, a cultura é vista como um conjunto dinâmico de elementos que gradualmente absorve novos elementos ao longo do tempo. Esta noção assemelha-se à visão de Claude Lévi-Strauss, que argumenta que nenhuma cultura permanece estática e que o progresso cultural ocorre quando entra em contato com outras culturas. Portanto, para Strauss, as culturas não existem isoladamente; elas se desenvolvem e transformam por meio do intercâmbio com outras culturas (Strauss, 1976). Ambos os autores destacam a influência e a moldagem da cultura pela interação com diferentes sociedades e experiências, evidenciando a sua natureza dinâmica e adaptativa ao longo do tempo.

Em resumo, o termo cultura engloba “um sistema de valores relacionado ao desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, uma síntese do "modo de vida" de um grupo ou sociedade” (Marujo, 2012, p.45). A cultura manifesta-se nas realizações artísticas e intelectuais desse grupo, revelando como pensam, agem e vivem, e, assim, expressando a sua identidade única (Marujo, 2012). Além disso, a cultura representa o legado deixado por essa comunidade ou grupo, transmitindo às gerações futuras uma compreensão mais profunda da sua história e valores. Atualmente, há um crescente desejo por parte de países, regiões, cidades, vilas e aldeias de promover e compartilhar as suas culturas. Assim, no âmbito do turismo, a promoção da "cultura" visa principalmente a valorização da identidade cultural, a apreciação das atrações locais, a criação de itinerários temáticos variados, visitas a locais musealizados e monumentos, bem como a participação em eventos culturais e celebrações tradicionais (Pereira & Peres, 2010). Logo, no domínio turístico, a cultura

emerge como o fator distintivo predominante, refletindo a ênfase crescente na promoção e partilha do património cultural.

Seguidamente, abordaremos as definições de turismo cultural e turismo literário.

2.2 Turismo Cultural e Literário

2.2.1 Relação entre Turismo e Cultura

A estreita ligação entre turismo e cultura é incontestável, sendo a prática turística intrinsecamente relacionada com elementos culturais (Gandarra et al., 2006). Ao explorar a temática do turismo, é inevitável considerar a dimensão cultural, especialmente quando se reconhece o papel proeminente desempenhado pela cultura local como um atrativo para os turistas. Destaca-se, assim, o impacto significativo da cultura como um fator de interesse para os visitantes, especialmente aqueles que buscam experiências únicas em relação às suas rotinas habituais (Virgínio, 2010).

A autenticidade cultural, expressa através de tradições locais, património histórico e expressões artísticas, torna-se uma peça central na tomada de decisão dos turistas na escolha de destinos. Dessa forma, a cultura emerge como um trunfo significativo para o desenvolvimento turístico de diversas localidades, sendo considerada um recurso valioso para o crescimento da indústria turística (Richards, 2001). Neste contexto, no âmbito do setor turístico, verifica-se a mercantilização da cultura, conforme afirmado por Marujo (2014): "vende-se a cultura [...] com um único objetivo: atrair turistas" (p.2). O turismo cultural proporciona ao viajante o acesso às diversas formas de expressão cultural do local visitado (Ramos, 2013). É o turismo que, ao promover e negociar esse acesso, transforma a cultura em um produto, desempenhando um papel central ao reunir elementos variados e, mediante um custo associado, proporciona ao turista a experiência de desfrutar o património cultural, como museus, galerias de arte, gastronomia e folclore, assim como o modo de vida local (Cunha, 1997).

As distintas características culturais e identidades locais, quando habilmente convertidas em produtos de consumo, assumem um papel crucial no desenvolvimento do setor turístico a nível regional e local (Lucas, 2003). O património cultural único de cada localidade contribui significativamente para a competitividade crescente no mercado global de turismo (Correia, 2020). A oferta cultural, cuidadosamente planeada para atrair turistas, tem um impacto notável nas comunidades locais, como observado por Marujo (2012). No entanto, como muitos autores apontam, essa influência pode ser negativa, dado o risco de a cultura se tornar comercializada, resultando na perda de autenticidade e numa possível homogeneização (Ramos, 2013).

Apesar dessas preocupações, Greenwood (1989) argumenta que a objetificação da cultura através do turismo nem sempre resulta na sua destruição. Em alguns casos, essa exposição pode transformar e estimular a revitalização e proliferação da cultura. Essa visão mais positiva é corroborada pelo relatório da Organização Mundial do Turismo sobre Património Cultural e Desenvolvimento do Turismo, que reconhece o turismo como uma ferramenta eficaz não apenas para o desenvolvimento económico, mas também para a preservação cultural. O turismo promove a conservação do património, tanto material quanto imaterial, abrangendo monumentos, artes, lendas e tradições, elementos que, de outra forma, poderiam ser esquecidos ou negligenciados.

Além disso, ao serem reconhecidos como pontos de interesse turístico, esses elementos culturais tornam-se peças fundamentais na experiência dos visitantes, o que reforça sua preservação e promoção. O interesse turístico desempenha, assim, um papel crucial na manutenção e valorização da herança cultural local (Barretto, 2007).

Logo, pode-se afirmar que a interligação entre cultura e turismo assenta em dois alicerces fundamentais: o primeiro baseia-se na presença de indivíduos motivados para explorar diversas culturas, ao passo que o segundo realça a capacidade do turismo enquanto instrumento crucial na promoção económica de bens culturais, bem como na valorização, promoção e preservação da identidade cultural. Essa dinâmica revela, assim, uma relação simbiótica entre o turismo e a cultura, já que se o turismo destaca e promove elementos culturais, enquanto a cultura local molda e enriquece a oferta turística.

2.2.2 Definição de Turismo Cultural

A definição precisa de turismo cultural representa um desafio considerável, uma vez que não se encontra uma interpretação estável e definitiva (Amaral, 2019). Este desafio é resultado da intrincada complexidade e dificuldade inerentes aos dois conceitos subjacentes: turismo e cultura. A própria definição individual destes termos é uma tarefa complexa e, ao serem amalgamados, proporcionam ao conceito de turismo cultural uma extensa variedade de perspectivas e definições possíveis (Richards, 1996).

No século XVIII, conforme esclarecido por Namora (2017), surgiu a prática precursora do que atualmente entendemos como turismo cultural, denominada "*Grand Tour*". A "*Grand Tour*", conforme analisada por Salgueiro (2002), configurou-se como uma prática social caracterizada pela viagem motivada pelo deleite e apreço pela cultura, ganhando notável

popularidade entre as classes mais altas endinheiradas. Os participantes dessas jornadas, conhecidos como "*grand tourists*", realizavam incursões por diversas cidades europeias, procurando descobrir o património cultural dessas regiões, explorando antiguidades e monumentos (Salgueiro, 2002).

Neste contexto, Milheiro & Melo (2005, p. 116) destacam que "o viajante passou a ser, pela primeira vez, um turista, associando o lazer e a ânsia de conhecimento ao prazer da descoberta de países, monumentos, tradições, sabores e culturas diferentes". De acordo com Krippendorf (1989), os "*grand tourists*", classificados como pré-turistas, são caracterizados como indivíduos motivados pela busca do conhecimento, vinculando as suas viagens a um processo de aprendizagem ativa, percebendo-as como meio de vivenciar a história e complementar a educação. Este estágio pré-turístico, segundo o autor, representa a origem do turismo cultural, constituindo-se como um meio de aprofundar o entendimento sobre as diversas culturas globais e refletir sobre a própria cultura.

No entanto, no final do século IX e século XX, emerge uma nova era no âmbito do turismo, designada como turismo industrial, associada ao fenómeno do turismo de massa, o qual reflete os valores inerentes à Modernidade (Perez, 2009). O turismo de massa fundamentava-se na disponibilização de alguns atrativos para um vasto contingente de turistas, mediante pacotes de viagem, que originava sobrecarga e saturação nos destinos (Beni, 2001). Importa salientar que este tipo de turismo se concentrava, primordialmente, em destinos de sol, praia e calor, enfatizando o repouso em detrimento de uma procura ativa por conhecimento, tal como observado em tempos precedentes. Face a essa saturação, tanto por parte da oferta turística, quanto da demanda, o setor turístico começou a procurar alternativas, reagindo a esse modelo e entrando na fase do pós-turismo, numa analogia à sociedade Pós-Moderna (Vanzella et al., 2014). Conforme advoga Carvalho (2020), no final do século XX e início do século XXI, delineou-se um perfil de turista com um comportamento distinto, rompendo com o paradigma do turismo de massa. Este turista deixou de só aspirar a destinos convencionais de sol, mar e areia e abandonou a postura passiva de mero consumidor de pacotes, optando por uma abordagem mais ativa e participativa, com uma maior procura por um maior nível cultural. Estes turistas favorecem destinos com menor afluência de visitantes, escapando, assim, ao paradigma do turismo de massas (Rodrigues, 2018).

De acordo com Vanzella et al. (2014), na sociedade pós-moderna, o fenómeno turístico experimentou uma fragmentação, dando origem a diversos segmentos e nichos como resposta às demandas específicas dessa era contemporânea. Essa subdivisão não apenas atende às exigências dos turistas, mas também se adapta às características singulares dos destinos recetores. A diversificação do turismo propiciou uma abordagem mais refinada na oferta de experiências, contemplando uma ampla variedade de públicos e viabilizando a implementação de atividades turísticas em locais diversos, transcendendo a tradicional limitação aos grandes centros urbanos ou destinos litorâneos. Regiões que, anteriormente, careciam de atrativos turísticos expressivos do ponto de vista do turismo de massa, tornam-se notavelmente atrativas para o turismo após a delimitação de segmentos específicos de atuação turística. Dentre esses segmentos, destaca-se o turismo motivado pela cultura (Oliveira, 2020).

Neste contexto de transformação na esfera turística, conforme indicado pelos dados de 2014 do Conselho da União Europeia no âmbito do projeto "Reforçar o turismo dinamizando o património cultural, natural e marítimo da Europa", evidencia-se que o Turismo Cultural figura como um dos segmentos mais proeminentes no cenário do Turismo Global europeu. Tais dados revelam que o turismo cultural representa aproximadamente 40% do total do turismo na Europa.¹

Como referido anteriormente, a conceitualização do turismo cultural carece de uma definição unânime e manifesta variações conforme os distintos autores e a sua evolução como setor turístico. Desde os anos 1980, este conceito tem sido objeto de especial atenção na literatura analítica, suscitando assim uma diversidade de definições propostas por distintos autores (Oliveira, 2017). Estas variações abrangem desde abordagens mais teóricas e simplistas até aquelas mais técnicas e precisas. Greg Richards (1996) destaca, por exemplo, que as definições sobre o turismo cultural podem ser categorizadas em duas abordagens: conceituais, que descrevem a atividade em si, e técnicas, que medem o volume e o valor dessa prática turística. Na perspetiva conceptual de Richards (1996) sobre turismo cultural, destaca-se a ênfase na movimentação de indivíduos em direção a atrações culturais fora da sua residência habitual, com o propósito de adquirir novas experiências para satisfazer as suas necessidades culturais. Já na vertente mais técnica, Richards (1996) abarca todas as

¹ <https://data.consilium.europa.eu/doc/document/ST-15160-2014-INIT/pt/pdf>

deslocações de pessoas para destinos culturais específicos, como locais de património, manifestações artísticas e culturais, artes e dramaturgia, fora da sua residência habitual.

A definição da Organização Mundial do Turismo (OMT) coaduna-se com a abordagem mais técnica de Richards (1996). A OMT concebe o turismo cultural como o “movimento de pessoas, essencialmente por motivos culturais, incluindo visitas de grupo, visitas culturais, viagens a festivais, visitas a sítios históricos e monumentos, folclore e peregrinação” (1995), ou seja, a expressão cultural composta por valores, costumes, símbolos pertencentes a diferentes grupos sociais, assume uma posição proeminente neste setor, servindo como um motivador significativo para a movimentação de turistas.

A European Travel Commission (2005) postula que o turismo cultural se delineia por meio das visitas de indivíduos oriundos de fora da comunidade hospedeira, impelidos pelo interesse em explorar o património cultural oferecido pela comunidade e região. Além disso, a European Travel Commission destaca que esta forma de turismo se caracteriza pela busca ativa de novas experiências e aprendizagens, de modo a atender às necessidades culturais e intelectuais dos visitantes.

Conforme referido por Santos (2012), a demarcação entre o turismo cultural e outros segmentos turísticos nem sempre se afigura evidente. Com isso, segundo a perspectiva de Richards (2001), a distinção do turismo cultural reside na sua função educativa, centrada no processo de aprendizagem. Os turistas culturais têm a possibilidade de assimilar conhecimentos acerca da cultura dos locais visitados e de vivenciar novas experiências. Como é referido na definição para turismo cultural da ICOMOS (1999), o turismo cultural pode ser definido como a prática que possibilita às pessoas vivenciarem as distintas formas de vida de outras comunidades, proporcionando, assim, uma compreensão imediata de seus costumes, tradições, ambiente físico, ideias intelectuais e lugares de relevância arquitetónica, histórica, arqueológica ou de outro significado cultural remanescente de períodos passados. A distinção do turismo cultural em relação ao turismo recreativo reside no facto de o turista cultural procura compreender ou apreciar a essência do local visitado.

Em concordância com as definições anteriores, Marujo et al. (2013), caracterizam o turismo cultural pela decisão do turista em conhecer e experienciar lugares que se envolvem intrinsecamente com a história e cultura de uma de uma certa sociedade. Conforme enfatizado pelos autores, as características culturais variam entre diferentes sociedades, e com isso, o turista é impulsionado a cada vez mais apreciar e a consumir essas particularidades culturais

presentes no património de uma cidade, vila ou aldeia (como citado em Namora, 2017). Como mencionado por Sardo (2009), este tipo de turismo torna-se cada vez mais crucial, pois não apenas garante uma maior diversificação do produto turístico, mas também promove a valorização de regiões e cidades que dinamizam diversos produtos culturais, como festivais, itinerários turísticos e atrações culturais, integrando-se assim no mercado turístico (Kohler, Durand, 2007). Sardo (2009) também considera que o turismo cultural desempenha um papel crucial como "uma forma de preservar as culturas locais 'ameaçadas' pela pressão da globalização cultural" (p. 340).

Em relação aos objetivos do Turismo Cultural, Walter Jamieson determina que este tipo de turismo possui vários objetivos que devem ser alcançados no contexto do desenvolvimento sustentável, sendo estes: "a conservação dos recursos culturais; a interpretação precisa dos recursos; experiências autênticas para os visitantes; o estímulo das receitas geradas pelos recursos culturais." (2000, p.5).

Vale destacar que o turismo cultural desempenha um papel abrangente, atuando como um verdadeiro "guarda-chuva" que abrange uma ampla variedade de atividades, tais como o turismo gastronómico, etnográfico e literário (Borges et al., 2013, p. 141). Este conceito vai além da mera valorização e preservação do património cultural material, incluindo também a apreciação e conservação do património cultural imaterial. Isso, por sua vez, tem dado origem a novos segmentos turísticos, como o turismo etnográfico e literário, como destacado anteriormente.

Concluindo, o turismo cultural é uma prática complexa e diversificada, cuja definição é permeada por diversas perspetivas e necessidades. Embora haja variações nas definições apresentadas, é possível identificar elementos comuns, como o deslocamento do indivíduo para fora de sua residência habitual e a interação com a cultura do local visitado.

2.2.3 Tipologia e motivações do turista cultural

Henriques (2003) postula que o turista cultural tem como motivo principal da sua viagem a cultura do local escolhido. Contudo, numa aceção mais exata sobre o conceito de turista cultural, é necessário a clarificação da motivação originária por trás da viagem, ou seja, é importante perceber se a cultura assume um papel central ou periférico na viagem. Se o turista cultural é predominantemente motivado pelo turismo cultural ou se participa numa variedade de atividades, incluído alguma de natureza cultural, ao longo da sua viagem

(Henriques, 2003). Estas distinções revelam-se de suma importância para os profissionais envolvidos na gestão de destinos turísticos, uma vez que possibilita assim uma abordagem mais precisa no planeamento, gestão e preparação da oferta turística (Vareiro et al, 2012). Sendo que a compreensão da motivação e o perfil do turista permite uma adequação estratégica, melhora a experiência do visitante e potencializa os recursos disponíveis.

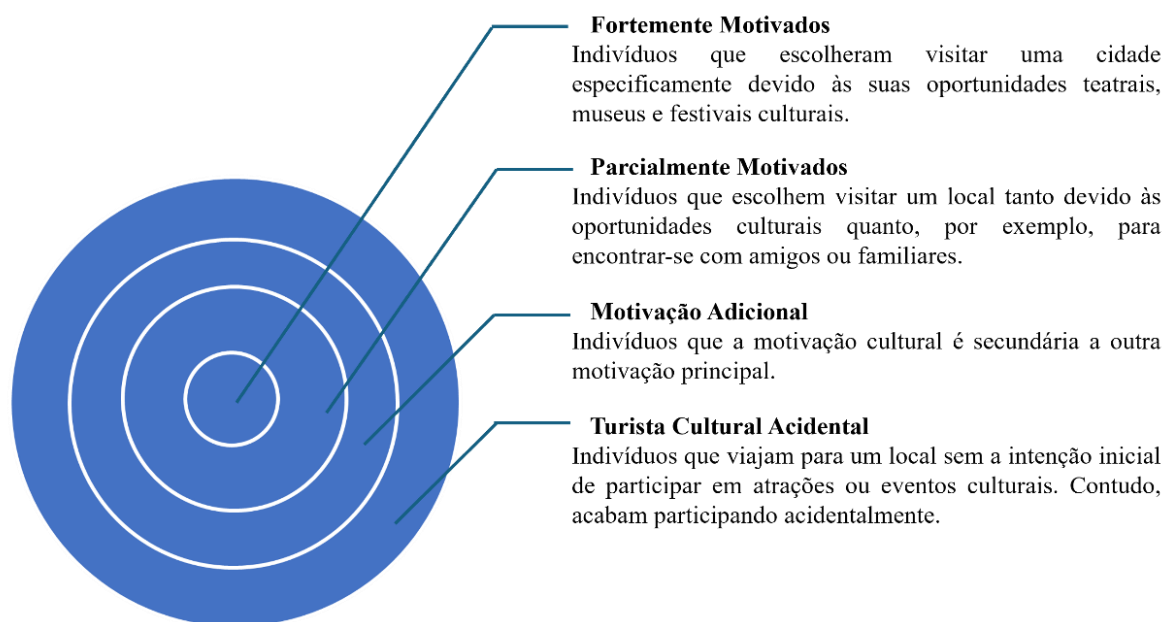
Estas caracterizações, análises e distinções das motivações do turista cultural são conduzidas de maneiras variadas, abrangendo desde visões mais generalizadas até análises mais específicas (Gomes, 2019). À vista disso, este estudo optará por abordar diversas perspectivas com vários graus de complexidades, visando uma compreensão mais completa e abrangente do fenómeno.

Greg Richards (2009) refere que toda a atividade turística incorpora intrinsecamente algum elemento cultural. O autor destaca que, mesmo em viagens inicialmente não concebidas com um enfoque cultural específico, os turistas inevitavelmente participam em experiências culturais. Richards (2009) ilustra este fenómeno ao afirmar que um turista, inicialmente destinado à praia, perante condições climáticas adversas, opta por substituir a ida à praia por uma visita a um museu. Da mesma forma, aqueles que exploram casualmente uma cidade podem deparar-se, de modo imprevisto, com um festival local. Esta componente cultural presente nas viagens não se restringe a eventos planeados, manifestando-se também em atividades aparentemente simples, como uma visita a um local histórico ou somente desfrutar o ambiente cultural de uma rua. Nesse sentido, os turistas culturais "acidentais" podem apresentar diferenças significativas em termos de motivações, em comparação com aqueles que proactivamente selecionam destinos com o propósito de aprofundar o seu conhecimento e o desejo de imergir na cultura (Richards, como citado em Amaral, 2019). Por isso, Richards (2004) propõe uma dicotomia na categorização dos turistas culturais, distinguindo entre características dos turistas culturais "acidentais" e dos turistas culturais "abutres". Os primeiros consomem produtos culturais como parte integrante de uma experiência turística ampla, de forma casual. Estes turistas não ponderam especificamente os elementos culturais quando selecionam um destino turístico, consomem cultura de maneira despreziosa na viagem, enquanto os segundos viajam com a intenção deliberada de interagir com um elemento cultural específico do destino, tornando as atrações culturais um fator crucial na sua escolha.

Contudo, como mencionado anteriormente, as análises e caracterizações da motivação dos turistas culturais variam em complexidade e abordagem. Greg Richards (2004) reflete se os turistas já possuem propósitos culturais definidos para suas viagens ou se são acidentais. No entanto, outros autores não apenas caracterizam, mas também avaliam o nível de motivação no que diz respeito ao consumo do turismo cultural por parte dos turistas.

Silberberg (1995, p.362) conduziu uma pesquisa na qual elaborou um esquema para distinguir os diferentes níveis de motivação dos turistas que resultam na sua participação no turismo cultural (ver figura 1).

Figura 1 - Grau Motivacional do Turista Cultural



Fonte: Elaboração própria com base em Silberberg (1995)

Considerando o esquema dos diferentes graus motivacionais do turista cultural proposto por Silberberg (1995), é plausível argumentar que a motivação para a viagem varia em intensidade, abrangendo categorias como forte, parcial, adicional e acidental. Importa salientar que essas motivações não são estáticas, mas sim dinâmicas, correlacionando-se com o nível de interesse que os indivíduos possuem em atividades culturais. No epicentro do espectro, observamos uma minoria de indivíduos altamente motivados pela cultura como principal impulsionador das suas viagens. Contrastando com essa perspectiva, na extremidade oposta, observamos uma maioria de turistas cuja motivação cultural é acidental. Em outras

palavras, esses viajantes não embarcam na jornada com uma motivação cultural específica, mas acabam consumindo elementos culturais de maneira incidental durante a sua estadia. Da mesma forma, Mckercher e Cros (2002) ofereceram um conjunto de reflexões que contribuem para definir a concepção de turista cultural, a partir de um estudo empírico realizado em Hong Kong. Estes abordam a necessidade crucial de distinguir entre motivação central e secundária. No entanto, ao delinearem uma tipologia de turista cultural, os autores não se restringem apenas à centralidade da motivação cultural, eles também consideram a profundidade da experiência. Essa abordagem parte do pressuposto de que diferentes tipos de turistas almejam vivências distintas ao explorar as atrações visitadas (Henriques, 2003) (ver tabela 1).

Tabela 1 - Tipos de Motivações dos Turistas segundo Mckercher e du Cros (2002)

Purposeful (Determinado/Motivado)	Indivíduos que viajam por motivos culturais, têm uma experiência profunda.
Sightseeing (Despreocupado)	Indivíduos que tem a motivação cultural como a principal ou a mais importante motivação. Contudo, têm uma experiência superficial.
Casual (Casual)	Indivíduos com uma fraca motivação cultural, mas têm uma experiência cultural superficial.
Incidental (Acidental)	Indivíduos que não viajam com motivação cultural, mas acidentalmente participam em algumas atividades culturais. Têm uma experiência superficial.
Serendipitoso (Serenos)	Indivíduos que não viajam motivados culturalmente. Porém, têm uma experiência cultural profunda.

Fonte: Elaboração própria com base em Mckercher e Cros (2002).

Por meio destas diferenciações, é viável deduzir que os fatores essenciais que distinguem um turista cultural de outro assentam no envolvimento com a cultura do local e na busca por vivências nesse âmbito, mesmo quando a cultura não figura como a motivação exclusiva da viagem (Gomes, 2019).

Além disso, Henriques (2003) destaca que a motivação e a profundidade da experiência do turista são influenciadas por fatores específicos, como a duração da estadia e se é a primeira visita ao destino. Turistas que escolhem estadias mais prolongadas e aqueles que exploram o destino pela primeira vez demonstram uma maior propensão para participar em

diversas atividades, incluindo as de natureza cultural. Estes elementos, de acordo com Henriques (2003), desempenham um papel crucial na compreensão da dinâmica do turista cultural. Neste contexto, como sublinha Richards (2009), ao identificar o tipo específico de turistas e a sua motivação, torna-se possível gerir de forma mais adequada os recursos turísticos culturais, evitando assim a homogeneização excessiva das atrações culturais.

2.2.4 Impactos do turismo cultural

O impacto, na sua essência, revela-se como uma transformação de um determinado estado ou condição, derivado de estímulos externos (Kohler, 2019). Todas as atividades económicas desenvolvidas criam múltiplos efeitos, tanto positivos como negativos. Assim, a atividade turística no geral e em específico o turismo cultural, quando desenvolvido numa região, desencadeiam uma miríade de efeitos que reverberam por todas as esferas da sociedade, englobando aspetos positivos e negativos de natureza social, económica, cultural, ambiental e política (Fulano, 2023).

Considerando o crescente destaque do turismo cultural como um dos produtos turísticos de relevância global, é crucial abordar algumas das repercussões desse fenómeno, com o objetivo de melhorar o entendimento sobre ele (Nascimento et al., 2017). Nesse sentido, iremos aqui abordar alguns dos impactos positivos e negativos a nível sociocultural, económico e ambiental.

No âmbito sociocultural de um destino, a evolução do turismo cultural contribui para uma valorização ampliada do património cultural (Ruschmann, 1999), aprimoramento de infraestruturas (vias, energia, saneamento) e serviços sociais (hospitais, escolas), além da preservação mais efetiva do património (Vareiro et al., 2012), entre outros impactos positivos. Entretanto, é importante destacar que, no mesmo destino, o desenvolvimento do turismo cultural pode também resultar na diminuição da qualidade de vida dos residentes, decorrente do aumento do custo de vida, sobrelotação do espaço e maior aculturação (Mathieson & Wall, 1990, conforme citado em Lima, 2012). Seguidamente, uma tabela

síntese será apresentada, destacando alguns dos impactos socioculturais, tanto positivos quanto negativos, do turismo cultural.

Tabela 2 - Impactos socioculturais positivos e negativos do Turismo Cultural

Impactos Socioculturais Positivos	Impactos Socioculturais Negativos
<ul style="list-style-type: none"> • Valorização da herança cultural (Ruschmann, 1999); • Contribuição para a preservação do património (Vareiro et al., 2012); • Melhoria das infraestruturas e serviços sociais (Brida et al., 2011); • Crescimento da oferta de eventos culturais (Eusébio & Carneiro, 2012); • Aumento do intercâmbio cultural (Gandarra et al., 2006); • Rejuvenescimento das artes e ofícios tradicionais (Brida et al., 2011); • Crescimento do consumo de bens e serviços culturais locais, originando mais oportunidades de emprego (Gandarra et al., 2006); 	<ul style="list-style-type: none"> • Diminuição da qualidade de vida dos residentes (stress e aumento do custo de vida) (Renda, 2012); • Impacto na autenticidade e espontaneidade de manifestações culturais (Gandarra et al., 2006) • Destruição e descaracterização do património construído (Mathieson & Wall 1990, como citado em Souza, 2009); • Arrogância social (OMT,2004); • Sobrelotação do espaço (Souza, 2009); • Aculturação (Mathieson & Wall, 2006, como citado em Lima, 2012); • Aumento de crimes, prostituição (Lima, 2012);

Fonte: Elaboração própria com base nos autores citados

Em termos económicos, o impacto do turismo cultural manifesta-se por meio de investimentos e oportunidades de emprego para a comunidade (Vilar, 2007). Além disso, o turismo cultural promove a diversificação da economia local, estimulando o desenvolvimento e a criação de novos serviços e indústrias (Gavião, 2020), gerando impactos positivos. No entanto, é crucial reconhecer que o turismo cultural também acarreta efeitos adversos na economia, como o aumento de serviços turísticos, alguns dos quais podem ser de qualidade inferior (Russo, 2002, citado em Kohler, 2019), o aumento das despesas públicas (Souza, 2009) e o aumento da especulação imobiliária, resultando na gentrificação do local (Maitland, 2007, citado em Carvalho et al., 2011). A tabela subsequente oferece uma síntese das publicações que exploram tanto os impactos económicos positivos quanto negativos do turismo.

Tabela 3 - Impactos económicos positivos e negativos do Turismo Cultural

Impactos Económicos Positivos	Impactos Económicos Negativos
<ul style="list-style-type: none"> • Criação de empregos e empreendimentos (Vilar, 2007); • Diversificação da economia local (Gavião, 2020); • Maior valorização imobiliária (Russo, 2002, como citado em Kohler, 2019); • Incremento das receitas locais ou regionais (Gavião, 2020); 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumento de serviços turísticos de baixa qualidade (Russo, 2002, como citado em Kohler, 2019); • Negócios massificados (Russo, 2002, como citado em Kohler, 2019); • Aumento das despesas publicas (Souza, 2009); • Gentrificação (Maitland, 2007, como citado em Carvalho et al, 2011);

Fonte: Elaboração própria com base nos autores citados

Na esfera ambiental, o turismo cultural deixa, inegavelmente, a sua marca. No que diz respeito à literatura específica sobre os impactos ambientais do turismo cultural, a disponibilidade é limitada. No entanto, Kohler (2019) destaca que, do ponto de vista ambiental, os impactos positivos incluem a restauração e conservação do património cultural material, assim como a criação de infraestruturas aprimoradas para receber os turistas. Por outro lado, os impactos negativos são evidentes, manifestando-se na deterioração acentuada do património devido ao intenso fluxo de visitantes, resultando em desgaste e danos. Questões como vandalismo e depredação de bens culturais, tanto móveis quanto imóveis, também surgem como preocupações significativas. A presença massiva de turistas contribui para uma maior poluição, evidenciada pelo acúmulo de resíduos, bem como pela deterioração do património cultural (Kohler, 2019).

Em síntese, o turismo cultural confronta-se com o desafio premente de garantir a sustentabilidade e preservação do património cultural, tanto material quanto imaterial, ao mesmo tempo que fomenta o seu acesso (Amaral, 2020). Esse imperativo demanda um equilíbrio delicado, considerando os excessos delineados em diversas esferas da sociedade – sociocultural, económica e ambiental, tais como aculturação, a gentrificação e a deterioração do património cultural. Portanto, torna-se importante que o turismo cultural seja cuidadosamente planeado e integralmente integrado, adotando uma abordagem equilibrada

e implementando medidas sustentáveis. Essa abordagem estratégica visa potencializar os impactos positivos decorrentes do turismo cultural, ao mesmo tempo em que atenua os efeitos adversos, promovendo, assim, um desenvolvimento mais equitativo e duradouro.

Concluída a análise do turismo cultural, adentraremos, no próximo ponto, no domínio do turismo literário.

2.3 Turismo Literário- Aliança entre turismo e literatura

Conforme previamente exposto, no âmbito do conceito de turismo cultural, existem diversos nichos que contemplam a interseção entre o turismo e alguma manifestação cultural, como por exemplo o turismo etnográfico, gastronômico ou o turismo literário. Como integrante do turismo cultural, o turismo literário é, assim, delineado pela motivação ligada à literatura, ou seja, este nicho do turismo cultural possui “a especificidade de implicar a deslocação a lugares relacionados com a literatura” (Quinteiro, Baleiro, 2019, 34).

Sendo que a interseção entre turismo e a literatura está a crescer gradualmente, um fenómeno atribuível às transformações socioculturais que cada vez mais incentivam o lazer e o multiculturalismo, verifica-se o repúdio das práticas convencionais do turismo de massa (Magadan e Rivas, 2012). Assim, o turismo literário emerge como resposta à incessante procura da sociedade por experiências turísticas inovadoras, configurando-se como um elemento estratégico de diferenciação no setor turístico (Oliveira, 2017). Paralelamente a este crescimento, nota-se uma escassez de estudos académicos sobre o turismo literário, resultando numa falta significativa de dados sobre este segmento. Este cenário persiste, apesar do aumento do interesse nas últimas três décadas nesta tipologia de turismo. (Quinteiro e Baleiro, 2019).

Para uma compreensão mais aprofundada do turismo literário, é importante enquadrar este tipo de turismo. Sardo (2008) salienta que embora a literatura e o turismo sejam campos distintos, estes têm uma profunda ligação, pois “ler faz-nos viajar na imaginação e impele-nos, também, a tornarmo-nos “viajantes” reais em busca desses lugares que a ficção recriou e que as palavras transformaram em imagens interiores” (p. 79). Ou seja, as palavras dos escritores têm o poder de despertar o interesse dos leitores, levando-os a visitar e vivenciar as paisagens, culturas, tradições e pessoas descritas nas obras literárias. Simões (2004) reforça essa conceção ao afirmar que a literatura pode ser vista como suscitadora de viagens, surgindo como se fosse um “guia para roteiros turísticos, na medida em que oferece um

mapeamento de espaços e bens simbólicos, trazidos à cena através de patrimónios (material e imaterial) que configuram o perfil identitário de um lugar a ser visitado” (p.1).

Para Andersen e Robinson (2002), ao visitar os cenários descritos numa obra literária, o leitor estabelece uma simbiose intrínseca durante o ato de leitura. Nesse contexto, envolve-se não apenas com a visão proporcionada pelo autor, mas também com a sua própria perspectiva do mundo real que o rodeia. Esse processo resulta numa percepção mais profunda e imersiva na experiência literária por parte do leitor que explora a paisagem literária. Ao visitar esses lugares, o turista almeja vivenciar "na realidade (presente) o que foi proposto na ficção (passado), indo ao encontro do impulso das emoções descritas na obra que instigam a vontade de interagir com esses elementos espaciais, de maneira a se aproximar mais do que foi narrado, como se ocorresse uma segunda leitura" (Oliveira, 2017, p.62). Dessa forma, a primeira leitura é realizada por meio das palavras, enquanto a segunda leitura se concretiza *in loco*, na própria realidade.

Assim, no contexto do turismo, a paisagem literária emerge como um elemento potencialmente catalisador para o impulso económico de uma localidade específica, desempenhando um papel fundamental na diversificação da oferta turística. Nesse sentido, os lugares procuram explorar o seu património literário, conferindo a esses espaços uma dimensão turística e estimulando a criação de produtos turísticos inspirados na literatura relacionada com os locais (Diogo, 2021). Um exemplo tangível desse fenómeno é a conceção de itinerários literários, uma iniciativa característica do turismo literário que utiliza os locais descritos em livros como marcos referenciais. Essa abordagem não apenas atrai visitantes interessados na conexão entre literatura e viagem, mas também contribui de forma significativa para a vitalidade económica dessas localidades, proporcionando uma experiência turística singular e enriquecedora (Aguar et al., 2012).

No entanto, o turismo literário abrange mais do que simplesmente visitar locais descritos em obras literárias. Muitas vezes, os turistas literários mostram interesse não apenas em visitar esses lugares, mas também em descobrir os locais onde os escritores viveram e trabalharam, como as suas cidades natais, casas e locais frequentados, como cafés e universidades. Conforme afirma Abreu (2012), os turistas literários procuram compreender as vidas e os pensamentos dos escritores. Richard Butler sublinha que “o turismo literário é uma forma de turismo em que a principal motivação para visitar locais específicos está relacionada ao interesse pela literatura. Isso pode incluir a visita às casas passadas e presentes

dos autores (vivos ou mortos), lugares reais e míticos descritos na literatura, e locais associados a personagens e eventos literários” (2000, p. 360).

Ou seja, o turismo literário, conforme Sardo (2008), está fundamentado nas narrativas e no mundo descrito pela ficção literária, envolvendo a deslocação:

- (i) a lugares que os escritores inseriram numa obra literária;
- (ii) a lugares que serviram de inspiração para a criação desses textos;
- (iii) a lugares ligados à vida e à morte dos autores;
- (iv) a lugares onde é possível vivenciar a variedade de produtos posteriormente desenvolvidos (por exemplo, hotéis literários, casas-museu, festivais literários, itinerários);

No entanto, é importante notar que, de acordo com as indicações de Sardo (2008), o turismo literário tende a focar-se predominantemente na literatura erudita, deixando de lado a literatura popular, que tem como elementos fundamentais lendas, mitos ou contos. Todas as perspectivas sobre turismo literário parecem estar voltadas exclusivamente para a literatura erudita, deixando de explorar a riqueza e o potencial turístico-literário das tradições literárias populares. A literatura popular está intimamente relacionada a territórios específicos, sendo esses lugares muitas vezes os cenários que inspiram as lendas e os contos. Dessa forma, esses locais podem tornar-se aspetos cruciais do turismo ao oferecerem aos visitantes a oportunidade de descobrir não apenas as paisagens físicas retratadas na literatura popular, mas também os costumes e tradições enraizados na vida das comunidades locais. Assim, embora o turismo literário esteja frequentemente associado à literatura canónica, é fundamental reconhecer e explorar as possibilidades oferecidas pelas literaturas tradicionais e populares, as quais têm o potencial de enriquecer significativamente a experiência turística ao proporcionar uma compreensão mais abrangente e diversificada da cultura de um determinado local.

No caso da literatura dita erudita, o turismo literário proporciona uma aproximação direta dos visitantes com textos literários e os seus autores (Quinteiro e Baleiro, 2019). Esse tipo de turismo visa transcender as fronteiras da imaginação, permitindo aos visitantes explorar fisicamente os locais e paisagens que serviram de inspiração, cenário ou influência na vida dos seus autores favoritos, entre outras possibilidades. Assim, podemos entender que as emoções são estimuladas pela interação entre o texto literário e os locais visitados. Em outras palavras, o turismo literário estabelece uma ligação singular entre a ficção e um espaço do

mundo real (Magadán e Rivas, 2011). Sendo o local literário, onde a literatura e o espaço físico se cruzam, é também onde as narrativas, os escritores e os turistas se movimentam e interagem.

Concluindo, ao explorar várias perspetivas conceptuais e informações relacionadas ao Turismo Literário, torna-se evidente que esta forma de turismo oferece uma experiência enriquecedora ao integrar elementos da literatura em destinos e produtos turísticos. Esta integração não só diversifica o mercado turístico local, mas também enaltece a cultura regional, conferindo-lhe uma maior visibilidade (Quinteiro e Baleiro, 2016). Além disso, o turismo literário proporciona aos visitantes uma oportunidade única de mergulhar não apenas nas obras literárias, mas também nas vidas e nas mentes dos escritores. Sendo que os produtos turísticos derivados da literatura não apenas destacam os textos literários em si, mas também valorizam os elementos simbólicos presentes no imaginário ficcional (Simões, 2004). Isso inclui não apenas o património cultural imaterial, como mitos, lendas e folclore, mas também o património natural que inspirou as paisagens descritas nas obras. Dessa forma, ao procurar esses destinos e locais associados à literatura, os turistas não apenas enriquecem a sua própria experiência, mas também contribuem para a preservação e valorização desses importantes patrimónios materiais e imateriais (Coutinho et al, 2016).

2.3.1 Perfis e Motivações do Turista Literário

O núcleo do turismo literário é fundamentado na experiência pessoal e na vivência do visitante. Este tipo de turista, cujo perfil se alinha com um indivíduo que anseia por descobrir e viver novas culturas, cenários e localidades, através da intersecção entre a literatura e o turismo (Coimbra et al, 2021). Com esse intuito, os turistas literários, na sua maioria, deslocam-se para diferentes pontos geográficos do mundo com o propósito de explorar locais que de alguma maneira estão ligados à literatura.

Para Sardo (2008), o turista literário é aquele “que pega num livro (romance, conto, novela, poesia) e parte à procura dos "sítios literários" (p.82). Este tipo de viajante é impulsionado pela sua curiosidade em desvendar um universo até então desconhecido, anteriormente limitado às páginas das obras literárias. Ele aspira vivenciar de forma tangível os cenários descritos nos livros que estimularam a sua imaginação. Este turista é um turista instruído, “um amante das letras, como se costuma dizer; um aventureiro (por querer “pisar” cenários onde se passaram histórias; curioso (por novas publicações); experienciador de

variadas emoções; ansioso (anseia por encontrar e perder-se no livro, na história- evasão da sua própria realidade)” (Ferreira, 2021, p.85). O turista literário, conforme descrito por Sardo (2009), é um leitor que vai além da mera leitura. Este indivíduo procura entender as *nuanças* e motivações dos escritores, questionando a razão de certas descrições, a fase da vida do escritor durante a criação de personagens e a possível identificação do escritor com as suas personagens. Nesse sentido, como refere Sousa e Pereira (2022), o perfil do turista literário é moldado pelas suas motivações, sendo estas várias:

- i) “Atração pelos locais geográficos que surgem em algumas obras literárias” (Magadán Diaz e Rivas García, 2011, p. 30);
- ii) “Motivação educacional” (Richard e Widson, 2005). Observar, aprender, comparar e avaliar os elementos descritos com as obras literárias;
- iii) “Atração por lugares que têm conexões com a vida dos escritores” (Magadán Diaz e Rivas García, 2011, p. 30). Conhecer locais importantes na vida do escritor, como o local de nascimento, onde viveram, trabalharam, entre outros;
- iv) “Atração pela localização que inspirou e emocionou o autor ou contribuíram para a sua criação literária” (Magadán Diaz e Rivas García, 2011, p. 30);
- v) Pelo desejo de se tornarem parte da história que leram (Oliveira, 2017);
- vi) Movidos por uma emoção mais profunda e abrangente que transcende o escritor ou uma obra em si, algo mais pessoal que surge dos significados atribuídos pela própria pessoa (identificação com experiências similares na sua vida, etc.) (Oliveira, 2017);
- vii) Desejo de amplificarem o prazer da leitura (Oliveira, 2017) ;
- viii) “Curiosidade geral” (Magadán & Rivas, 2011, p. 30);

Além das diversas motivações que um turista literário pode possuir, a forma como ele vivencia um produto turístico literário pode ser bastante diversificada, conforme explica Corrado (2015). Destacam-se os turistas intelectuais, cuja procura se baseia na expansão ou confirmação dos seus conhecimentos. Havendo também os turistas sensoriais, que desejam explorar os sentidos e recriar as experiências sensoriais dos autores ou personagens literários. Os turistas contemplativos, por sua vez, são aqueles que adotam uma postura mais reservada, mantendo-se emocional e psicologicamente distantes, enquanto os visitantes participativos

são aqueles que se imergem profundamente na experiência, envolvendo-se emocional e psicologicamente de uma maneira mais ativa.

A nível sociodemográfico, o estudo de Faria et al (2017) destaca o turista literário como “um indivíduo de renda alta, dos extratos superiores da pirâmide da hierarquia social, com nível superior de escolaridade” (p. 1157). Quanto à faixa etária, o turismo literário engloba indivíduos de diversas idades, no entanto, observa-se uma idade ligeiramente mais elevada entre os turistas literários que visitam locais diretamente relacionados com um escritor específico (idem).

Além disso, é importante notar que qualquer turista pode ocasionalmente tornar-se um turista literário. Isto é, um indivíduo que, em determinado momento, se depara com atrações ou ofertas turísticas ligadas à literatura e decide visitá-las, mesmo que estas não tenham sido a motivação principal da sua viagem. Urry (1990) refere-se a este tipo de turista como “turista literário casual”, ou seja, um turista que se envolve em experiências literárias de forma fortuita ou ocasional. Este tipo de turista literário existe em maior número que os restantes turistas literários (Ferreira, 2021).

Em comparação com o turista literário comum, é possível encontrar ainda indivíduos com um maior grau de conhecimentos literários e geográficos. Esses indivíduos segundo Herbert (2001), são denominados como peregrino literário. Este viajante, com um vasto conhecimento e bagagem cultural, não só desfruta, mas também compreende profundamente a experiência literária. Segundo Helbert (2001), o peregrino literário, movido por uma devoção autêntica a uma obra literária e um profundo apreço a um escritor, visita locais específicos para se conectar intimamente com a literatura. Quinteiro e Baleiro (2019) diferenciam o peregrino literário, que busca uma experiência mais intensa e uma conexão direta com o autor, do turista literário, que procura uma experiência mais leve com o objetivo principal de expandir o seu capital cultural. Outra diferenciação importante, segundo Quinteiro e Baleiro (2019, p. 97), é que o turista literário em geral é caracterizado como um consumidor que se deleita com produtos literários pré-concebidos, como itinerários literários guiados, festivais literários e visitas guiadas a casas de autores. Enquanto o peregrino literário anseia por uma experiência mais autêntica e pessoal, procurando estabelecer uma conexão mais profunda com a literatura e o autor, não se contentando com os produtos literários oferecidos pelo mercado turístico.

Para concluir, é imperativo sublinhar que os turistas literários, bem como os indivíduos que interagem com produtos turísticos literários, apresentam uma diversidade de experiências, motivações, formas de envolvimento e conhecimentos prévios sobre as obras literárias e os seus autores. Esta heterogeneidade é um elemento crucial a ser considerado pelos criadores de produtos turísticos literários. É de suma importância que tais produtos sejam concebidos de maneira a cativar e envolver todos os tipos de leitores, levando em consideração as suas diferenças individuais. Desta forma, a experiência literária pode ser enriquecida e tornar-se mais significativa para cada indivíduo, independentemente da sua bagagem literária prévia.

De seguida, iremos abordar os produtos e experiências do turismo literário.

2.3.2 Produtos e Experiências do Turismo Literário

A interseção tangível entre a literatura e a indústria do turismo emerge na conceção e sinalização de lugares literários, os quais servem como alicerces para a criação e desenvolvimento de produtos e experiências turísticas-literárias (Quinteiro & Baleiro, 2017). Esses lugares literários, como previamente mencionado, são espaços geográficos que estão de certa forma relacionados com o universo literário. Como observado por Cechinel (2018), tal conceito abarca uma gama diversificada de manifestações, destacando-se principalmente dois tipos: locais retratados em obras literárias, que atuam como cenários ou fontes de inspiração para os escritores, e locais associados à vida e obra dos autores, como as suas residências, locais de escrita, túmulos, entre outros (Fawcett & Cormack, 2001). Esses lugares possuem o potencial de se tornarem produtos e experiências turísticas literárias, caso sejam explorados adequadamente. Helbert (2001) argumenta que, para esses locais se tornarem atraentes como produtos turísticos, devem possuir determinadas qualidades além da sua ligação com o universo literário. Como o autor explica, não é suficiente que uma casa-museu tenha sido o lar de um determinado escritor; esse local deve possuir qualidades gerais, como belos cenários, serviços complementares como cafés e lojas de souvenirs, além de uma boa localização.

Todavia, é crucial salientar que as experiências e produtos no âmbito do turismo literário não se limitam apenas aos lugares literários mencionados anteriormente. Existem outras formas de vivenciar o turismo literário que podem não estar diretamente associadas a

esses locais específicos, mas que ainda assim possuem forte vínculo com a literatura. Por exemplo, festivais literários ou bibliotecas podem não estar associados à vida do autor ou terem sido descritos por eles em suas obras. No entanto, esses locais servem como espaços para tertúlias, discussões sobre literatura, ou no caso de bibliotecas podem abrigar a primeira edição de um livro de certo autor, tornando-se, assim, atrativos para os turistas literários devido a sua ligação com a literatura. Nesse sentido, ampliam-se as possibilidades de interação entre o turismo e a literatura, agregando variedade e profundidade às experiências disponíveis para os apreciadores da arte literária.

Além disso, a diversidade de produtos e experiências turístico-literárias também é influenciada pelo público-alvo, pelo tipo de lugar literário, pelo gênero literário, etc. Por exemplo, a concepção de um produto baseado em um poema difere daquela baseada em uma obra de ficção infantil (Robison,2002). Com base na lista de produtos e experiências compiladas pelas autoras Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro, é impossível abranger todas as opções devido à sua variedade. No entanto, destacamos as mais relevantes, especialmente aquelas relacionadas com as práticas existentes em Portugal. (ver tabela 4)

Tabela 4- Elenco de exemplos de produtos e experiências literárias em Portugal

Tipos de produtos e experiências turísticos-literários	Descrição
As viagens com a finalidade de visitar os lugares dos autores.	Viagens às casas onde os autores nasceram, viveram ou morreram, locais que frequentavam, às sepulturas, etc. Por exemplo: À Casa-Museu de Camilo Castelo Branco.
As visitas com a finalidade de conhecer os lugares das obras.	Visitas aos cenários onde se desenrola a ação, aos lugares onde as obras foram escritas, etc. Por exemplo: a Leiria, cenário do livro <i>O crime do padre Amaro</i> , de Eça de Queiroz.
A realização de passeios literários.	Passeios desenhados com base na vida e obra de um ou vários autores. Por exemplo: Passeio literário por Lisboa pela mão de Almeida Garrett.
As viagens para participar em festivais literários.	Viagens que têm como intuito participar em ou assistir a atividades do festival. Por exemplo: Ao Festival Literário Internacional de Óbidos.

As visitas a livrarias	Visitas motivadas quer pelo edifício propriamente dito ou a sua associação à literatura. Por exemplo: à Livraria Lelo
As visitas a parques literários.	Visitas a parques criados com base em textos literários e/ou nos seus autores. Por exemplo: ao Parque dos Poetas, em Oeiras.
As visitas a cidades literárias.	Visitas às cidades literárias da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) e outras que, por terem uma forte associação à literatura, podem ser objeto desta classificação. Por exemplo: a Óbidos.

Fonte: Adaptado de Quinteiro e Baleiro (2017, p. 40-41)

De seguida, procederemos à definição de um conceito fundamental neste projeto, o itinerário literário.

2.3.3 Itinerário Literário

No âmbito deste projeto, que se concentra na conceção de um itinerário literário das lendas da Ilha da Madeira, é fundamental compreender o conceito de itinerário. Conforme delineado por Gomez e Quijano (1991), um itinerário pode ser definido como a descrição de uma rota ou trajeto que especifica os locais percorridos e propõe uma série de atividades e serviços ao longo do passeio. Contudo, no âmbito deste projeto, optamos pela definição de Baleiro e Quinteiro (2017), em que itinerário assume o “significado de descrição de um caminho e respetivo conjunto de locais de interesse a visitar” (p.73).

Atualmente, o itinerário tem um papel de destaque no setor turístico quando elaborado por entidades públicas ou privadas, tornando-se um instrumento crucial para o desenvolvimento turístico de determinada região, capaz de atrair e reter visitantes (Aguiar et al., 2012). Dessa forma, existe uma ampla gama de itinerários, abrangendo desde os históricos e artísticos até aos gastronómicos, entre outros. Para os propósitos deste estudo é imprescindível abordar e definir o conceito de itinerário literário.

De acordo com Costa (2019), o itinerário literário baseia-se na exploração e mapeamento de lugares literários, transformando-se assim em um mapa que guia o “olhar, a imaginação

e os passos do leitor, em direção aos lugares literários” (p. 31). Segundo Milheiro e Pereira (2014), os itinerários literários, também conhecidos como rotas literárias, podem ser agrupados de acordo com a natureza dos locais literários que servem como ponto focal. Na primeira categoria, destaca-se o itinerário biográfico, o qual se dedica à compreensão da vida do autor e da influência desta na sua obra. Tal abordagem implica a exploração minuciosa de lugares associados à vida pessoal e profissional do escritor, bem como eventos marcantes e outros pontos de interesse pertinentes. A segunda categoria contempla o itinerário de paisagens literárias, cujo percurso abarca uma área geográfica mais ou menos vasta, visando proporcionar “diversão e evasão, realizadas por métodos de interpretação e estímulos que buscam apelar às impressões sensoriais dos turistas” (p. 84). Este objetivo é alcançado mediante a utilização de citações literárias que, por meio de elementos estéticos e impressões sensoriais, revelam a harmonia existente entre o texto literário e a paisagem real, conferindo uma experiência enriquecedora e profundamente integrada.

No entanto, a elaboração de um itinerário literário transcende a compilação de lugares literários, requerendo a integração de outros aspetos essenciais, como elementos culturais e patrimoniais, além da indicação de oportunidades para atividades de lazer e recreação. Conforme observado por Figueira (2013), a conceção de um itinerário literário envolve um processo de identificação dos recursos com potencial turístico, incorporando outros recursos que possam ser eventualmente integrados na experiência turística, e estimulando a criação de atrativos específicos para esse propósito, como eventos. Esses elementos são considerados relevantes para a definição de produtos turísticos distintivos de um determinado destino. Além da identificação de recursos, está implícita a necessidade de agregar outros atrativos que contribuam para a definição do itinerário como um produto turístico completo e atrativo.

Na elaboração de um itinerário literário, é também crucial considerar que este pode ser concebido tanto para indivíduos familiarizados com as obras em questão, como para aqueles que ainda não as conhecem (Frieza et al., 2007). Tendo isso em mente, o objetivo primordial é despertar o interesse dos participantes, quer para explorar as obras que inspiraram o itinerário, quer para descobrir novos autores e textos. Como sublinhado por Castro et al., (2007), os itinerários literários não só proporcionam uma experiência turística singular, mas também desempenham um papel significativo na promoção da literatura, cultura local e na divulgação dos autores e das suas obras.

No entanto, como mencionei anteriormente, o turismo literário e os seus derivados, como os itinerários literários, frequentemente negligenciam a literatura popular em prol da literatura erudita. Os itinerários literários, que têm como objetivo cartografar os locais descritos em obras literárias, muitas vezes deixam de lado as lendas, contos, mitos, entre outros, sendo que estas narrativas populares frequentemente têm uma forte ligação com a paisagem, descrevendo lugares específicos, ou localizando locais reais nas quais a narrativa se desenrola (Parafita, 1999).

Dessa forma, um itinerário literário que abordasse os locais presentes em lendas poderia proporcionar aos turistas uma abordagem distinta para conhecer esses espaços. Em vez de se embrenharem nas descrições dos autores em obras literárias, os visitantes teriam a oportunidade de compreender a paisagem através das histórias transmitidas pelo povo, que conferiram vida às lendas, aos contos, mitos, entre outros. Isto porque as narrativas orais constituem um reflexo da interação humana com o ambiente físico circundante, como bem observou Teixeira Pascoaes (1915) ao descrever a literatura popular como uma "florescência espontânea da alma em harmonia com o próprio sentir e a paisagem" (p.63). Logo, ao integrar a literatura popular oral em itinerários turísticos, não só se enriquece a experiência dos visitantes, mas também se preserva e enaltece a herança cultural de uma comunidade.

Retomando a que acima foi afirmado, no que toca à conceptualização e caracterização dos itinerários literários, é inegável o seu papel na promoção de diversos destinos, sejam países ou cidades, funcionando muitas vezes como uma ferramenta de reforço na estratégia de marketing desses locais turísticos, sendo geralmente desenvolvidos e geridos por entidades locais (Abreu, 2012). Estes itinerários podem ser geridos tanto por entidades públicas quanto privadas. Quando sob gestão pública, o objetivo principal da criação e divulgação desses itinerários é a valorização dos espaços públicos e do património local, seja ele histórico, cultural, gastronómico ou social, visando atrair um maior número de turistas e, conseqüentemente, contribuindo para o desenvolvimento económico da região (Cravo, 2022). Os itinerários literários sob gestão pública geralmente não comercializam diretamente os seus produtos. Em vez disso, frequentemente disponibilizam brochuras informativas que permitem aos visitantes explorarem autonomamente os pontos de interesse ou, em alternativa, podem optar por contratar guias. Por outro lado, os itinerários literários administrados por empresas privadas tendem a ser comercializados, frequentemente incluindo serviços como guias turísticos, transporte e alojamento, conforme necessário.

Na tabela subseqüente, apresentamos as diferentes características que os itinerários literários podem ter, segundo Figueira (2013).

Tabela 4 - Características de um itinerário

Dimensão		Duração			
Curta duração		Realizado durante uma determinada parte do dia (manhã, tarde ou noite) ou em um único dia			
Média duração		Uma ou duas noites			
Duração normal		De uma a duas semanas			
Longa duração		Período superior a 15 dias			
Percurso		Extensão Geográfica			
Linear		Ponto de entrada e ponto de saída distintos			
Nodal		Entrada e de chegada no mesmo ponto			
Abrangência					
Local		Regional		Nacional	Internacional
Deslocação					
Pedestre	Rodoviário	Ferroviário	Marítimos	Fluviais	Aéreos

Fonte: Adaptado de Figueira (2013)

Normalmente, os itinerários literários mais comuns têm uma duração mais curta, frequentemente limitados a um único dia e centrados num local específico, com enfoque geralmente num autor ou obra em particular, enquanto os itinerários mais longos abrangem uma área geográfica mais vasta, podendo estender-se a nível local, regional, nacional e até internacional. Estes itinerários podem focar-se numa obra ou autor específico, ou abranger múltiplos autores e obras, tendo uma duração mais prolongada e oferecendo geralmente uma variedade de experiências e atividades devido ao seu período de tempo mais alargado.

Quanto aos meios de transporte utilizados para realizar os itinerários literários, os turistas têm à disposição uma variedade de opções, incluindo deslocações a pé, de carro, de comboio, de barco ou avião. Embora a deslocação a pé seja percebida como a mais comum,

é importante ressaltar que a realização de um itinerário não exclui a possibilidade de combinar dois ou mais meios de transporte ao longo da jornada.

No contexto das iniciativas de turismo literário em Portugal, especificamente os itinerários literários, já é possível encontrar algumas iniciativas promovidas tanto por entidades privadas quanto públicas. No entanto, em termos regionais, no arquipélago da Madeira, a oferta de itinerários literários ainda é limitada, embora já existam alguns desenvolvidos. Na tabela abaixo, são apresentados alguns exemplos de itinerários literários disponíveis tanto em Portugal Continental quanto nas Regiões Autónomas. Este levantamento foi conduzido por meio de pesquisa online antes da realização do itinerário das lendas da Ilha da Madeira, revelando-se bastante benéfico ao proporcionar uma visão mais precisa dos locais onde ocorrem, bem como das entidades que os dinamizam e dos métodos de concretização. Apesar de não ser uma compilação exaustiva, mas sim ilustrativa, foi um ponto de partida significativo que nos permitiu obter uma compreensão inicial do panorama nacional no campo do turismo literário.

Tabela 5 - Listagem de itinerários literários em Portugal

Itinerários	Local	Promotor/Dinamizador	Descrição/Objetivos	Custo
Roteiro Literário- Levantado do Chão	Lisboa, Montemor- O-Novo, Évora	Município de Montemor- O-Novo	Um roteiro literário que interliga Lisboa, Montemor-O-Novo e Évora, através do romance de José Saramago, “Levantado do Chão”, acompanhando as principais referências históricas e espaciais descritas na obra. Tendo disponível 3 percursos, e uma app movel, um website e um livro-guia	Gratuito, contudo, o livro guia tem o valor de 5 euros

Lisbon and Pessoa Baltasar e Blimunda Belém and the Lusiadas Night train to Lisbon	Lisboa	Lisbon Literary Tours	Esta empresa tem 4 roteiros literários disponíveis, com o objetivo de fazer conhecer Lisboa através de uma obra ou de um autor. Estes roteiros são realizados com um guia	10 pessoas: 120,00€
Lisboa Literária	Lisboa	Lisbon walker	Uma visita que abrange escritores como Bocage, Gil Vicente, Eça de Queirós, José da Silva.	120,00 euros até 10 pessoas
Roteiro literário “O Caminho de Jacinto”	Região do Douro	Associação Os caminhos de Jacinto	Este roteiro percorre a região do Douro, seguindo o conto Civilização e o romance “A Cidade e as Serras”, escrito por Eça de Queiroz. Sendo que começa na Estação de Aregos e termina na Casa de Tormes, o museu queirosiano.	Gratuito
Roteiro Literário Vergílio Ferreira	Melo, Guarda	Município de Gouveia	O Roteiro Vergiliano é uma iniciativa que oferece aos participantes a possibilidade de entrar em contato com os locais emblemáticos que marcaram a vida de Vergílio Ferreira na sua aldeia natal, Melo. Durante o percurso, os	Gratuito

			participantes têm a oportunidade de ler excertos dos textos do escritor. Este roteiro tem um guia disponível, bem como uma aplicação móvel.	
Rota Literária do Algarve	Algarve	Direção Regional de Cultura do Algarve	Esta rota literária consiste em um conjunto de 16 itinerários que percorrem o território algarvio. Esses itinerários têm como base textos literários de autores algarvios e de outros que mencionaram o Algarve nas suas obras. Este roteiro tem disponível um website, bem como um mapa digital.	Gratuito

No âmbito deste estudo, incluímos na Tabela 7 os itinerários literários que foram compilados em forma de livro proporcionam, assim, uma disponibilidade contínua aos interessados. Este tipo de itinerários apresenta uma vantagem significativa, uma vez que são facilmente acessíveis e podem ser consultados a qualquer momento pelos turistas e entusiastas da literatura.

Tabela 6 - Catálogo de itinerários literários compilados em formato de livro.

Itinerários	Local	Dinamizador/Promotor	Descrição/Objetivos	Custo
Terras do Demo: itinerário Aquiliano	Beira Alta, mais precisamente Serra da Lapa, Serra da Nave,	Centro de Estudos Aquilino Ribeiro	Um tributo ao escritor Aquilino Ribeiro que eternizou a Beira Alta como "Terras do Demo"	7, 50 euros

	Sernancelhe e Moimenta da Beira			
O Porto Literário	Porto	Jornal Público em colaboração com a editora Bela e o Monstro	O Porto Literário é uma coleção de seis livros de roteiros que exploram o universo literário do Porto, destacando autores, casas, livrarias e locais emblemáticos	Gratuito
Lisboa em Pessoa	Lisboa	João Correia Filho	Este itinerário literário por Lisboa tem origem no percurso traçado por Fernando Pessoa, intitulado "Lisboa: o que o turista deve ver". Inspirado por essa rota, João Correia Filho decidiu recriar o trajeto proposto pelo poeta e transformá-lo num guia turístico e literário da capital, intitulado "Lisboa em Pessoa"	22,90 euros
Antero de Quental Raul de Brandão Vitorino Nemésio Natália Correia Roberto Mesquita	Açores	Governo dos Açores	Um itinerário cultural e literário pelos Açores, explorando locais significativos para os autores açorianos, bem como aqueles que foram mencionados em suas obras.	5 euros
Viagens com Garrett	Ribatejo	Isabel Lucas	Este livro acompanha o itinerário percorrido por Almeida Garrett durante a sua visita ao Ribatejo, com o intuito de reconstituir o roteiro original deixado pelo escritor.	35,25 euros
Funchal- Cidade Escrita	Funchal	Secretaria Regional de Educação e Cultura em parceria com a Direção Regional dos Assuntos Sociais Culturais e a	Um percurso que atravessa a cidade do Funchal através da leitura de excertos que a descrevem. Estes excertos pertencem a	2 euros

		Direção de Serviços do Património Cultural	obras de dezoito escritores e foram escritos entre os séculos XV e XX. São dezasseis os locais do Funchal imortalizados por meio das palavras dos respetivos escritores.	
Roteiro Literário do Funchal	Funchal	CMF- Departamento da Cultura Ana Cristina Trindade Luísa Paolinelli Paulo Pernetá	Este roteiro literário pelo Funchal permite aos seus participantes explorar vários locais descritos por inúmeros escritores ao longo do tempo.	Gratuito

Fonte: Elaboração própria

No contexto dos itinerários apresentados nas tabelas, é evidente que, em termos de extensão, estes são geralmente breves, abarcando predominantemente uma área específica, muitas vezes centrada numa cidade em particular. Em relação à sua duração, também são relativamente curtos, podendo ser concluídos em poucas horas na maioria dos casos. Quanto aos preços, variam entre gratuito a 54,00€ por pessoa, o que sugere que não representam um custo demasiado elevado para os potenciais interessados.

Um aspeto também digno de nota nesta análise é que praticamente todos os itinerários criados por promotores privados incluem a presença de um guia ou mediador turístico-cultural para orientar os participantes. Enquanto, nos itinerários desenvolvidos por entidades municipais, a presença de guias não é tão comum.

Durante o processo de listagem dos itinerários, verificou-se que muitos roteiros literários não foram mantidos ao longo do tempo e acabaram por ser descontinuados, não havendo renovação. No entanto, optamos por listar apenas os itinerários que estão disponíveis e ativos, uma vez que isso nos permite compreender e identificar melhor as suas características e identificar elementos que possam contribuir para a sua continuidade ao longo do tempo. Esta abordagem visa assegurar que o itinerário aqui proposto possua os atributos necessários para se manter relevante e atrativo para os potenciais interessados ao longo do tempo.

É interessante notar que a maioria dos itinerários analisados apresenta uma presença multifacetada em diferentes plataformas. Desde brochuras em formato físico até websites e

aplicativos digitais, esses recursos proporcionam aos visitantes uma variedade de formas de acessar às informações e facilitar a sua experiência durante o percurso. Tal diversidade de recursos pode contribuir significativamente para a divulgação e popularização do itinerário, ampliando assim seu alcance e potencial de atração de público.

Outro ponto relevante a ser observado é que muitos dos itinerários percorrem locais que, além de serem importantes do ponto de vista literário, também possuem interesse turístico adicional. Por exemplo, no caso do roteiro "Levantado do Chão", administrado pelo município de Montemor-o-Novo, os participantes têm a oportunidade não só de explorar os locais literários destacados, mas também de vivenciar experiências culturais e turísticas autênticas, como visitar restaurantes locais, museus e bibliotecas. Essa integração entre o património literário e o contexto cultural e turístico local enriquece a experiência dos participantes e pode contribuir para o sucesso e a continuidade do itinerário no futuro.

No capítulo seguinte, iremos enveredar por outro ponto principal desta dissertação: a literatura popular de tradição oral, mais concretamente as lendas, e a sua incorporação no turismo.

3. Literatura Popular de Tradição Oral: Lendas

A literatura popular de tradição oral é um fenómeno de longa data, transmitido ao longo de múltiplas gerações, passando de pais para filhos, de avós para netos e assim por diante, inserido nas complexidades da vida quotidiana (Filipe, 2017). Este campo literário comporta um conjunto de falares que perduram pela memória oral através dos séculos, até aos dias atuais, apresentando-se em várias formas de expressão tradicional, que abrangem diversos géneros literários, como contos, lendas, fábulas, provérbios e anedotas, entre outros. Além que também está intimamente ligado às práticas e rituais populares, como as "cantigas à desgarrada", orações contra tormentas e tempestades, bem como "rezas e benzeduras" para afastar o mau-olhado (Ribas, 1977).

Como referido por Oliveira (2010), a literatura popular de tradição oral compreende textos orais de natureza simples, distantes do carácter erudito e geralmente provenientes das camadas populares. A transmissão oral desses textos, geralmente ocorriam ao serão, transmitidas pelas gerações mais velhas às mais jovens, consolidando-se como uma forma significativa de entretenimento e transmissão de conhecimento nas famílias e posteriormente nas comunidades (Costa, 2022). Estas narrativas orais serviam e servem como meio de partilhar valores, experiências vividas, saberes, falares, estórias, costumes, contribuindo assim para a consolidação e preservação de aspetos culturais das comunidades (Nunes, 2016). Como refere Reis (1998), este campo literário constitui a memória coletiva e oral de um povo.

Deve-se ressaltar que a memória oral, que constitui a literatura popular de tradição oral, representa por si só um património cultural de valor inestimável, um recurso fundamental que atravessa gerações. Como afirmado por Parafita (1999) “a literatura popular de tradição oral, as crenças e as superstições e outras maneiras tradicionais são tão ou mais valiosas para o conhecimento e compreensão da história e etnopsicologia dos povos do que as ruínas dos monumentos ou os fragmentos das inscrições” (p.61).

Parafita (1999) também enfatiza a importância das narrativas orais e tudo o que elas abarcam dentro do contexto social, destacando seu valor intrínseco e argumentando que não devem ser consideradas inferiores ao património material. Sendo essa categoria de património associada ao intangível, sendo reconhecida como património imaterial. Portanto, o campo das tradições e expressões orais, ou seja, a literatura popular de tradição oral,

representa o património imaterial dos povos. Segundo Klacewicz (2009), este património detém um valor inestimável para as sociedades, pois é por meio das narrativas orais que se preserva uma das mais significativas heranças de uma comunidade: os saberes, os valores, as experiências, as façanhas heroicas, os fenómenos da natureza e os episódios do cotidiano de um povo, entre outros.

No entanto, apesar da importância deste campo literário, foi apenas a partir de meados do século XIX, em Portugal, que alguns autores reconheceram a importância e a riqueza cultural das formas de narrativa e expressão popular. Por essa razão, eles se dedicaram a coletá-las e registá-las em livros, evitando assim que essas manifestações orais da cultura popular se perdessem (Coelho, 2009). Por exemplo, Almeida Garrett publicou o *Romanceiro e Cancioneiro Geral* em 1843, enquanto Teófilo Braga contribuiu com o *Cancioneiro e o Romanceiro Geral Português* em 1867. Na região do Arquipélago da Madeira, Alfredo de Freitas Branco apresentou as *Lendas do Arquipélago da Madeira* em 1954. Consideram-se de extrema importância, estes livros de recolha das diversas manifestações da literatura popular de tradição oral, pois tal como refere Paul Connerton, “a oralidade é a possibilidade de salvar do silêncio a história e a cultura dos grupos subordinados” (como citado por Donizete Rodrigues, 1999, p. 4).

Contudo, a nomenclatura atribuída ao campo literário em foco está sujeita a variações consideráveis, sendo utilizadas diversas terminologias, como "literatura popular", "literatura popular de tradição oral", "literatura de expressão oral", "literatura tradicional de transmissão oral", entre outras (Tito, 2018). Optamos por adotar a designação "literatura popular de tradição oral" para o nosso estudo, apesar de reconhecermos que não seja uma novidade e que haja quem aponte correções. Esta escolha foi motivada pela capacidade abrangente e representativa dessa terminologia em abarcar o amplo domínio literário transmitido oralmente. Ao utilizar o termo "popular", destacamos a conexão intrínseca dessas narrativas com as camadas mais amplas da sociedade. "Popular" pode significar tanto "de e para o povo" (autoria e destinatário), quanto "do agrado do povo" (Silva, 2012, p.12). Como refere Guerreiro (1993) a “literatura popular é, pois, a que corre entre o povo, a que ele cria, e a alheia de que gosta e adota” (p.8). Além disso, o termo "povo" refere-se ao conjunto de pessoas de uma sociedade, cujas tradições, hábitos, costumes e crenças formam um determinado referencial identitário e cultural, definindo o seu contexto. É importante ressaltar que a cultura popular não se restringe a uma determinada classe social, mas abrange

os valores culturais e identitários presentes em todas as classes, tanto no campo quanto na cidade (Guerreiro, 1982). Quanto ao termo "de tradição oral", remete à forma primordial e fundamental pela qual as formas da literatura popular eram transmitidas e preservadas ao longo do tempo através da oralidade (Catenacci, 2001).

Assim, poderemos afirmar que a Literatura Oral de Tradição Oral diz respeito a “um conjunto diversificado de formas de arte verbal determinadas tradicionalmente pelo uso que o povo delas faz, e que, por isso, são testemunho da sua cultura” (Parafita, 1999, p.44).

Como referido anteriormente, a Literatura Oral de Tradição oral, pode assumir diversas formas, como por exemplo, contos, lendas, cantigas, adivinhas, entre outros, contudo no âmbito deste estudo, a lenda merece um obvio lugar de destaque.

A definição do conceito de lenda é intrincada e abrangente, sendo contemplada por uma diversidade de interpretações e perspectivas. Segundo Reis e Lopes (1998), a lenda é uma narrativa oral na qual eventos históricos são reinterpretados e distorcidos pela imaginação popular. Em outras palavras, a lenda constitui-se como “uma narrativa de transmissão oral através das gerações que integram factos reais, muitas vezes distorcendo-os levando-os até aos limites da fantasia” (Moutinho, 2020). Conforme assinalado por Jolles (1976), a lenda é definida como "uma história não atestada pela História" (p. 60), sendo comum as lendas fazerem referência a localizações geográficas e temporais, ainda que os fatos e acontecimentos presentes nessa narrativa sejam distorcidos pelas interpretações populares ao longo do tempo. Segundo Parafita (2006), "a existência de uma lenda é frequentemente uma consequência da fragilidade da história, ou dos documentos que a fundamentam. Por isso, muitas vezes nasce num espaço nebuloso da história, procurando complementá-la, ou justificá-la, num quadro de representações do imaginário" (p. 61).

No entanto, de acordo com a perspectiva de Casinha Nova (2013), a definição de lenda abrange um relato estruturado que envolve a aparição de entidades míticas ou religiosas, assim como de eventos considerados sobrenaturais, como desaparecimentos inexplicáveis, aparições ou milagres. Sendo que, frequentemente, as lendas incorporam elementos do fantástico e do sobrenatural. Como refere Góes (2009) é na lenda que “facto e fantasia são interligados”, podendo estar presentes por exemplo bruxas, monstros e assombrações, entre outros elementos sobrenaturais nestas narrativas. Esta conceção da lenda está intrinsecamente relacionada com a sua origem, conforme explicado por Bayard (2002), que argumenta que, inicialmente, as lendas eram compiladas como relatos da vida dos santos e

mártires, incluindo os seus milagres e aparições. Entretanto, ao longo do tempo, essas narrativas transcenderam para o domínio profano, tornando-se, frequentemente, histórias populares baseadas em eventos históricos concretos. As lendas, enraizadas nas tradições culturais, passaram a representar uma expressão do “inconsciente da imaginação popular” (p. 10), sendo os anseios do povo expostos por meio de um herói que, porém, se sujeita a dados históricos, sendo o seu comportamento exemplar e que serve de linha orientadora para os ouvintes da lenda. (idem). De igual forma, Madureira (2012) também afirma que as lendas exteriorizam imagens e representações de um povo, sendo um meio de um espaço imaginário que dialoga com a realidade, contribuindo para a formação de uma identidade nacional. Ao refletirem os sentimentos, emoções, desejos e pensamentos de um povo, as lendas desempenham um papel fundamental na construção e preservação da identidade cultural e coletiva.

Na tentativa de esclarecer o conceito de lenda, Cascudo (2002) propõe uma definição que caracteriza a lenda como uma narrativa híbrida, na qual elementos de realidade se entrelaçam com elementos fantásticos. Podendo também, relatar “um episódio heroico ou sentimental com um elemento maravilhoso ou sobre humano”, tendo como característica de se vincular a um local específico, “como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói”, ainda que de forma parcial e não integralmente biográfica ou temática (pág. 328). Embora a definição de lenda não seja unânime, há certos critérios que parecem ser amplamente aceites pelos diversos autores: trata-se de um género narrativo que pode conter elementos extraordinários devido aos eventos descritos, a narrativa ocorre em um tempo e/ou espaço específico e é percebida como verdadeira ou verossímil em relação à realidade, entre outros aspetos (Cidraes, 2013).

Outro aspeto crucial das lendas, semelhante a outros componentes da literatura popular de tradição oral, é a sua propensão a ter várias versões, pois estas narrativas são compostas por diversas vozes e cada narrador apresenta-as de maneira distinta, passando por um processo constante de adaptações. Conforme observado por Marques (1997), as lendas têm a flexibilidade de serem contadas de diferentes formas, baseando-se exclusivamente em pontos essenciais, desde que esses pontos permaneçam consistentes. Isso abre espaço para a existência de múltiplas versões de uma mesma lenda, variando na maneira como o tema é abordado, mas mantendo a essência subjacente do que está sendo narrado.

Relativamente às tipologias das lendas, há uma diversidade significativa de propostas para a sua classificação. Embora existam várias abordagens, optarei por abordar a classificação de Maria Cidrais, pois esta oferece uma perspetiva abrangente das lendas em Portugal, no contexto do corpus lendário português. Cidrais desenvolveu esta classificação a partir dos resultados do projeto de investigação ADLOT (Arquivo Digital da Literatura Oral Tradicional). De acordo com Cidrais (2014), as lendas portuguesas podem ser divididas em seis grandes categorias: Lendas Sagradas, Lendas de Forças e Seres Sobrenaturais, Lendas Históricas, Lendas Etiológicas, Lendas Iconográficas e Varia.

Outra classificação das lendas portuguesas é proposta por Isabel Cardigos e Paulo Correia (2002), que, no "Arquivo Português de Lendas", apresentam uma organização temática das lendas. Esta classificação oferece uma estrutura alternativa e igualmente valiosa para a compreensão das diferentes narrativas lendárias em Portugal. Segundo Cardigos e Correia, as lendas portuguesas são organizadas tematicamente da seguinte forma:

I). Lendas Sagradas: Incluem milagres, punições divinas, fundação de templos religiosos, imagens andarilhas, aparições, anjos, imagens milagrosas e histórias da Bíblia.

II). Lendas Históricas: Abrangem narrativas sobre povoações desaparecidas, casos do quotidiano, tempo dos romanos, cristianização, tempo dos visigodos, conflitos entre mouros e cristãos, portugueses vs. castelhanos, figuras históricas como rainhas e reis, tomada de castelos, batalhas, heróis e heroínas, invasões francesas, amores trágicos, clérigos, piratas, navegadores e descobertas, epidemias e guerras liberais do século XIX.

III). Miscelânea: Envolve profecias, casos estranhos e pessoas devoradas.

IV). Lendas Urbanas: Recentes e muitas vezes relacionadas com o contexto contemporâneo.

V). Lendas Etiológicas: Explicam a origem de topónimos, flores, pedras, fontes, lagos, rios, cobras, insetos, aves, alimentos, animais, humanidade, árvores, fenómenos celestes, ilhas, o mar, montanhas, línguas, peixes e artefactos.

VI). Lendas do Sobrenatural: Incluem vampiros, fantasmas, sereias, procissão das almas, tesouros escondidos, papões, lugares assombrados, o diabo, bruxas, medos, presságios, ilhas encantadas, povoações encantadas, o vento, feiticeiras, entre outros.

A existência de múltiplas classificações das lendas portuguesas, como as propostas por Maria Cidrais (2014) e por Isabel Cardigos e Paulo Correia (2002), evidencia a riqueza e a diversidade do património lendário nacional. Estas classificações complementares

permitem uma compreensão mais profunda e abrangente das narrativas orais, refletindo diferentes aspetos culturais, históricos e sociais de Portugal.

Quanto ao valor das lendas, Bayard (2002) sugere que "a lenda é mais verdadeira do que a história", realçando que essas narrativas encapsulam os sentimentos, emoções e pensamentos de um povo (p.8). Por sua vez, Nascimento (2022) complementa essa perspectiva, argumentando que as lendas abordam questões profundas, como medos, ansiedades, controvérsias e tabus, que precisam ser simbolizados pela sociedade. As lendas, portanto, têm o poder de confirmar ou desafiar as concepções do mundo aceitas dentro de uma comunidade. Assim, desempenham um papel significativo ao permitir aos recetores das lendas compreender como o povo em questão entendia eventos passados e interagiu com o seu ambiente, tanto social como geográfico. Ou seja, as lendas fornecem *insights* valiosos sobre a mentalidade e a cultura de uma comunidade, ajudando a moldar a compreensão coletiva da história e da identidade cultural. Neste ponto, destaca-se a ideia da lenda como um "documento" histórico e um objeto crucial de estudo para a compreensão das comunidades. Bayard (2002) realça a sua relevância ao afirmar que a lenda, mais veraz do que a história, é um recurso precioso: ela expressa a vida do povo, transmitindo-lhe uma intensidade emocional que nos comove mais do que a rigidez cronológica dos factos registados.

Em termos conclusivos, é imprescindível sublinhar a relevância e o papel das lendas, os quais se destinam, como previamente destacado, a explorar e elucidar diversos aspetos do mundo e da cultura. Frequentemente, exercem também a função de difundir valores, alertar sobre potenciais perigos ou desencorajar certos comportamentos através das narrativas e dos seus protagonistas. As lendas refletem os valores de uma sociedade e a sua dinâmica com o ambiente circundante, sendo importante criar ferramentas para a preservação e valorização das lendas.

2.4 Lendas: que vias de incorporação no turismo?

Atualmente, o turismo é reconhecido como um motor crucial para o desenvolvimento socioeconómico global, desempenhando um papel significativo na criação de empregos, na geração de receitas e no desenvolvimento de infraestruturas em diversos países e destinos turísticos (Boz, 2020). Nas últimas décadas, o setor turístico tem registado um crescimento

contínuo, consolidando-se como um dos setores económicos mais importantes e de rápido crescimento (OMT, 2017). Contudo, este crescimento traz consigo novos desafios para os destinos turísticos, à medida que o mercado turístico se torna mais competitivo e os produtos e serviços turísticos se homogeneizam, os turistas vêm procurando experiências distintivas e autênticas (Aranda et al., 2015). Neste contexto, como já referido, os destinos turísticos têm procurado diferenciar-se através da promoção da sua herança cultural e da oferta de produtos turísticos inovadores que refletem a autenticidade e singularidade do local. Assim, a cultura emerge como um elemento-chave que permite aos destinos turísticos distinguirem-se e inovarem (Marujo, 2013). Estes produtos turísticos culturais advêm do património cultural material e imaterial, contudo o património imaterial tem ganhado popularidade entre os turistas, que cada vez mais procuram conexões emocionais e narrativas enriquecedoras nas atividades turísticas (Boz, 2020). Neste sentido, os destinos turísticos têm vindo a apostar na conceção e desenvolvimento de produtos turísticos que explorem e celebrem o seu património imaterial, abrangendo elementos como lendas, folclore, tradições, entre outros, sendo que muitas vezes, os destinos incorporam tanto o património imaterial quanto o material em produtos turísticos, visando assim potencializar a experiência dos visitantes. Pois, como refere Kearney (2009), o valor de um ativo de património tangível, como por exemplo um castelo, é mais enriquecido pelo valor intangível de uma lenda ou tradição associada a ele. De acordo com Tuan (1983), um simples castelo torna-se mais interessante quando tem uma lenda ou tradição associada. Esta combinação de património material e imaterial, resulta num produto turístico cultural mais diferenciado, inovador e atrativo, do que simples visitas ao património material de um destino.

Ou seja, componentes do património intangível, como os mitos, lendas, contos, etc. podem desempenhar um papel significativo na criação de produtos turísticos distintivos. A literatura existente revela uma lacuna significativa em estudos que abordem a interligação entre lendas e turismo (Yen et al, 2023). No entanto, observa-se uma crescente percepção de que o turismo pode beneficiar-se deste património imaterial, que gradualmente vem sendo valorizado (Blake,2020).

As lendas, conforme já anteriormente destacado, são narrativas orais transmitidas de geração em geração, nas quais elementos reais ou histórias verídicas se entrelaçam com componentes do imaginário popular. Estas narrativas frequentemente situam-se em localizações geográficas específicas e refletem a forma como as culturas e os indivíduos

dentro dessas culturas percebem o ambiente físico ao seu redor (Christou et al., 2023). Como refere Aranda et al. (2015), essa relação entre lendas e determinados locais, suscita a curiosidade das pessoas em explorar os sítios associados a essas narrativas.

É neste contexto que se estabelece a intersecção entre turismo e lendas, centrando-se na curiosidade e no desejo dos indivíduos em vivenciar, visitar e experienciar as lendas em primeira mão. De acordo com Christou et al. (2023) esta ligação se materializa em duas formas distintas: as lendas transformam-se em produtos turísticos específicos, tornando-se numa atração para os visitantes, ou podem ser utilizadas na promoção dos destinos turísticos, funcionando como um meio atrativo para captar a atenção e o interesse dos potenciais turistas.

No que diz respeito à primeira forma de incorporação de lendas no turismo, Stephenson (2008) postula que emerge da vontade dos indivíduos em aprender sobre as lendas e interagir com elas, seja através de narrativas, eventos culturais ou tradições associadas a estas bem como aos seus cenários. Diante disso, os *stakeholders* no turismo local, desenvolvem produtos turísticos alinhados com uma lenda específica, por meio de uma fusão de atividades e ou narrativas (idem). Nesse sentido, estes produtos turísticos apresentam uma diversidade de formatos, como itinerários, passeios e circuitos temáticos, nos quais a lenda e o ambiente físico se entrelaçam de forma íntima. Tal abordagem permite ao utilizador uma imersão mais profunda na cultura e na essência do local em questão (idem). Este enfoque proporciona uma experiência enriquecedora, na qual os visitantes têm a oportunidade não apenas de testemunhar a lenda em si, mas também de compreender como ela se relaciona com o contexto cultural e histórico do destino turístico. Existem vários exemplos de passeios e itinerários lendários em diferentes partes do mundo. Por exemplo, na cidade de Oslo, encontra-se o "Oslo: Myths and Legends Walking Tour", onde os visitantes têm a oportunidade de explorar a cidade através dos mitos e lendas locais, percorrendo lugares históricos significativos, e entender melhor a cultura local.

No entanto, a oferta de produtos turísticos não se limita apenas a itinerários ou passeios. São também criados parques, eventos e museus com temáticas lendárias, estabelecendo assim também conexões profundas entre os visitantes e as lendas. Um exemplo destacável é o centro interativo "Sintra Lendas e Mitos" em Sintra, Portugal. Neste centro, os visitantes têm à sua disposição gravações em áudio-guia, hologramas de tamanho real e experiências sensoriais e cinéticas relacionadas às lendas locais, proporcionando uma imersão única nas

narrativas lendárias da região. Relativamente, a parques, Christou et al. dá como exemplo, o parque temático da lenda de São Nicolau, mais conhecido como Pai Natal, denominada Joulupukin Pajakylä (Aldeia do Pai Natal), localizada em Rovaniemi, na Lapónia. Rovaniemi é uma cidade na Finlândia que se autodenomina como a cidade natal oficial do Pai Natal. Neste parque, os visitantes têm a oportunidade de entrar em contacto com o Pai Natal, entre outras atividades. Mesmo este parque tendo sido criado com um âmbito mais comercial, e não tanto devido à lenda de São Nicolau, não deixa de ser um exemplo de um parque relacionado com uma lenda.

Com base nos exemplos fornecidos, torna-se evidente que as lendas podem ser habilmente transformadas em diversos produtos turísticos, emergindo como atrativos poderosos para os visitantes. Esta variedade de produtos contribui significativamente para enriquecer a oferta turística de um destino, conferindo-lhe uma amplitude mais abrangente, diferenciada e inovadora (Razak & Romle, 2016). Além de ampliarem a gama de experiências disponíveis aos turistas, Aranda et al. (2015) salientam que tais produtos não só oferecem aos seus utilizadores a oportunidade de explorar tanto o património imaterial quanto o material de um local, mas também proporcionam um momento de fuga, evasão, transportando o turista para um mundo completamente diferente e muitas vezes fantasioso. Conforme observado por Bugrul (2014), este tipo de produto atrai não apenas um segmento demográfico específico, mas sim um vasto espectro de pessoas interessadas em explorar culturas, tradições, estilos de vida alternativos e diversas formas de expressão cultural. Este público diversificado engloba desde jovens até idosos, todos aqueles que têm uma inclinação pela descoberta e estão ávidos por vivenciar novas experiências. Assim, a implementação desses produtos turísticos não apenas impulsiona a economia local, mas também desempenha um papel vital na preservação e promoção do património imaterial da região (Boz,2020).

Na segunda forma de integração das lendas no turismo, Christou et al. (2023) postula que os viajantes frequentemente direcionam-se para locais associados a lendas específicas. Este comportamento é motivado pelo facto de que diferentes regiões do mundo têm sido envolvidas por diversas narrativas lendárias. Por exemplo, a Irlanda é fortemente associada aos duendes, a Islândia aos *huldufólk* (elfos na mitologia islandesa e faroesa), Escócia ao Monstro do Lago Ness, entre outros. Perante o interesse dos turistas em locais relacionados com lendas, essas localidades e regiões têm utilizado lendas como ferramentas estratégicas

de marketing. Através de uma variedade de meios de comunicação, como panfletos, publicidade em sites especializados, redes sociais e campanhas promocionais, essas narrativas lendárias são habilmente empregues para atrair visitantes e solidificar a identidade da região. As lendas frequentemente retratam contos heroicos e elementos sobrenaturais, capturando a imaginação das pessoas e estabelecendo uma conexão emocional com o passado e o presente. Esse aspeto é especialmente atraente para os turistas internacionais, que buscam experiências autênticas e imersivas que os conectem com a cultura e o património locais, conforme observado pela Organização Mundial do Turismo em 2018. Além de proporcionar uma sensação de mistério, aventura e encantamento, as lendas também desempenham um papel crucial na promoção do local (Sofield et al., 2017). Ao integrar essas narrativas nas campanhas de marketing, os destinos conseguem se diferenciar e atrair um público mais amplo de turistas, como indicam estudos recentes (Everett & John Parakoottathil, 2018; Ironside & Massie, 2020). Portanto, é evidente que as lendas não só enriquecem a experiência turística, mas também se tornam elementos fundamentais na construção da imagem de marca de uma região, contribuindo para sua atratividade e sucesso no mercado turístico global.

Para ilustrar esse fenómeno, destacarei alguns exemplos concretos de locais que utilizam lendas como parte das suas estratégias de promoção turística, segundo Visi (2017). Um exemplo notável é o Monstro do Lago Ness, uma lenda com origens que remontam a séculos atrás, tendo sido documentada pela primeira vez em 565 d.C. Segundo relatos, o Lago Ness é supostamente habitado por uma criatura marinha de proporções gigantescas, conhecida popularmente como Nessie. No entanto, foi a partir de 1933, coincidindo com a construção de uma estrada adjacente ao lago, que a popularidade da lenda atingiu seu auge, resultando em uma multiplicidade de avistamentos relatados (Hughes, 2018). Estes relatos serviram de estímulo para a produção de uma série de documentários e filmes, que buscaram investigar a autenticidade da narrativa. Apesar das extensivas investigações conduzidas, o enigma em torno da existência do monstro persiste, transformando-o num símbolo da identidade nacional escocesa e num considerável motor económico regional (Morton, 2008), com estimativas sugerindo um impacto financeiro anual de aproximadamente 80 milhões de libras (Tikkanen, 2017).

Outro exemplo da utilização da lenda como marketing, é o caso do Conde Drácula, um personagem fictício famoso, que teve origem no romance de Bram Stoker, publicado em

1897. O nome “Drácula” é inspirado em Vlad, o Empalador, um rei da romenia. (Candrea et al. 2016). A verdade histórica relacionada à vida de Vlad, o Empalador, favorece a utilização do mito do Drácula no contexto turístico romeno. O turismo relacionado com o Drácula impulsionou a Roménia desde os anos 1970, com o Ministério do Turismo a oficializar esta estratégia em 2000. Hoje, o turismo centrado no Drácula é uma parte essencial da indústria turística romena, com operadores turísticos a oferecerem pacotes especiais, especialmente durante o Halloween. O Castelo do Drácula é considerado um dos principais atrativos turísticos da Roménia, contribuindo significativamente para a economia local (Candrea et al.2016).

Os exemplos das lendas do Monstro do Lago Ness e do Conde Drácula exemplificam a eficácia das lendas como instrumentos influentes na promoção turística. Ambos os fenómenos, o Monstro Nessie e o Drácula, exercem um forte apelo sobre visitantes de diversas partes do mundo, exercendo um impacto significativo nas economias locais. Além disso, tais narrativas lendárias contribuem para a construção de identidade e diferenciação dos destinos turísticos, estimulando o interesse e a curiosidade dos turistas. Em síntese, as lendas desempenham um papel fundamental na promoção e na atração de turistas para os destinos em questão.

Em resumo, as lendas têm sido incorporadas no âmbito do turismo de diversas maneiras, como discutido anteriormente, seja como produtos turísticos, parte da promoção de destinos, ou em alguns casos, em ambos os aspetos simultaneamente (Aranda, et al. 2015). No contexto do turismo, as lendas desempenham diversas funções, como destacado por Bêca et al. (2021). Essas narrativas desempenham o papel crucial de atrair turistas para destinos específicos, conferindo-lhes uma aura de singularidade e proporcionando experiências únicas aos visitantes, o que, por sua vez, aumenta o valor da atração e do próprio destino. Além disso, essas narrativas contribuem para a formação da imagem turística do destino, ao mesmo tempo em que promovem a história e a cultura locais. As lendas e mitos também atuam como instrumentos motivadores, mobilizando os turistas e enriquecendo as suas experiências de viagem. Em suma, ao desempenharem um papel importante no turismo, as lendas possibilitam a preservação do património cultural imaterial, enriquecendo assim as experiências dos viajantes e contribuindo para a sustentabilidade e valorização dos destinos turísticos.

2.4.1 A Integração das Lendas Madeirenses no Turismo Local

Como é objetivo primordial desta dissertação centrado na conceção de um itinerário das lendas da Madeira, torna-se relevante explorar se as lendas madeirenses são de facto incorporadas no turismo local, seja como produtos turísticos ou como veículos de promoção para a ilha. Esta análise é essencial para a nossa investigação, uma vez que a compreensão da integração das lendas no contexto turístico da Madeira não só enriquecerá a construção do itinerário proposto, mas também proporcionará uma compreensão mais profunda do papel das lendas na promoção e preservação do património cultural da região. Portanto, descobrir se as lendas são de facto incorporadas ao turismo da Madeira é vital para entendermos a relação entre essas narrativas e a indústria turística local.

Para investigar essa integração, foi realizada uma pesquisa no motor de busca Google utilizando os termos "Lendas", "Madeira" e "Turismo". Esta pesquisa revelou alguns sites de relevo, onde se verificou que as lendas madeirenses aparecem em apenas alguns poucos sites associados ao turismo. Entre eles, destaca-se um site de um operador turístico que menciona algumas lendas locais com o objetivo de promover a ilha e incentivar a aquisição de *tours* oferecidos por esse operador. Esses sites utilizam as lendas não apenas como um recurso cultural, mas também como uma ferramenta de marketing para despertar o interesse dos visitantes e enriquecer a experiência turística.

Contudo, é importante destacar que, no site oficial das organizações de turismo institucional da região da Madeira, o Visit Madeira², não há qualquer referência às lendas madeirenses. Ao analisar o site oficial do turismo da Madeira, é possível observar que o setor turístico ainda valoriza recursos como a natureza, a hospitalidade, a gastronomia e eventos como a Festa da Flor e o Carnaval. A cultura também aparece em destaque no site oficial; contudo, nesta secção, não há menções a lendas. Isso evidencia uma falta de investimento, ou desconhecimento, oficial na valorização e promoção das lendas como parte integrante do património cultural e atrativo turístico da ilha. Essa ausência no principal portal de turismo regional sugere que as lendas ainda não são amplamente reconhecidas ou utilizadas como um recurso estratégico no desenvolvimento turístico da Madeira.

² Verificável em <https://visitmadeira.com/>

Relativamente a produtos turísticos que envolvem as lendas madeirenses, não foi possível encontrar evidências disso, apesar do esforço de revisão da literatura e pesquisa online.

Portanto, a integração das lendas madeirenses no turismo local parece ser um campo ainda subexplorado, especialmente pelas instituições oficiais de turismo. Este facto sublinha a importância e a oportunidade de desenvolver um itinerário dedicado às lendas, que poderia preencher esta lacuna, promovendo não só o turismo, mas também a preservação e valorização de um património cultural riquíssimo e único. Considerando exemplos de outras regiões onde o aproveitamento das lendas contribui significativamente para o aumento do turismo, como é o caso da Roménia, onde as lendas de Drácula atraem numerosos visitantes anualmente (Candrea et al., 2016), ou da Escócia (Boz, 2020), é possível inferir que a Madeira poderia beneficiar de uma estratégia semelhante. A implementação de um itinerário das lendas madeirenses não só poderia atrair mais turistas, mas também fortalecer a identidade cultural da região e proporcionar uma nova dimensão à experiência turística na ilha. A criação de roteiros turísticos que incluam visitas a locais associados a lendas, a organização de eventos culturais temáticos e a inclusão dessas histórias em materiais promocionais oficiais poderiam transformar as lendas madeirenses num recurso valioso, em especial no que concerne a turistas com maior sensibilidade cultural. Tal iniciativa não só diversificaria a oferta turística, mas também incentivaria a preservação e a transmissão deste património imaterial às futuras gerações, dado que muitas vezes as tradições orais acabam por desaparecer.³ Assim, é imperativo que as entidades responsáveis pelo turismo na Madeira reconheçam e invistam na riqueza das suas lendas, integrando-as como um componente central da sua estratégia turística. Dessa forma, a Madeira não só preservará um aspeto fundamental da sua herança cultural, mas também poderá destacar-se ainda mais como um destino turístico de excelência.

3 Breve Caracterização da Ilha da Madeira

Este capítulo tem início com uma breve caracterização da Ilha da Madeira, abrangendo aspetos geográficos, demográficos, económicos, turísticos.

³ Exemplos desses casos em: [How the Irish lost their words \(bbc.com\)](https://www.bbc.com/news/health-56111111), [Lost Scottish folk tales published online - BBC News](https://www.bbc.com/news/culture-56111111) ; [The myths that hint at past disasters \(bbc.com\)](https://www.bbc.com/news/health-56111111).

Posteriormente, adentraremos na exploração das lendas madeirenses. Ao longo desta análise, discutiremos as influências culturais e históricas que moldaram essas lendas, destacando a importância dessas narrativas no contexto cultural madeirense. Abordaremos os diferentes tipos de lendas presentes no repertório lendário da Madeira, incluindo as lendas sagradas, históricas, etiológicas, sobrenaturais, entre outras. Além disso, serão detalhadas as formas como essas lendas foram preservadas, catalogadas e transmitidas ao longo do tempo. Exemplificaremos alguns dos autores que se dedicaram à recolha das lendas madeirenses, bem como mencionaremos obras significativas que contêm estas recolhas. Esta exploração visa não só valorizar o património cultural da Madeira, mas também evidenciar a importância da preservação dessas narrativas tradicionais para futuras gerações.

Por fim, realizamos uma análise SWOT com o objetivo de identificar os pontos fortes, fraquezas, oportunidades e desafios associados à criação dos itinerários literários de lendas na Ilha da Madeira, tendo em conta tudo o que foi abordado nestes capítulos anteriores.

3.1 Caracterização Geográfica

O Arquipélago da Madeira, localizado no Atlântico Norte, é composto pelas ilhas da Madeira e Porto Santo, além dos ilhéus desabitados das Desertas e Selvagens. A sua localização geográfica situa-se aproximadamente a 900 km do continente português e a 700 km de Casablanca, Marrocos. Este arquipélago está posicionado na zona central do Atlântico oriental, entre os paralelos 33° 07'N e 32° 24'N e os meridianos 16° 17'W e 17° 16'W.

Inserido na região biogeográfica conhecida como Macaronésia, também engloba os arquipélagos dos Açores, Canárias e Cabo Verde. Esta região é caracterizada pelo seu clima subtropical, com temperaturas amenas ao longo do ano e uma vegetação luxuriante. A Ilha da Madeira, em particular, é marcada por um relevo bastante irregular, dominado por montanhas rochosas intercaladas por vales profundos e encostas íngremes. Os picos impressionantes que se elevam acima do nível do mar, sendo o Pico Ruivo o mais alto, atingindo cerca de 1862 metros. A combinação da orografia, dos ventos e da localização geográfica da Ilha permite a existência de uma grande variedade de microclimas, que possibilitam a presença de uma elevada riqueza de fauna e flora. Em contraste, as restantes ilhas e ilhéus possuem uma orografia mais plana.

A Ilha da Madeira, é a principal ilha do Arquipélago, sendo a maior, tendo cerca de 737 quilómetros quadrados de área, sendo constituída por dez concelhos: Funchal, Câmara

de Lobos, Ribeira Brava, Ponta de Sol, Calheta, Porto Moniz, São Vicente, Santana, Machico, Santa Cruz (ver figura 2) e por cinquenta e quatro freguesias.

Figura 2 - Concelhos da Ilha da Madeira



Fonte: APRM

Conforme evidenciado na Figura 2, destaca-se que o concelho de maior extensão territorial é o da Calheta, abrangendo uma área estimada de 115,65 quilómetros quadrados. Em contrapartida, o concelho vizinho, Ponta do Sol, apresenta-se como o de menor dimensão, com uma área de 46,19 quilómetros quadrados. No entanto, é importante salientar que no contexto do arquipélago da Madeira, o concelho de menor área é o de Porto Santo, o único existente na ilha homónima.

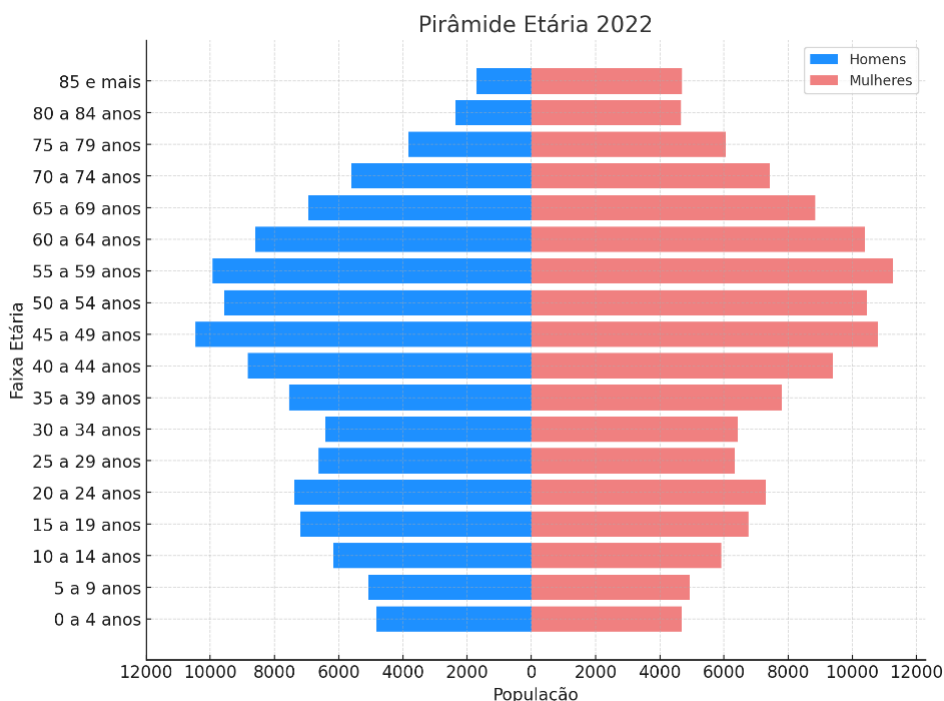
3.2 Caracterização Demográfica

De acordo com os dados fornecidos pela Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM), órgão responsável pela compilação de estatísticas oficiais e governamentais, económicas, sociais e demais, relativos ao Arquipélago da Madeira, os registos mais recentes

referentes à demografia datam de 2022. De acordo com esses dados⁴, a população do arquipélago da Madeira totaliza 253.259 habitantes, sendo que 52,9% são do sexo feminino e 47,1% do sexo masculino. O concelho mais densamente povoado é a capital, Funchal, com cerca de 106.429 residentes, correspondendo a aproximadamente 42,02% da população total do arquipélago. Em contrapartida, o concelho menos populoso é o de Porto Moniz, localizado na zona norte, com um contingente de 2499 mil habitantes.

Relativamente aos grupos etários estão assim distribuídos:

Figura 3 - Pirâmide Etária correspondente a 2022



Fonte: Elaboração própria com base nos dados provenientes das estatísticas da DREM 2022

Segundo os dados apresentados, destaca-se que os jovens com idades compreendidas entre os 0 e os 24 anos representam 23,78% da população residente, revelando uma diferença significativa em relação à parcela idosa (65 anos e mais), que corresponde a 28,09% da população residente. Esta disparidade evidencia um desequilíbrio demográfico entre as

⁴ <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now/social/popcondsoc-pt/demografia-pt/demografia-serie-pt/demografia-series-longas-pt/category/219-series-longas.html>

gerações mais jovens e os idosos, o que pode potencialmente acarretar desafios sociais no futuro, conforme já se pode observar em certos países. Esta dinâmica demográfica resulta numa proporção de 85 jovens para cada 100 idosos, indicando uma tendência preocupante em termos de distribuição etária e de dependência populacional.

De acordo com os dados disponibilizados pela Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM)⁵, a população residente na região tem mostrado uma tendência de diminuição desde os últimos censos realizados em 2011, refletindo uma queda de cerca de 5,28%. Naquele ano, a população era estimada em 267.394 habitantes. No entanto, é importante destacar que, apesar dessa redução geral ao longo da década, nos anos mais recentes, entre 2018 e 2022, observou-se um incremento populacional. Em 2018, por exemplo, a população rondava os 250.397 habitantes, registando um aumento gradual ao longo desses anos. Em 2022, o número de habitantes alcançou 253.259, indicando uma inversão na tendência de declínio e um retorno ao crescimento demográfico na região.

3.3 Caracterização Económica

A economia da Região assenta, principalmente, no setor terciário, com destaque para o turismo, que se revela não apenas como o principal impulsionador, mas também como a maior fonte de receitas. A sua influência multiplicadora abrange diversos setores de atividade, sobretudo pela contribuição significativa na criação de emprego. Com efeito, o turismo representa 29% do PIB regional, detendo a maior fatia em comparação com outros setores de atividade, conforme dados estatísticos do governo regional e do INE (2023).

No que diz respeito à indústria regional, esta é caracterizada pela predominância de pequenas e médias empresas. Em 2021⁶, o universo empresarial não financeiro era constituído por 32.222 empresas, destacando-se setores como agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca, com 4.689 empresas; comércio por grosso e a retalho, incluindo reparação de veículos automóveis e motociclos, com 4.255 empresas; alojamento, restauração e similares, totalizando 4.351 empresas; e atividades administrativas e dos

⁵ <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now/social/popcondsoc-pt/demografia-pt/demografia-serie-pt/demografia-series-longas-pt/category/219-series-longas.html>

⁶ <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now/multitematicas-pt/multitematicas-mn-pt/multitematicas-mn-publicacoes-pt/send/34-madeira-em-numeros-publicacoes/16867-madeira-em-numeros-2022.html>

serviços de apoio, com 4.497 empresas, como os setores detentores com maior número de empresas. É relevante notar que o setor do comércio apresenta o maior volume de negócios, atingindo 3.074.042 euros, seguido pela construção, com 762.050 euros, e, em terceiro lugar, pelo alojamento, restauração e similares, com 567.977 euros. Estes setores também concentram a maior parte da mão-de-obra, representando cerca de 48,7% do total de pessoal ao serviço das empresas não financeiras. Ou seja, os setores do comércio, alojamento, restauração e construção emergem como pilares fundamentais da economia regional, não só pela sua significativa contribuição para o volume de negócios, mas também pela quantidade substancial de empregos que geram.

Em 2022⁷, na Região Autónoma da Madeira, a população ativa é de cerca de 137,7 mil habitantes, enquanto 117,4 mil habitantes estão inativos. Dos 1295 mil habitantes empregados, que representam 51,1% da população total, o setor terciário (prestação de serviços) destaca-se como o maior empregador, absorvendo 82,9% da força de trabalho. Em seguida, o setor secundário (indústria, construção, energia e água) emprega 1826 mil habitantes, representando 14,1%, e o setor primário (agricultura, produção animal, caça, florestas e pesca) emprega 4014 habitantes, correspondendo a 3,1% da força de trabalho. No que toca à questão do desemprego⁸, atualmente quase 8,1 mil pessoas estão desempregadas na Região Autónoma da Madeira, representando 5,88% da população ativa. Esta taxa encontra-se abaixo da média nacional, que se situa em 6,5%, segundo o INE de 2023. Houve uma redução de 1,1% em comparação com o ano de 2022, quando a taxa de desemprego era de 7,0%. Em 2023, esse número caiu para 5,9%. Com isso, a Região Autónoma da Madeira é a região do país com a menor taxa de desemprego do País.

No que diz respeito ao Produto Interno Bruto (PIB) da Região, os dados de 2022 indicam um valor de 6.020,5 milhões de euros, sendo esta a informação mais recente disponível. Em relação ao PIB per capita, a Região apresenta um valor de 23.675 euros, ligeiramente superior à média nacional, que se fixou em 23.531 euros. No entanto, é importante notar que a Madeira regista a segunda maior taxa de risco de pobreza, situando-

⁷ Corresponde ao documento da nota de rodapé número 6.

⁸ <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now/multitematicas-pt/multitematicas-bte-pt/multitematicas-bte-publicacoes-pt/send/31-bte-publicacoes/17197-boletim-estatistico-4-trimestre-202327032024.html>

se em 24,8%, acima dos 17% verificados a nível nacional, mas abaixo dos 26% dos Açores (DREM,2022)⁹.

3.4 Caracterização Turística

A atividade turística na Região Autónoma da Madeira é amplamente reconhecida como um dos principais alicerces para a sustentabilidade social e económica, exercendo um impacto significativo em diversos setores da região (Vieira, 2008). Esta indústria não só serve como uma fonte primordial de receitas, mas também desempenha um papel crucial no desenvolvimento socioeconómico da região, como evidenciado por Marujo (2013). Muitos veem o turismo como a chave para o progresso regional, uma vez que constitui o setor dominante na economia madeirense, representando quase 30% do PIB regional.

A forte tradição turística da Região Autónoma da Madeira remonta ao século XV, período em que a Ilha passou a captar a atenção de um segmento distinto de viajantes, incluindo entusiastas românticos, naturalistas e indivíduos em busca de tratamentos terapêuticos (Silva, 1985). A singularidade e a beleza exótica da região atraíram esses visitantes, contribuindo para o surgimento dos primeiros locais turísticos nas ilhas atlânticas e europeias destinados para as elites. (Perdigão, 2017) No decorrer do século XIX, personalidades proeminentes como o hoteleiro William Reid desempenharam um papel significativo no desenvolvimento do turismo de lazer na região. A inauguração do seu primeiro estabelecimento hoteleiro, o *Reid's*, assinalou o advento de uma era de turismo de luxo na Madeira e serviu como catalisador para a expansão subsequente do setor hoteleiro e turístico na Ilha (Abreu, 2012).

Durante o século XX, e em especial após a implementação das comunicações aéreas e a inauguração do Aeroporto do Funchal em 1964, a indústria turística da Madeira entrou numa nova fase. Este período foi marcado por uma significativa afluência de turistas e pelo desenvolvimento de novas infraestruturas turísticas e hoteleiras, bem como de infraestruturas públicas. Estes fatores desempenharam um papel crucial no impulso e crescimento contínuo do setor turístico. Atualmente, a Madeira é amplamente reconhecida

⁹ <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now/economica/contaseconomicas-pt/contaseconomicas-cr-pt/contaseconomicas-cr-emfoco-pt/send/55-contas-regionais-emfoco/16823-em-foco-contas-regionais-base-2016-2020-2022po.html>

como um destino insular de eleição, com uma crescente procura e um aumento constante no número de visitantes.

Em 2023, a Região Autónoma da Madeira registou um aumento expressivo no setor do turismo, atingindo números históricos tanto no volume de visitantes como nas receitas geradas. Embora não haja um número exato para o total de turistas que chegaram à ilha, o número de hóspedes nos diferentes tipos de alojamento turístico – como hotéis, alojamentos locais e turismo rural – oferece uma boa estimativa. Nesse ano, o número de hóspedes cresceu 17,8% em relação ao ano anterior, totalizando 2,1 milhões de pessoas. Esses visitantes geraram 11,2 milhões de dormidas, o que representa um aumento de 13,7% face a 2022 e de 32% em comparação com 2019. Cerca de 84,5% das dormidas foram realizadas por turistas estrangeiros, que registaram um aumento de 16,6% em relação ao ano anterior. No total, foram registadas mais de 10,9 milhões de dormidas, com 2.344.155 hóspedes. Destes, os visitantes de nacionalidades alemã, inglesa, francesa e polaca destacaram-se como os mais representativos. Os turistas nacionais, por sua vez, contribuíram com 15,5% das dormidas, o que corresponde a cerca de 1,7 milhões (DREM, 2023)¹⁰.

No que diz respeito ao turismo marítimo, a Região recebeu 1 440 936 passageiros, em 1 317 escalas conforme dados fornecidos pela APRAM – entidade responsável pela gestão dos portos da Madeira¹¹. Este aumento no fluxo de turistas, tanto aéreos quanto marítimos, permitiu à Madeira alcançar receitas turísticas totais superiores a 652 milhões de euros em 2023 (DREM, 2023).¹²

Na presente análise do setor turístico da Região Autónoma da Madeira, consideramos pertinente, dada a temática deste estudo, abordar a oferta turística local, sendo que o foco será direcionado para os produtos turísticos de natureza cultural e literária, visando compreender o panorama do turismo cultural e literário na ilha.

Segundo Baptista (1990), a oferta turística de um destino inclui todos os recursos, bens e serviços disponíveis aos visitantes, que são projetados para satisfazer as suas necessidades e proporcionar uma experiência completa. Isso abrange tanto as infraestruturas físicas quanto os elementos naturais e culturais que atraem turistas (Andrade, 2002). Esses componentes são cruciais para o desenvolvimento turístico, pois definem a capacidade de

¹⁰ Dados disponíveis em: <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now/economica/turismo-pt/turismo-emfoco-pt/emfoco-turismo-pt/send/46-turismo-emfoco/17577-em-foco-2023.html>

¹¹ Dados disponíveis em: <https://apram.pt/>

¹² Dados disponíveis em: <https://estatistica.madeira.gov.pt/en/download-now-3/economic/turismo-gb/turismo-emfoco-gb/tourism-in-focus-gb/send/46-turismo-emfoco/17577-em-foco-2023.html>

atração e as potencialidades de uma região (Ignarra, 2001). No contexto da Madeira, os atrativos turísticos desempenham um papel fundamental, pois são a base da oferta turística e são essenciais para a atratividade do destino. Na região, os principais elementos atrativos da Ilha são o clima, a paisagem e a cultura (Marujo, 2015).

O clima da Madeira é frequentemente destacado como um dos principais atrativos turísticos, desempenhando um papel particularmente relevante para a ilha. Conforme mencionado por Marujo (2004), o clima é frequentemente citado pelos turistas como uma das razões para a sua visita. Este fator não só é crucial para atrair visitantes, mas também proporciona condições ideais para que possam aproveitar ao máximo a natureza exuberante da Madeira, outro grande atrativo da região. Além disso, as condições climáticas favoráveis facilitam o planeamento e a realização de uma ampla variedade de atividades recreativas ao ar livre. Assim, o bom clima enriquece a experiência turística e contribui para uma oferta diversificada e atraente.

Paralelamente, a paisagem é amplamente reconhecida como o maior atrativo da Madeira, desempenhando um papel essencial na sua popularidade e apelo (Silva, 2022). A singularidade geográfica da ilha oferece cenários naturais impressionantes, caracterizados por vegetação exuberante e formações naturais diversificadas. Entre os destaques estão a floresta Laurissilva (Freitas, 2012), classificada como Património Mundial, e as levadas, canais de irrigação que proporcionam trilhos pela paisagem montanhosa (Almeida et al, 2013) Estes elementos são altamente valorizados pelos visitantes, que são atraídos pela oportunidade de explorar um ambiente natural tão distinto e bem preservado.

Além dos atrativos naturais, como o clima e a paisagem, a cultura também desempenha um papel fundamental na oferta turística da Madeira. Segundo Marujo (2015, p.11), “a cultura, na maioria dos casos, constitui um trunfo importante para o desenvolvimento do turismo”, sendo frequentemente uma atração significativa para os visitantes. A diversidade cultural, tanto em termos de património material quanto imaterial, emerge como um poderoso catalisador para o desenvolvimento turístico a nível regional e local. A Região Autónoma da Madeira ilustra exemplarmente esta interação. Com uma cultura multifacetada, a região oferece uma vasta variedade de atrativos e experiências turísticas culturais, integrando o turismo e a cultura para atrair visitantes.

Mesmo quando a cultura não é o principal motivo da visita à Madeira, ela enriquece significativamente a experiência turística da ilha. A Madeira, com sua vasta diversidade

cultural, oferece uma oferta turística rica e variada. Embora muitos turistas sejam inicialmente atraídos pela paisagem, frequentemente acabam explorando a cultura local, dado o intrínseco vínculo entre cultura e turismo.

A gastronomia é um exemplo notável desse vínculo. Para além dos diversos restaurantes e bares que servem a culinária local, a região também promove uma série de iniciativas turísticas que destacam a gastronomia. Festivais gastronómicos, como a Festa do Peixe Espada Preto e a Festa Gastronómica de Machico, assim como rotas gastronómicas, como a Rota do Pão e a Rota dos Sabores Conventuais, são exemplos de como a Madeira valoriza a sua culinária. Estes eventos não apenas oferecem aos turistas a oportunidade de degustar pratos típicos, mas também proporcionam uma imersão na cultura local, contribuindo para uma experiência turística mais rica e diversificada

Além da gastronomia, os eventos culturais desempenham um papel crucial na oferta turística da Madeira. Estes eventos são uma das principais manifestações culturais que atraem visitantes, sendo organizados progressivamente em diversas localidades, tanto em cidades quanto em vilas. Segundo Richards e Palmer (2010), esses eventos oferecem espetáculos e atmosferas cativantes que atendem ao desejo dos visitantes de vivenciar autenticamente o local. Eles não apenas atraem turistas, mas também diferenciam o destino dos seus concorrentes e fortalecem a identidade cultural da região. Entre os eventos mais significativos estão a Festa do Fim-de-Ano, a Festa da Flor, o Festival do Atlântico e o Carnaval, conforme destacado por Serrão (2017). Estes são amplamente reconhecidos como eventos emblemáticos do arquipélago da Madeira e atraem um grande número de turistas. Além desses, festividades relacionadas às tradições agrícolas, como a Festa do Limão, a Festa da Cereja, a Festa da Castanha, a Festa do Vinho e a Festa da Cana-de-Açúcar, também contribuem para a riqueza cultural da região, refletindo a diversidade das celebrações locais.

A Madeira, além das suas paisagens naturais e eventos culturais, também oferece uma rica variedade de museus e núcleos museológicos que são componentes essenciais da sua oferta turística. Estes espaços culturais não apenas desempenham um papel fundamental na preservação e promoção do património histórico e cultural da região, mas também servem como atrações turísticas significativas para os visitantes (Costa, 2002). Em 2022, a Madeira contava com 25 museus, como o Museu Etnográfico da Madeira, o Núcleo Museológico da Rota do Cal, o Núcleo Museológico do Museu Militar do Palácio de São Lourenço e o Museu Quinta das Cruzes, entre outros. Estes museus atraíram um total de 338.331 visitantes em

2022, o que representa o maior número desde 2012. Deste total, 197.923 eram turistas estrangeiros.

Desde 2007, quando foram registados os primeiros dados disponíveis, tem-se observado um crescimento constante no número de visitantes aos museus da região, com um aumento médio anual de 3,41%. Este crescimento sublinha o crescente interesse dos turistas por explorar os espaços culturais da Madeira e reforça a importância dos museus como polos de atração turística. Assim, os museus e núcleos museológicos da Madeira contribuem significativamente para a diversificação e enriquecimento da oferta turística da região.

No contexto do turismo literário no arquipélago da Madeira, observa-se uma presença ainda incipiente, refletindo uma área pouco explorada e divulgada como recurso turístico em Portugal, conforme assinalado por Oliveira (2017). Apesar da existência de alguns roteiros literários na Madeira, como o Roteiro Literário do Funchal e o Roteiro Funchal Escrito, identificou-se uma escassez de produtos turísticos literários diretamente concebidos para esta vertente. No entanto, a Região Autónoma da Madeira apresenta uma variedade de eventos culturais que podem ser enquadrados como produtos turísticos literários, incluindo festivais literários e feiras do livro, como o Festival Falemos e as feiras realizadas em concelhos como Funchal, Santa Cruz, Machico e Ribeira Brava. Adicionalmente, verificou-se que outros recursos turísticos com pendor literário, anteriormente presentes na região foram descontinuados, como a Casa-Museu do escritor Horácio Bento Gouveia e a de Herberto Helder. Além disso, o Festival Literário da Madeira (FLM), que já foi um marco importante, também foi extinto por razões diversas.

Em suma, a atividade turística na Região Autónoma da Madeira tem sido essencial para o desenvolvimento socioeconómico da Ilha, consolidando-se como um pilar fundamental para a sua sustentabilidade e crescimento regional. Embora a paisagem e o clima sejam os principais atrativos, a rica herança cultural da Madeira tem um potencial significativo para enriquecer e diversificar a oferta turística. A cultura madeirense, com a sua profundidade histórica e diversidade, oferece oportunidades valiosas para criar experiências turísticas mais completas e envolventes. Promover eventos culturais, roteiros e produtos relacionados com a cultura local pode atrair novos públicos e aprofundar a experiência dos visitantes, complementando o apelo natural da ilha.

Para maximizar este potencial, é crucial que a Madeira invista na integração da cultura nas suas estratégias promocionais. Incentivar iniciativas que celebrem a herança cultural e

literária, como eventos temáticos e experiências culturais, pode reforçar a posição da Madeira como um destino turístico distintivo e aumentar o seu apelo internacional. Este enfoque não só enriquece a oferta turística, como também contribui para a preservação e valorização contínua da identidade cultural da ilha.

3.5 Lendas madeirenses

Considerando o tema subjacente da presente dissertação, para realizar o Roteiro Literário das Lendas da Madeira é relevante uma abordagem introdutória à literatura popular de tradição oral madeirense, mais especificamente, às lendas desta região. Segundo Pinto-Correia (2014), a literatura popular de tradição oral emerge como uma das expressões mais ricas do património cultural imaterial das ilhas, tanto na Madeira como no Porto Santo, equiparando-se em importância, diversidade e extensão a outras regiões do território nacional, como Trás-os-Montes, o Algarve e os Açores. Este componente cultural é amplamente reconhecido como um reflexo identitário da cultura madeirense, suscitando o interesse de diversos estudiosos, incluindo escritores, historiadores culturais, antropólogos e etnógrafos, os quais percebem esse património “como um veio fundador da identidade do arquipélago da Madeira” (Pinto-Correia, 2014, p.320). Contudo, certos elementos da literatura popular de tradição oral madeirense tenham sido objeto de extensas coletas e estudos, as lendas, em contrapartida, têm sido mais negligenciadas (Pinto-Correia, 2014). No entanto, as lendas madeirenses desempenham um papel crucial e elucidativo na compreensão dos ideais e do modo de vida da sociedade ao longo de sua história, como salientado por Olim (2011). Diversos aspetos da vida do povo madeirense exerceram influência sobre essas narrativas orais, incluindo elementos históricos, a orografia do arquipélago e a profunda religiosidade da população. Além disso, como observado por Moutinho (2020), a rica diversidade cultural presente no arquipélago desde os primeiros momentos da sua colonização deixou a sua marca nas lendas, “ que a população tem origens variadas no território português, e desde as nações através às costas africanas, onde os negros eram apanhados e escravizados, sobretudo para os trabalhos açucareiros, a mitografia madeirense revela-se aqui simultaneamente aberta todas as influências, mas sem passado anterior a 1418, o ano da descoberta. De todos os que, voluntariamente ou involuntariamente, ocuparam a Madeira e o Porto santo, houve forçosamente contributos para uma (nova) mitografia. Uns perderam a terra e a liberdade, outros ganharam outra terra e diferentes

labores, porém não puderam ser espoliados das suas tradições, que transmitiam, dialogavam e confrontavam com mais estas e aquelas” (p.13,14).

Esses elementos e outros são muitas vezes refletidos nas próprias temáticas das narrativas, abrangendo uma variedade de aspetos, como religião, etiologia, história, sobrenatural (Gomes, 2013). Algumas lendas até mesmo mesclam esses diferentes géneros (Moutinho, 2020).

Dada a marcada religiosidade do povo madeirense, é comum que muitas lendas do repertório local apresentem uma temática religiosa (Gomes, 2013). Estas podem incluir narrativas de aparições, relatos de santos, milagres e imagens religiosas andarilhas (Rodrigues, 2019). Como ilustra, a lenda de Nossa Senhora do Monte está intimamente ligada à construção da ermida da Senhora da Encarnação, hoje conhecida como Igreja do Monte, e às supostas aparições da Virgem a uma menina no Terreiro da Luta. Outro exemplo é a Lenda do Senhor dos Milagres, que narra como a imagem de Cristo Crucificado, originalmente localizada numa capela, teria sido arrastada para o mar durante a aluvião de 1803, sendo posteriormente recuperada miraculosamente em perfeitas condições por uma embarcação norte-americana. Ainda na temática religiosa, existem várias lendas que são similares entre si, narrando histórias de figuras religiosas que aparecem misteriosamente no mar, tornando-se figuras de devoção após serem colocadas em capelas. Exemplos disso incluem a lenda da Capela da Rocha, também conhecida como Capela de São Vicente, e a lenda da Capela do Senhor dos Milagres, onde em ambas uma figura religiosa é encontrada no mar e se torna objeto de veneração.

Christou et al. (2023) destacam que as lendas muitas vezes refletem a maneira como as culturas e os indivíduos dentro dessas culturas percebem o ambiente físico ao seu redor, e as lendas madeirenses são um exemplo vívido disso. No vasto repertório de lendas da região, encontramos narrativas que tentam explicar a origem de nomes, formas ou fenómenos físicos, sendo estas lendas conhecidas como etiológicas. Um exemplo notável é a lenda da Fonte do Frade, que procura explicar o nome de uma fonte em Câmara de Lobos, conhecida como Fonte do Frade. Outro exemplo é a Lenda da Furna do Negro, que narra a história de um escravo negro que teria perdido a vida em uma gruta, dando assim nome a esse local.

O sobrenatural surge também como um elemento marcante nas lendas de origem madeirense, conforme destacado por Pinto-Correia (2014). Este campo, considerado por ele como um aspeto original e significativo do imaginário local, abrange uma variedade de

narrativas, onde a presença de entidades como feiticeiras e feiticeiros é frequente. Estas histórias não se limitam apenas a aparições, mas incluem também brincadeiras e travessuras dessas figuras, assim como a presença do Diabo, monstros, fantasmas e outras entidades sobrenaturais. Um exemplo notável é a Lenda do Cavallum, que descreve a crença de que o Diabo, sob a forma de um cavalo, assombra as grutas de Machico.

Por outro lado, as lendas madeirenses exploram frequentemente acontecimentos históricos ou figuras emblemáticas, um tema sublinhado por Gomes (1968). Entre os exemplos mais significativos encontra-se a lenda de Colombo, que narra a crença popular de que a sombra de Cristóvão Colombo aparece no areal da ilha em noites de lua cheia, evocando o período em que o célebre navegador residiu no Porto Santo.

É relevante salientar que muitas das lendas madeirenses, incluindo as aqui mencionadas, possuem diversas versões. Isso ocorre por várias razões, principalmente devido à natureza oral dessas narrativas, onde cada narrador adiciona seu próprio toque pessoal à história. Além disso, a variação se deve também ao trabalho dos coletores das lendas. Como refere Pinto-Correia (2014), "raramente se opta pela adopção da transcrição coincidente com ou mais próxima da performance oral; preferem os editores aperfeiçoar o que é transmitido e, muitas vezes, fazer comentários ao longo da narração retirada da performance do informante" (p. 329). Portanto, essas práticas resultam em múltiplas versões para cada lenda, refletindo tanto a individualidade dos contadores quanto as transcrições dos coletores.

Relativamente às recolhas deste património, estas começaram a surgir no século XIX, na sequência do Romantismo, período marcado por um grande interesse pelos costumes, tradições e literatura popular, sendo Almeida Garrett um dos grandes precursores dessas recolhas. No arquipélago da Madeira, como refere Gomes (2013), o padre Augusto Vieira Ferreira e José Leite de Vasconcelos foram dos primeiros a dedicar-se a esta tarefa. Ao longo dos anos, outros também se empenharam na recolha de lendas madeirenses, incluindo José Viale Moutinho, Gentil Marques, Manuel Juvenal Pita Ferreira, Fernanda Frazão e Alfredo de Freitas Branco, Alfredo Vieira de Freitas, Fernando de Aguiar, entre outros conforme indicado por Miguel (2024). Frequentemente, estes estudiosos publicaram as suas recolhas em livros que se tornaram marcos importantes na preservação do património oral madeirense. Alguns exemplos dessas publicações incluem *Algumas lendas e alguns monumentos do Arquipélago da Madeira* (1924), *Lendas do Arquipélago da Madeira*

(1954), *Era uma vez... na Madeira Lendas, contos e tradições da nossa terra* (1964), *Folclore Madeirense* (1955), *Cousas da Madeira* (1951), *Contos Populares e Lendas das ilhas da Madeira e do Porto Santo* (2020). Essas obras são fundamentais para a compreensão, valorização e perpetuação da tradição oral da Madeira.

3.6 Análise SWOT: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças

Após uma breve análise de certas características da Madeira — abrangendo aspetos geográficos, demográficos, económicos e turísticos — e uma abordagem das lendas madeirenses, procede-se à realização de uma análise SWOT. Esta análise constitui uma ferramenta essencial de diagnóstico e planeamento estratégico, permitindo identificar e avaliar as forças e fraquezas internas, bem como as oportunidades e ameaças externas de um projeto. A aplicação da análise SWOT é vital para a gestão e planificação de um roteiro turístico, facilitando a compreensão e visualização dos diversos fatores que influenciam o desenvolvimento do projeto. Este método proporciona uma base sólida para a tomada de decisões estratégicas, permitindo uma implementação mais eficaz e direcionada do projeto. Além disso, a análise SWOT contribui para identificar áreas de potencial crescimento e desenvolvimento, enquanto esclarece possíveis desafios que necessitam ser abordados para assegurar o sucesso do roteiro turístico das lendas madeirenses.

Tabela 7 - Análise SWOT da criação de um itinerário turístico-literário das lendas na Ilha da Madeira

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<p>Crescimento do número de visitantes na Ilha;</p> <p>Grande potencial cultural;</p> <p>Património cultural diversificado;</p> <p>Existência de uma vasta coletânea de lendas locais;</p> <p>Fortalecimento da identidade cultural local;</p> <p>A implementação de estratégias para a promoção do património cultural no âmbito do Plano</p>	<p>Desconhecimento das lendas pelo público em geral;</p> <p>Infraestrutura turística limitada em algumas áreas, onde algumas lendas são localizadas;</p> <p>Falta de cooperação entre agentes da cultura e do turismo;</p> <p>O itinerário pode ser visto essencialmente como educativo e não turístico ou como fonte de receitas;</p>

<p>Estratégico para o Turismo da Madeira (2022-2027);</p> <p>As iniciativas culturais realizadas em toda a Ilha, contribuem para reforçar a identidade cultural da região,</p> <p>A reconhecida hospitalidade dos residentes locais;</p>	<p>Ausência de uma rede eficiente de transportes públicos ao longo da Ilha;</p> <p>Crescimento descontrolado do turismo de massa;</p>
<p style="text-align: center;">Oportunidades</p> <p>Crescimento do turismo cultural;</p> <p>Parcerias com operadores turísticos, como postos de turismo, hotéis;</p> <p>Cativar um novo segmento de turistas;</p> <p>Criação de uma estratégia diferente de oferta e produtos de turismo;</p> <p>Desenvolvimento económico e social;</p> <p>O turismo cultural é reconhecido como uma área estratégica no desenvolvimento local;</p> <p>Promoção da leitura e valorização da literatura popular de tradição oral madeirense;</p>	<p style="text-align: center;">Ameaças</p> <p>Gastos inerentes à implementação e divulgação de um itinerário;</p> <p>Dificuldade em implementar o itinerário na época alta com algumas entidades parceiras;</p> <p>Competição com outras atrações turísticas na Madeira e em outras regiões;</p> <p>Degradação Cultural;</p>

Fonte: Elaboração própria

5. Proposta de elaboração de um Roteiro Literário das Lendas da Madeira

5.1 Justificação do Roteiro

Na Região Autónoma da Madeira, conforme analisado noutra capítulo, a aposta na cultura e identidade local tem sido uma estratégia crucial para atrair turistas. No entanto, perante as mudanças e novas tendências no turismo das últimas décadas, tornou-se ainda mais essencial desenvolver novos métodos e modelos de produtos e ofertas turísticas. Nesse contexto, há uma crescente preocupação em promover atividades sustentáveis que deem maior visibilidade às tradições e ao património imaterial da região. O Plano de Ação 2022-2030 para a Sustentabilidade do Destino Madeira reflete essa preocupação, estabelecendo como objetivos fundamentais a promoção da identidade cultural madeirense, a valorização e preservação dos recursos patrimoniais, e a criação de projetos culturais.

Dada esta conjuntura, é importante investir em novos produtos turísticos que ofereçam atrações e serviços culturais diferenciadores, ao mesmo tempo que valorizam e preservam a cultura madeirense. Neste sentido, a criação de um roteiro literário das lendas da Madeira representa uma oportunidade significativa para diversificar a oferta turística da região. Este tipo de projeto pode responder às demandas contemporâneas por experiências autênticas e enriquecedoras, permitindo aos visitantes uma imersão profunda na cultura local. Além disso, ao valorizar as lendas e histórias tradicionais, o roteiro contribui para a preservação e transmissão do património imaterial e assim fortalecendo a identidade cultural da Madeira.

Além disso, implementação de circuitos, rotas e itinerários dinâmicos e interativos, como o proposto roteiro das lendas, oferece vários benefícios. Esses produtos podem enriquecer a experiência turística ao proporcionar uma conexão mais íntima com a história e a cultura da região. Ao mesmo tempo, promovem a sustentabilidade ambiental, económica e social, alinhando-se com os objetivos do desenvolvimento sustentável.

Portanto, a criação deste roteiro não só atenderia à necessidade de inovação na oferta turística da Madeira, como também reforçaria o compromisso da região com a preservação do seu património cultural. Este projeto, ao combinar elementos educativos e recreativos,

tem o potencial de atrair um público diversificado, aumentar o fluxo turístico e fortalecer a imagem da Madeira como um destino culturalmente rico.

As lendas constituem um património muitas vezes ignorado e subutilizado. Um roteiro das lendas oferece uma oportunidade única para capitalizar esse recurso cultural e atrair um novo segmento de turistas — o turista literário. Como evidenciado ao longo deste estudo, o turismo literário tem pouca incidência na Madeira. No entanto, com este projeto, a região pode dar um passo significativo para se posicionar no mapa do Turismo Literário.

Importa destacar que o roteiro foi concebido tanto para aqueles com um interesse específico na cultura e nas lendas madeirenses, como para os visitantes que podem não ter um interesse inicial, mas que se sentirão atraídos pelos pontos turísticos incluídos. Considerando que a paisagem é um dos principais atrativos da Madeira e que muitos turistas escolhem a Ilha pelas suas paisagens deslumbrantes, o roteiro integra aspetos culturais, literários e turísticos de forma a oferecer uma experiência mais completa e atrativa. Assim, o equilíbrio entre elementos culturais e pontos turísticos ajudará a maximizar o apelo do roteiro e a enriquecer a experiência global do visitante.

Essa abordagem está alinhada com a ideia de que a combinação de diferentes elementos culturais e turísticos pode resultar em produtos turísticos atraentes e eficazes. Como ressalta Figueira (2013), a criação de produtos turísticos que unam elementos diversos, como monumentos históricos, pontos turísticos, manifestações culturais e entretenimento, pode oferecer uma experiência coesa e enriquecedora para os turistas, aproveitando a diversidade para criar uma oferta única e atrativa.

Em suma, a implementação deste roteiro literário das lendas da Madeira não só diversifica a oferta turística da ilha, mas também contribui para a preservação e valorização do património cultural, proporcionando aos visitantes uma experiência única e enriquecedora que fortalece a identidade cultural da Madeira, bem como atraindo todo o tipo de turista.

5.2. Objetivos do Roteiro

Conforme discutido anteriormente, a elaboração de roteiros literários é motivada pela necessidade de fortalecer a conexão entre os lugares e o seu património cultural. Esse processo visa não apenas divulgar esse património para a comunidade local e turistas, mas também fomentar um turismo mais sustentável e de base comunitária, sustentado por propostas inovadoras. Assim, ao buscar promover as lendas da Madeira, almeja-se

essencialmente desenvolver nos visitantes a capacidade de interpretação, a criatividade, a curiosidade, e uma compreensão mais profunda da identidade cultural madeirense. Dessa forma, apresentamos esta proposta de roteiro com os seguintes objetivos gerais:

I) Preservação e Valorização do Património Cultural:

Este objetivo visa incentivar o reconhecimento e a valorização das lendas madeirenses como uma parte vital do património imaterial da ilha. Além disso, é essencial promover a preservação das tradições orais e culturais da Madeira, assegurando que essas narrativas sejam transmitidas às futuras gerações.

II) Promoção de um Turismo Sustentável:

Procuramos fomentar um turismo responsável que valorize e conserve os recursos naturais e culturais da Madeira. Este enfoque não só protege o ambiente e o património, mas também garante que as atividades turísticas contribuam positivamente para a sustentabilidade a longo prazo da região.

III) Educação e Enriquecimento Cultural:

Um dos objetivos é oferecer aos visitantes uma compreensão mais aprofundada da história, cultura e tradições da Madeira por meio das suas lendas. Através deste conhecimento, espera-se enriquecer culturalmente os visitantes e fomentar uma maior apreciação pela herança cultural da ilha.

IV) Fortalecimento da Identidade Local:

Este roteiro visa incentivar o interesse dos residentes pela sua própria herança cultural, estimulando a participação comunitária nas atividades turísticas. Ao fazer isso, espera-se reforçar a identidade cultural da Madeira, promovendo o sentimento de orgulho e de pertença entre a comunidade local.

V) Diversificação da Oferta Turística:

A criação deste roteiro pretende oferecer uma nova atração turística para enriquecer a experiência dos visitantes e ampliar a gama de atividades disponíveis na Madeira. Além disso, espera-se atrair turistas interessados em experiências culturais e literárias, contribuindo assim para a diversificação do público-alvo do destino.

VI) Desenvolvimento Económico Local:

Um objetivo crucial é contribuir para o desenvolvimento económico da região, através da criação de novas oportunidades de negócios relacionadas ao turismo cultural e literário. Este

desenvolvimento pode gerar empregos e promover o crescimento económico sustentável da Madeira.

VII) Integração com Outras Atrações Turísticas:

Finalmente, o roteiro literário das lendas será integrado com outras atrações e atividades turísticas da Madeira, criando um itinerário coeso e abrangente. Este esforço também visa promover a cooperação entre diferentes agentes turísticos, culturais e comunitários, fortalecendo a oferta turística da região como um todo.

VIII) Criar um produto para todos o tipo de turista

Esses objetivos orientarão o desenvolvimento e a implementação do roteiro literário das lendas da Madeira, garantindo o seu sucesso tanto para os visitantes quanto para a comunidade local.

5.3. Metodologia

A criação do roteiro literário das lendas da Madeira foi desenvolvida através de uma metodologia sistemática e abrangente, dividida em várias etapas essenciais para garantir a qualidade e a eficácia do projeto. A seguir, descrevem-se detalhadamente as etapas do processo metodológico:

I) Pesquisa e Recolha de Dados

Inicialmente, realizou-se uma extensiva revisão bibliográfica para fundamentar este estudo. Esta revisão incluiu a análise de fontes secundárias, como livros, artigos académicos e teses que abordam a cultura, a história e as lendas da Madeira. Além disso, foram consultados documentos históricos, etnográficos e folclóricos, com o intuito de compreender e conhecer as narrativas lendárias da região.

II) Seleção das Lendas

A seleção das lendas a incluir no roteiro foi realizada com base em vários critérios, que consideraram o potencial narrativo e visual das lendas para o turismo, bem como a frequência com que estas lendas aparecem nos livros consultados. Para garantir a relevância e autenticidade das lendas escolhidas, foi elaborada uma tabela que lista várias lendas e indica os livros onde cada uma delas é referenciada. As lendas mais frequentemente mencionadas em múltiplas fontes foram selecionadas para o roteiro, assegurando que estas são as mais reconhecidas e valorizadas tanto pela literatura quanto pela tradição oral.

III) Identificação e Mapeamento dos Locais

Após a seleção das lendas mais referenciadas, procedeu-se à identificação dos locais geograficamente associados a cada narrativa. Para isso, foi criada uma tabela que relaciona cada lenda aos seus locais específicos e avalia o interesse turístico desses locais. Este processo ajuda a identificar quais lendas e locais possuem maior potencial turístico, com base nos seus pontos de interesse histórico, atrações culturais e/ou naturais, e a sua infraestrutura turística (acessibilidade, serviços, etc.), tal como indicado por Caris e Richter (2016). Com base nesta tabela, foram escolhidos os locais e lendas que apresentam maior interesse turístico, garantindo que o roteiro seja atraente e acessível.

Posteriormente, houve o planeamento do itinerário, que envolveu o desenvolvimento de um trajeto coerente e acessível que ligue os diversos locais das lendas, incluindo paragens estratégicas para atividades culturais e experiências turísticas. Houve também a consideração das preferências e necessidades dos visitantes para garantir uma experiência satisfatória. Este mapeamento foi fundamental para definir um itinerário coerente que maximiza a experiência dos visitantes, enquanto valoriza o património cultural da Madeira.

IV) Desenvolvimento do Conteúdo

A fase de desenvolvimento do conteúdo incluiu várias etapas importantes. Inicialmente, realizaram-se leituras aprofundadas e visitas a cada ponto de paragem para verificar a coerência e pertinência das informações e das narrativas. Em seguida, foi elaborado um itinerário preliminar com enfoque na criação de um roteiro coeso e interessante.

Após a redação inicial, foram realizados testes dos itinerários para avaliar sua fluidez e atratividade. Esses testes permitiram identificar áreas de melhoria e ajustar o percurso conforme necessário, garantindo uma experiência satisfatória para os visitantes. Posteriormente, procedeu-se à redação final dos itinerários, incorporando os ajustes e melhorias identificados durante os testes.

V) Avaliação Contínua e Melhoria

Embora o roteiro seja uma proposta teórica, a metodologia prevê a implementação de um sistema de monitorização e avaliação contínua, uma vez que o roteiro seja lançado. Este sistema recolheria dados sobre a utilização do roteiro, a satisfação dos visitantes e o impacto económico e cultural, permitindo ajustes e melhorias contínuas (Souza & Richter, 2016).

A aplicação desta metodologia assegura que o roteiro literário das lendas da Madeira é bem fundamentado, abrangente e alinhado com os objetivos de preservação cultural e desenvolvimento turístico sustentável.

5.4. Processo de Seleção das Lendas: Referências e Infraestrutura

Como mencionado anteriormente, para assegurar a qualidade e o interesse deste roteiro, foi necessário realizar uma criteriosa seleção das lendas madeirenses. Dada a vastidão do repertório de lendas da Madeira, tornou-se imprescindível adotar critérios específicos para selecionar as narrativas a serem incluídas no roteiro.

Os critérios de seleção basearam-se na frequência das referências bibliográficas e na localização geográfica das lendas, considerando também a infraestrutura turística desses locais. Inicialmente, foi conduzida uma investigação nas fontes disponíveis no Arquivo da Madeira e na Internet, abrangendo livros, artigos e outros documentos que contenham as lendas madeirenses. Para garantir que estas são e também para fazer um recenseamento das várias lendas e das suas versões, algo que não existe.

Posteriormente, elaborou-se uma tabela que enumerou as lendas potenciais para o roteiro. Narrativas que não mencionavam um local específico ou que se referiam a locais inexistentes foram excluídas. Assim, a tabela inclui apenas as lendas que satisfazem os critérios estabelecidos, indicando o nome da lenda e as suas fontes bibliográficas. Este processo permitiu identificar as lendas mais frequentemente mencionadas e descritas na literatura sobre a Madeira. As tabelas subsequentes apresentam a compilação das lendas madeirenses mais referenciadas, juntamente com as fontes literárias em que estas aparecem. A utilização de tabelas de referências documenta e sistematiza esta análise, proporcionando uma base sólida e transparente para a escolha das lendas, garantindo que as histórias escolhidas possuam um respaldo significativo na literatura e até na internet, preservando assim a sua autenticidade e relevância cultural.

Tabela 8 - Referências Bibliográficas das Lendas

Nome da Lenda	Referências Bibliográficas	Nº de Referências
Lenda do Santo Servo	- FRAZÃO, Fernanda (1982), <i>Lendas Portuguesas</i> , Lisboa: Amigos do Livro.	5

	<ul style="list-style-type: none"> - FRAZÃO, Fernanda (2004), <i>Lendas Portuguesas da Terra e Do Mar</i>, Lisboa: Apenas- Livros. - MOUTINHO, José (2020). <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>. Funchal: Cadmus. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1954), <i>Lendas do Arquipélago da Madeira</i>. Funchal: Edição Própria. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), <i>Folclore Madeirense</i>, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal 	
Lenda do Cavalum	<ul style="list-style-type: none"> - ECOS MACHICO (2024), <i>Grutas do Cavalum</i>. Disponível em: https://www.ecosmachico.pt/ecossitios/machico/grutas-do-cavalum - FRAZÃO, Fernanda (1982), <i>Lendas Portuguesas</i>, Lisboa: Amigos do Livro. - FRAZÃO, Fernanda (2004), <i>Lendas Portuguesas da Terra e Do Mar</i>, Lisboa: Apenas- Livros. - MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>, Funchal: Cadmus. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1954), <i>Lendas do Arquipélago da Madeira</i>, Funchal: Edição Própria. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i>, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura. - WIKIPEDIA (2022), <i>Lenda do Cavalum</i>. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda_do_Cavalum 	7
O Milagre da Nossa Senhora do Monte/ Lenda da Ribeira das Cales	<ul style="list-style-type: none"> - FRAZÃO, Fernanda (1982), <i>Lendas Portuguesas</i>, Lisboa: Amigos do Livro. - FRAZÃO, Fernanda (2004), <i>Lendas Portuguesas da Terra e Do Mar</i>, Lisboa: Apenas- Livros. - FOLCLORE DA MADEIRA (2017), <i>Nossa Senhora do Monte</i>, Disponível em: https://folcloremadeira.com/recursos/festas-e-romarias/nossa-senhora-do-monte/ - MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>, Funchal: Cadmus. - PIO, Manuel (1967), <i>O Monte-Santuário Votivo da Madeira</i>, Lisboa: Livraria Castro e Silva. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1954), <i>Lendas do Arquipélago da Madeira</i>. Funchal: Edição Própria. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i>, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura. 	7

Lenda da Capela das Almas Pobres	<ul style="list-style-type: none"> - CÂMARA, José (3 de novembro de 2002), Lenda da Capela das Almas: Templo Madeirense, <i>Jornal da Madeira</i>, 6. - DE AGUIAR, Fernando (1939), Histórias e Lendas: Lenda de Arguim, Lenda do Santo António da Serra, Lenda da Capela das Almas Pobres, <i>Arquivo Histórico da Madeira</i>, vol. 6, Funchal: Arquivo Histórico da Madeira, 85-95. - MOUTINHO, José (2020). <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>. Funchal: Cadmus. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1924), <i>Algumas Lendas e alguns Monumentos do Archipelago da Madeira</i>, Lisboa: Tipografia do Comércio. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1954), <i>Lendas do Arquipélago da Madeira</i>, Funchal: Edição Própria. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), <i>Folclore Madeirense</i>, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i>, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura. 	7
O Bicho Cidrão	<ul style="list-style-type: none"> - CURRAL DAS FREIRAS (2016), <i>Bicho Cidrão</i>. Disponível em: https://curraldasfreiras.com/bicho-do-cidr%C3%A3o - FRAZÃO, Fernanda (1982), <i>Lendas Portuguesas</i>, Lisboa: Amigos do Livro. - FRAZÃO, Fernanda (2004), <i>Lendas Portuguesas da Terra e Do Mar</i>, Lisboa: Apenas- Livros. - MOUTINHO, José (2020). <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>. Funchal: Cadmus. - NÓBREGA, Manuel (27 de outubro de 2002), O “Bicho Cidrão”: Lendas da nossa Terra, <i>Jornal da Madeira</i>. 6. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1954), <i>Lendas do Arquipélago da Madeira</i>, Funchal: Edição Própria. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), <i>Folclore Madeirense</i>, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i>, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura. 	8
Lenda da Tragédia do Cabo Girão	<ul style="list-style-type: none"> - CANTINHO DA MADEIRA (2021), <i>Lenda do Cabo Girão</i>, Disponível em: https://www.cantinhodamadeira.pt/index.php/rubricas/item/1620-ilha-da-fantasia-lenda-do-cabo-girao - MARQUES, Gentil (1997). <i>Lendas de Portugal</i>. Lisboa: Beta. Vol.5. - MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>, Funchal: Cadmus. 	4

	- PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), <i>Folclore Madeirense</i> , Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal.	
Lenda da Levada da Velha da Ponta de Sol	- MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i> , Funchal: Cadmus. - SOUSA, Maria (2017), <i>Ponta de Sol, Memórias do Povo</i> , Lisboa: Almedina. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i> , Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura.	3
Lenda da Levada da Velha do Estreito de Câmara Lobos/ Levada da Velha	- FREGUESIA DO ESTREITO DE CÂMARA DE LOBOS (2014), <i>A Levada da Velha</i> . Disponível em: - MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i> , Funchal: Cadmus. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i> , Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura.	3
Lenda da Levada da Velha do São Roque do Faial/ Levada Velha	- MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i> , Funchal: Cadmus. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i> , Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura.	2
Lenda do Senhor dos Milagres	- CAMACHO, Décio (17 de setembro de 1996). <i>Romaria do Senhor dos Milagres: da lenda à realidade</i> . <i>Jornal da Madeira</i> .12. - COUTINHO, José (2020). <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i> . Funchal: Cadmus. - CULTURA MADEIRA (2019). <i>Festas e Romarias da Madeira: Festa do Senhor dos Milagres</i> . Disponível em: https://cultura.madeira.gov.pt/visitas-virtuais/1315-festa-do-senhor-dos-milagres-machico.html - DE AGUIAR, Fernando (1951), <i>Cousas da Madeira</i> , Lisboa: Mar Largo. 2º ed - FOLCLORE MADEIRA (2017). <i>Senhor dos Milagres- Machico</i> . Disponível em: https://folcloremadeira.com/recursos/festas-e-romarias/senhor-dos-milagres-machico/ - PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), <i>Folclore Madeirense</i> . Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal. - VISIT MACHICO (2022). <i>Festas e Celebrações</i> . Disponível em: https://www.visitmachico.com/pt/sentir/cultura/festas-celebracoes WIKIPEDIA (2024). <i>Capela do Senhor dos Milagres</i> . Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_do_Senhor_dos_Milagres	8

O Pescador e o Diabo	<ul style="list-style-type: none"> - MOUTINHO, José (2020). <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>. Funchal: Cadmus. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i>, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura. 	2
A Furna do Negro	<ul style="list-style-type: none"> - MOUTINHO, José (2020). <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>. Funchal: Cadmus. - PORTO DA CRUZ (2004), <i>A História da Furna do Negro</i>, Disponível em: https://portodacruz.blogspot.com/2008/08/histria-da-furna-do-negro.html - PORTO DA CRUZ, Visconde (1954). <i>Lendas do Arquipélago da Madeira</i>, Funchal: Edição Própria. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), <i>Folclore Madeirense</i>, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i>, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura. 	5
São Pedro e os Piratas/ São Pedro entre piratas	<ul style="list-style-type: none"> - MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>, Funchal: Cadmus. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i>, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura. 	2
Lenda de Machim/ Lenda do Amor Imortal	<ul style="list-style-type: none"> - CANTINHO DA MADEIRA (2014), Lenda de Machim, Disponível em: https://www.cantinhodamadeira.pt/index.php/machico/item/227-lenda-de-machim - DE AGUIAR, Fernando (1951), <i>Cousas da Madeira</i>, Lisboa: Mar Largo.2º ed. - DE MELO, Francisco, MENERÉS, Maria (1997) (1654), <i>Epanáfora Amorosa</i>, Lisboa: Expo'98. - FRUTUOSO, Gaspar, (2011) (1590), <i>Saudades da Terra</i>, Ponta Delgada: Instituto Cultural. - LIVRAMENTO, Marco (2011), <i>Machim, Herói Fundador</i>, Funchal: DRAC. - MARQUES, Gentil (1997), <i>Lendas de Portugal</i>, Lisboa: Beta. Vol.5. - MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>, Funchal: Cadmus. - PORTO DA CRUZ, Visconde (1954), <i>Lendas do Arquipélago da Madeira</i>, Funchal: Edição Própria. - TOMÁS, Manoel, NASCIMENTO, Maria Teresa (2023) (1635) <i>Insulana</i>, Funchal: Câmara Municipal do Funchal. - VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i>, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura. 	Difícil contabilização

	<p>- WIKIPEDIA (2021), <i>Lenda de Machim</i>, Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda_de_Machim</p> <p>Entre outros.</p>	
Lenda do Terreiro da Luta	<p>- DE AGUIAR, Fernando (1951). <i>Cousas da Madeira</i>. Lisboa: Mar Largo. 2º ed.</p> <p>- FOLCLORE DA MADEIRA (2017), <i>Nossa Senhora da Monte</i>. Disponível em: https://folcloremadeira.com/recursos/festas-e-romarias/nossa-senhora-do-monte/</p> <p>- FREGUESIA DO MONTE (2024), <i>Festas da Nossa Senhora do Monte</i>, Disponível em: https://www.freguesiadomonte.com/freguesia/festas-de-nossa-senhora-do-monte/</p> <p>- FREITAS, Duarte (2020), <i>Romaria da Nossa Senhora do Monte: Memória Histórica e Identidade Insular</i>, <i>Arquivo Histórico da Madeira</i>, nº 2, Funchal: Arquivo Histórico da Madeira, pp. 619-660.</p> <p>- GAMA, Manuel (14 de agosto de 2005), <i>Aparição da Imagem da Srª do Monte: Segundo relato de Gaspar Frutuoso</i>, <i>Jornal da Madeira</i>, pp.13.</p> <p>- MONTEREY, Guido (1974), <i>Duas Ilhas em Contraste Madeira e Porto Santo</i>, Funchal: Edição do Autor.</p> <p>- MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>, Funchal: Cadmus.</p> <p>- PIO, Manuel (1967), <i>O Monte-Santuário Votivo da Madeira</i>, Lisboa: Livraria Castro e Silva.</p> <p>- PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), <i>Folclore Madeirense</i>, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal</p>	9
Lenda da Espada de S. Sebastião	<p>- MOUTINHO, José (2013), <i>Portugal lendário: Tesouro da Tradição Popular</i>, Lisboa: Círculo de Leitores.</p> <p>- MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>, Funchal: Cadmus.</p> <p>- PORTO DA CRUZ, Visconde (1924), <i>Algumas Lendas e alguns Monumentos do Arquipélago da Madeira</i>, Lisboa: Tipografia do Comércio.</p> <p>- PORTO DA CRUZ, Visconde (1954), <i>Lendas do Arquipélago da Madeira</i>. Funchal: Edição Própria.</p> <p>- VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), <i>Era Uma Vez... na Madeira</i>, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura.</p>	5
Lenda do Senhor do Bom Jesus da	<p>- CASA DO POVO DA PONTA DELGADA (2021), <i>Resumo Histórico</i>. Disponível em: https://cp-pontadelgada.net/historico/</p> <p>- DE AGUIAR, Fernando (1951), <i>Cousas da Madeira</i>, Lisboa: Mar Largo.</p>	7

Ponta Delgada	<ul style="list-style-type: none"> - MONTEREY, Guido (1974), <i>Duas Ilhas em Contraste Madeira e Porto Santo</i>, Funchal: Edição do Autor. - MOUTINHO, José (1978), <i>Lendas e Romances da Ilha da Madeira</i>, Lisboa: Editora Nova Crítica. - MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>, Funchal: Cadmus. - SOUSA, Maria (2017), <i>Ponta de Sol, Memórias do Povo</i>, Lisboa: Almedina. - WIKIPEDIA (2019), <i>Lenda do Senhor do Bom Jesus da Ponta Delgada</i>. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda do Senhor Jesus de Ponta Delgada 	
Lenda de São Vicente	<ul style="list-style-type: none"> - DE MELO, Francisco, MENERÉS, Maria (1997) (1654), <i>Epanáfora Amorosa</i>, Lisboa: Expo'98. - JUNTA DE FREGUESIA DE SÃO VICENTE (2023), <i>História</i>. Disponível em: https://jfsaovicente.ifreg.pt/historia/ - MOUTINHO, José (2020), <i>Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo</i>, Funchal: Cadmus. - VISIT SÃO VICENTE (2024), <i>Património Imaterial</i>. Disponível em; https://visitsaovicente.pt/conhecer/patrimonio-imaterial 	4

Fonte: Elaboração Própria

Com a identificação das lendas madeirenses mais frequentemente mencionadas na literatura, bem como na internet, avançamos para a segunda etapa do nosso processo de seleção. Esta fase é crucial, pois envolve a avaliação da infraestrutura turística associada aos locais dessas lendas. A infraestrutura turística é um fator determinante para garantir que os visitantes tenham uma experiência enriquecedora e agradável ao explorar as lendas da Madeira.

A análise da infraestrutura turística considera diversos aspetos, incluindo a acessibilidade, transportes, a presença de pontos de interesse próximos, a disponibilidade de serviços de apoio ao turista (como restaurantes, lojas de souvenirs, áreas de descanso), e a existência de instalações que melhorem a experiência do visitante, como trilhas bem sinalizadas, miradouros e informações turísticas, bem como recursos naturais (geomorfológicos, biogeográficos ou mistos), pontos de interesse turístico (miradouros, praias, restaurantes, etc.) ou culturais (museus, centros culturais, etc.) (Barreto, 1991). Com

isso, para cada lenda selecionada, foi realizada uma verificação detalhada das condições turísticas dos locais mencionados. O objetivo desta análise é selecionar aquelas lendas cujos locais oferecem as melhores condições para visitas, assegurando uma experiência completa para os turistas. A tabela a seguir apresenta os resultados dessa avaliação, listando as lendas, as suas localizações geográficas e a infraestrutura turística disponível.

Tabela 9 - Infraestrutura turística dos Locais das Lendas

Lenda	Localização Geográfica	Infraestrutura Turística	Outras Observações
Lenda do Cavalum	Freguesia de Machico, mais precisamente entre o Caramanchão e a Ribeira Seca.	<p>- Acesso: O acesso é feito por uma estrada próxima, porém sem sinalização adequada para as grutas. É necessário fazer uma caminhada para chegar ao local.</p> <p>- Pontos Turísticos: As Grutas do Cavalum são um ecossítio com valor geológico significativo. Nas proximidades, não existem pontos de interesse turístico.</p> <p>- Serviços: Há falta de infraestrutura turística, como restaurantes, cafés ou lojas de souvenirs. A área carece de instalações turísticas.</p> <p>- Recursos Naturais: As grutas são consideradas um ecossítio representativo de processos geológicos ligados à vulcanologia, com grande valor didático e científico.</p> <p>- Aspetos Culturais: Existe valor cultural e histórico associado à lenda, porém não há eventos ou celebrações específicas relacionadas ao local.</p>	Devido ao risco de desprendimento de pedras e à possibilidade de colapso estrutural, a visita às grutas está atualmente desaconselhada pela entidade responsável pelas Grutas.
Lenda do Bicho Cidrão	Pico Cidrão, Curral das Freiras	- Acesso: O acesso ao Pico Cidrão é realizado por meio de um trilho de extrema dificuldade. Ademais, não há sinalização adequada dos trilhos.	

		<p>- Pontos Turísticos: Embora o Pico Cidrão esteja localizado em uma região montanhosa e ofereça uma vista panorâmica para o Curral das Freiras, não existem miradouros formalmente estabelecidos.</p> <p>- Serviços: A região carece de infraestrutura turística.</p> <p>- Recursos Naturais: Devido à sua localização, o Pico Cidrão abriga diversas plantas e animais endêmicos.</p>	
Lenda do Santo Servo	Convento de São Bernardino, Camara de Lobos	<p>- Acesso: Fácil acesso por estrada, com estacionamento disponível nas proximidades.</p> <p>- Pontos Turísticos: O Convento de São Bernardino, a Capela de São Bernardino e a vista panorâmica sobre Câmara de Lobos são os pontos turísticos destacados naquela área.</p> <p>- Serviços: Existem restaurantes e cafés nas proximidades, bem como estacionamento e áreas de descanso.</p> <p>- Recursos Naturais: Os Jardins do convento e as paisagens circundantes são os principais recursos naturais da área.</p> <p>- Aspetos Culturais: Destaca-se a importância histórica e cultural do convento, além de eventos religiosos ocasionais que ocorrem no local, principalmente a Procissão das Cinzas, candidata a Património Cultural Imaterial.</p>	
Lenda da Capela das Almas Pobres	Capela das Almas Pobres, Funchal	<p>- Acesso: O acesso é fácil por estrada, com transporte público frequente disponível no Funchal.</p> <p>- Pontos Turísticos: Na proximidade da capela existem vários equipamentos culturais e</p>	

		<p>turísticos, o centro histórico do Funchal, o Mercado dos Lavradores, a Sé Catedral, entre outros.</p> <p>- Serviços: Na área, há restaurantes, cafés, lojas de souvenirs, estacionamento e alojamentos turísticos.</p> <p>- Recursos Naturais: O Funchal possui jardins urbanos, parques e áreas verdes, bem como praias.</p> <p>- Aspetos Culturais: A Capela das Almas Pobres é um local de interesse histórico e cultural, sendo considerada a capela mais pequena do mundo.</p>	
<p>O Milagre da Nossa Senhora do Monte/ Lenda da Lenda da Ribeira das Cales</p>	<p>Ribeira das Cales, Monte</p>	<p>- Acesso: Há fácil acesso por estrada, com transporte público frequente.</p> <p>- Pontos Turísticos: Na área próxima da ribeira, destacam-se a Igreja de Nossa Senhora do Monte, os Jardins do Monte Palace, o teleférico do Monte e o Parque Ecológico do Funchal.</p> <p>- Serviços: Na área, encontram-se restaurantes, cafés, áreas de descanso, lojas de souvenirs e instalações sanitárias.</p> <p>- Recursos Naturais: A localidade oferece trilhas para caminhadas, vistas panorâmicas e áreas verdes bem preservadas.</p>	
<p>Lenda da Furna do Negro</p>	<p>Passeio Marítimo do Porto da Cruz, Porto da Cruz</p>	<p>- Acesso: O acesso é feito por estrada até o Porto da Cruz, seguido de uma curta caminhada até a gruta à beira-mar.</p> <p>- Pontos Turísticos: Perto da furna, destacam-se as paisagens costeiras do Porto da Cruz, a praia e as piscinas.</p>	

		<p>- Serviços: Na área, há restaurantes, cafés, lojas de souvenirs e estacionamento disponíveis.</p> <p>- Recursos Naturais: A gruta possui um ambiente natural impressionante, com formações rochosas que são suas principais atrações.</p>	
Lenda de Machim	Machico	<p>- Acesso: Há fácil acesso por estrada.</p> <p>- Pontos Turísticos: Destacam-se a Baía de Machico, a Igreja Matriz de Machico, o Forte de Nossa Senhora do Amparo e o Solar do Ribeirinho, inúmeros miradouros.</p> <p>- Serviços: Na área, encontram-se restaurantes, cafés, lojas de souvenirs, estacionamentos, jardins, áreas de descanso.</p> <p>- Recursos Naturais: A cidade de Machico oferece praias, paisagens costeiras e levadas disponíveis para os visitantes desfrutarem.</p> <p>- Recursos Culturais: A cidade de Machico oferece vários recursos culturais como o Solar do Ribeirinho, Solar de São Cristóvão, para além de ao longo do ano haver uma grande oferta de eventos culturais.</p>	
Lenda do Terreiro da Luta/ A Lenda de N.ª Senhora do Monte	Terreiro da Luta, Monte	<p>- Acesso: O acesso é fácil por estrada.</p> <p>- Pontos Turísticos: Destacam-se o Santuário de Nossa Senhora da Paz, os miradouros com vistas panorâmicas sobre o Funchal e as trilhas para caminhadas.</p> <p>- Serviços: Na área, há um café disponível.</p> <p>- Recursos Naturais: Esta zona oferece vistas panorâmicas sobre o Funchal, áreas verdes e trilhas que proporcionam uma experiência de contato com a natureza.</p>	

		<p>- Aspetos Culturais: O Santuário de Nossa Senhora da Paz é um importante local de culto na área.</p>	
Lenda da Espada de S. Sebastião	Penha de Aguiã, Porto da Cruz	<p>- Acesso: O acesso é feito por estrada até certo ponto. No entanto, para chegar ao local exato onde ocorre a lenda, é necessário percorrer uma levada de dificuldade elevada. O local é perigoso devido ao risco de queda de pedras e ao tipo de piso.</p> <p>- Pontos Turísticos: Existe um miradouro não assinalado sobre o Porto da Cruz.</p> <p>- Serviços: na Penha de Águia, não há infraestruturas, sendo que o único restaurante está fechado.</p> <p>- Recursos Naturais: A Penha de Águia oferece trilhas e vistas panorâmicas sobre o Porto da Cruz.</p>	
Lenda do Senhor do Bom Jesus da Ponta Delgada	Igreja do Senhor do Bom Jesus, Ponta Delgada	<p>- Acesso: De fácil acesso.</p> <p>- Pontos Turísticos: Para além da Igreja, destacam-se a praia de Ponta Delgada, Solar do Aposento.</p> <p>- Serviços: Na área, encontram-se restaurantes, cafés, lojas de souvenirs, estacionamento, áreas de descanso.</p> <p>- Recursos Naturais: A localidade oferece paisagens costeiras, praia e piscina, trilhas para caminhadas e áreas verdes.</p> <p>- Aspetos Culturais: A lenda do Senhor do Bom Jesus é central na cultura local, com a igreja sendo um importante local de peregrinação, sendo a maior festa da freguesia em honra do Senhor do Bom Jesus.</p>	

Lenda do Cabo Girão	Cabo Girão, Câmara de Lobos	<p>- Acesso: De fácil acesso.</p> <p>- Pontos Turísticos: Destacam-se o miradouro do Cabo Girão, que oferece uma vista impressionante da falésia e do oceano. Sendo um dos pontos turísticos mais importantes na Madeira.</p> <p>Serviços: Na área, encontram-se estacionamento, vários restaurantes e áreas de descanso.</p> <p>- Recursos Naturais: O Cabo Girão está situado em uma área de grande valor ecológico, sendo uma área protegida, tanto a nível marinho, como paisagístico.</p>	
Lenda do Senhor dos Milagres	Capela do Senhor dos Milagres, Machico	<p>- Acesso: De fácil acesso.</p> <p>- Pontos turísticos: Além da capela, nas proximidades é de destacar a baía de Machico, vários miradouros, Solar do Ribeirinho, entre outros.</p> <p>- Serviços: Na área, encontram-se restaurantes, cafés, lojas de souvenirs, estacionamento, áreas de descanso.</p> <p>- Recursos Naturais: A localidade oferece paisagens costeiras, praias, levadas e áreas verdes.</p> <p>- Recursos Culturais: A Capela do Senhor dos Milagres é um importante local de culto e tradição na comunidade, sendo muito conhecida pela Festa do Senhor dos Milagres, que inclui a tradicional Procissão com archotes.</p>	
Lenda de São Vicente	Capela de São Vicente, São Vicente	<p>Acesso: De fácil acesso.</p> <p>- Pontos turísticos: Além da capela, nas proximidades é de destacar a baía de Machico, vários miradouros, Solar do Ribeirinho, entre outros.</p>	

		<p>Serviços: Na área, encontram-se restaurantes, cafés, lojas de souvenirs, estacionamentos, áreas de descanso.</p> <p>- Recursos Naturais: A localidade oferece paisagens costeiras, praias, levadas e áreas verdes.</p>	
--	--	---	--

Fonte: Elaboração Própria

Com base nos critérios estabelecidos, que consideram a frequência das referências bibliográficas e a qualidade da infraestrutura turística dos locais associados, foram selecionadas nove lendas que melhor preencheram esses requisitos. As lendas escolhidas são: a Lenda do Santo Servo, a Lenda da Capela das Almas Pobres, a Lenda da Ribeira das Cales, a Lenda do Terreiro da Luta, a Lenda de Nossa Senhora do Monte, a Lenda do Senhor dos Milagres, a Lenda do Cabo Girão, a Lenda do Senhor do Bom Jesus de Ponta Delgada e a Lenda da Furna do Negro. Estas lendas destacam-se tanto pela riqueza das suas referências literárias quanto pela robustez da infraestrutura turística dos locais onde se desenrolam, garantindo uma experiência completa e enriquecedora aos visitantes.

Assim, após a escolha das lendas, passamos à etapa seguinte da dissertação, que consiste na redação do roteiro das lendas selecionadas, apresentado a seguir

6. Roteiro das Lendas da Ilha da Madeira

A Madeira, situada no Atlântico, é uma Ilha encantadora conhecida pela sua rica história, paisagens deslumbrantes e cultura vibrante. Este roteiro das lendas madeirenses convida-o a explorar a Ilha de uma forma única, mergulhando nas histórias e mitos que moldaram a identidade local.

Com este percurso, pretendemos não só dar a conhecer nove lendas fascinantes, cada uma ligada a locais específicos da ilha, mas também incentivar a descoberta dos seus tesouros culturais e turísticos.

Deixe-se envolver pelas narrativas enquanto explora vilas pitorescas, paisagens montanhosas e o charme intemporal da Madeira. Este roteiro foi concebido para ser desfrutado de carro, dada a distância entre os locais, e pode ser realizado de forma independente ou em grupo, garantindo flexibilidade para adaptar-se aos interesses de cada visitante.

Prepare-se para uma jornada inesquecível pela ilha, onde a lenda e a realidade se entrelaçam, oferecendo uma imersão profunda na herança cultural e nas belezas naturais da Madeira.

Início do Itinerário: Capela das Almas Pobres

O nosso itinerário começa na encantadora Capela das Almas Pobres, situada no coração do Funchal. Construída em 1871 na pitoresca Travessa das Capuchinhas, esta pequena capela é um verdadeiro tesouro escondido, esculpida na rocha e rodeada por imponentes edifícios. Com dimensões reduzidas, esta capela é considerada a menor do mundo e guarda uma origem lendária que fascina visitantes de todas as partes.

Segundo a lenda, a capela foi erguida por iniciativa de alguém que, naquele mesmo lugar, escapou a um atentado graças à intervenção milagrosa das almas do Purgatório. Em 1871, a Travessa das Capuchinhas, assim como grande parte do Funchal, era bem diferente do que conhecemos hoje; uma estreita viela ladeada por uma agreste arriba rochosa e pelo alto muro do Convento de Nossa Senhora das Mercês. É fácil imaginar o temor que qualquer um sentiria ao aventurar-se por ali durante a noite, e foi provavelmente desse temor que nasceu a lenda do atentado.

Ao aproximar-se da capela, na entrada, verá um azulejo do século XVIII que retrata uma alma no Purgatório, envolta em chamas, preparando os visitantes para a atmosfera

introspectiva que os espera no interior. Dentro da capela, um magnífico retábulo em talha pintada domina o espaço, ilustrando dramaticamente as Almas no Purgatório.

Com a tocante história desta capela em mente, convidamo-lo a iniciar a sua jornada pela Madeira, mergulhando nas ricas lendas e histórias que moldaram esta encantadora ilha. Através destas lendas, é possível vislumbrar o quotidiano das pessoas, as suas histórias, cultura e tradições, transmitidas de geração em geração. Embora quem a visita hoje não precise temer atentados, a história desta pequena capela permanece viva, oferecendo uma ligação tangível ao passado e um testemunho da fé da comunidade local.

Figura 4 - Capela das Almas Pobres



Fonte: Visit Funchal

“ Conta a tradição que, nos tempos mais próximos ao descobrimento, dois amigos, cansados da monotonia da vida insular, gastavam as noites por solares e casas ricas do Funchal entretendo as horas no jogo de azar. Aconteceu, porém, que um ganhou ao outro todos os haveres. O desprotegido da sorte, não se conformando com a súbita miséria que o jogo lhe cavara, resolveu assassinar o companheiro para assim fugir aos compromissos que o desgraçavam. Passou então a fazer-lhe espera num sítio, ao tempo êrmo, onde a rocha se abria numa furna junto ao caminho por onde era forçoso passar. Ao ouvir aproximar-se a vítima preparou-se para efectivar o crime mas logo desistiu, cosendo-se com o escuro da rocha pois que era grande o acompanhamento com que ele vinha. Este facto repetiu-se várias noites até que uma vez reparou o criminoso que todos os companheiros que vinham com o amigo, a quem ele pensava matar, caminhavam sem que tocassem com os pés no chão. Entrou o remorso a roêr-lhe a consciência e dirigindo-se então ao outro confessou-lhe o seu mau intento.

— Foram as Santas Almas que me salvaram a vida e a vós das penas do inferno.

Explicou então que todas as noites, antes de adormecer, dirigia uma prece especial a Deus pelos que morrem e não têm quem por eles réze. Logo ali combinaram construir na anfitriuosidade do rochedo basáltico a Capelinha das Almas que ainda subsiste inalterável no angulo da Travessa das Capuchinhas, em frente do antigo Mosteiro das Mercês que

outrora para ali erguia os denegridos muros da <cerca >. Através dos tempos, de geração em geração, tem ficado ali o minúsculo templo onde nunca se apaga a lâmpada do altar...’’¹³

Depois de conhecer a Capela das Almas Pobres e a sua lenda, propomos alguns locais de interesse que poderá visitar. Se seguir até ao fim da Travessa das Capuchinhas, até à Calçada do Pico, encontrará vários pontos de interesse nessa rua.

Logo no início da interseção, encontrará o Convento de Santa Clara. Este convento, fundado no século XV, possui um grande valor histórico e religioso, oferecendo aos visitantes uma fascinante visão da história religiosa na Madeira. O convento apresenta um património arquitetónico e artístico riquíssimo e está aberto a visitas nos dias úteis das 10h às 12h e das 15h às 17h.

Subindo um pouco a rua, encontrará à sua direita o Centro Cívico e Cultural de Santa Clara - Universo de Memórias João Carlos Abreu. Esta casa, de grande valor arquitetónico e datada dos finais do século XIX, possui um valioso espólio de diversos artigos de todo o mundo, com destaque para as artes decorativas. As visitas ao centro podem ser feitas de 3.^a feira a sábado, das 10h às 17h, sendo disponibilizadas visitas guiadas. Para além do vasto espólio de artes decorativas, o local dispõe de uma bonita casa de chá num jardim com vista privilegiada, situada mesmo por cima da Capela das Almas Pobres, ideal para um café.

Continuando a subir a rua, encontrará à sua esquerda o Museu da Quinta das Cruzes, um espaço que alberga uma vasta coleção de arte e mobiliário, ilustrando a vida madeirense desde o século XV ao XIX. Nesta quinta, também encontrará belos jardins de inspiração romântica, com um vasto património de árvores e flores, que permitem ter uma vista privilegiada do Funchal. Este local é ideal para um momento de relaxamento e também possui um café. O seu horário de visita é das 10h às 12:30h e das 13:30h às 17:30h, de 3.^a feira a sábado.

Depois de visitar a quinta, ao descer a Rua da Calçada do Pico e entrar na íngreme Calçada de Santa Clara, encontrará à sua esquerda a Casa-Museu Frederico de Freitas. Nesta casa-museu, conhecida como Casa da Calçada, pode explorar divisões que evocam vivências e funcionalidades de outrora, com objetos artísticos e utilitários. O visitante pode também ver um raro jardim sobrelevado, mantendo características tradicionais como a calçada de calhau rolado, corredor de vinha e uma casinha de prazer. Esta experiência proporciona uma

¹³ Versão de PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), *Folclore Madeirense*, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal.

oportunidade única para compreender a configuração e o estilo das habitações de outrora. Além disso, destaca-se a Casa dos Azulejos, que alberga uma exposição permanente de azulejos de produção islâmica, medieval, de majólica e europeia, proporcionando uma enriquecedora viagem histórica através da evolução dos azulejos. Esta casa-museu encontra-se disponível para visita, das 10h às 17.30h, de 3.^a feira a sábado.

Partindo para a segunda paragem do nosso roteiro, no Monte, o utilizador pode escolher entre várias formas de se locomover até ao centro da freguesia, situada nas zonas altas do Funchal. Aproveitando que estamos no Funchal, uma excelente opção é experimentar o famoso teleférico, situado no Jardim Almirante Reis. Esta viagem panorâmica oferece uma deslumbrante vista aérea sobre o Funchal e leva diretamente ao Monte, proporcionando uma experiência única e inesquecível.

Alternativamente, os participantes podem optar por ir de carro, desfrutando de uma viagem mais tradicional pelas pitorescas ruas da cidade, cada uma revelando um pouco mais do charme madeirense.

Chegando ao centro da bonita freguesia do Monte, o participante que escolheu o teleférico pode seguir pelo Caminho das Fontes. Este percurso proporciona um passeio refrescante entre flores e árvores exuberantes. Após aproximadamente quatro minutos de caminhada, o participante encontrará uma rua à direita, o Caminho do Monte. Subindo por este caminho, encontrará à esquerda a Igreja de Nossa Senhora do Monte, que será a próxima paragem do roteiro.

Ao aproximar-se da igreja, o visitante encontrará uma imponente escadaria à direita. Subir estas escadas oferece uma oportunidade de contemplar a magnífica arquitetura do século XVIII desta igreja, um verdadeiro tesouro histórico e religioso da Madeira, considerado santuário nacional. Além disso, a igreja oferece uma vista privilegiada sobre o Funchal.

Construída em 1741 e reconstruída após o terramoto de 1748, a Igreja de Nossa Senhora do Monte é um dos mais importantes locais de culto da Madeira. Com a sua arquitetura setecentista e oitocentista, a fachada da igreja é simples, mas elegante, com duas torres sineiras que dominam a paisagem. Ao entrar na igreja, o visitante é recebido por um interior ricamente decorado. A nave é revestida a painelados de talha dourada, com painéis pintados que retratam cenas da vida da Virgem Maria. No altar-mor, destaca-se a figura venerada de Nossa Senhora do Monte, esculpida em madeira.

Embora a igreja em si não seja o cenário das lendas, é aqui que Nossa Senhora do Monte, padroeira da Madeira, é homenageada pelos seus milagres. As lendas associadas à santa incluem histórias de aparições e intervenções divinas que ajudaram os habitantes locais em momentos de necessidade. Estas narrativas são parte integrante da fé e da cultura da ilha, e a igreja serve como um ponto central de veneração e celebração dessas tradições.

Esta lenda, transcrita a seguir, é a da aparição de Nossa Senhora do Monte a uma simples pastora no Terreiro da Luta.

Figura 5 - Igreja da Nossa Senhora do Monte



Fonte: Visit Funchal

“ (...) Em 1470 mandou Adão Ferreira construir no Monte, sobranceiro ao Funchal, uma modesta ermida dedica à Virgem da Encarnação. Subindo sempre pela montanha verdejante, cerca de um quilómetro acima do Monte encontra-se o Terreiro da Luta. Foi neste local que uma pastorinha em três dias seguidos revelou à família que pela tarde aparecia uma Menina a brincar com ela e depois lhe dava a merenda. O pai da criança foi espreitar à hora e local indicado, mas apenas deparou com uma Imagem da Virgem Maria sobre um penedo.

A pastorinha afirmava que aquela imagem era igual à Menina com quem brincava. Então o campónio foi chamar a autoridade a quem revelou o sucedido. A imagem de Maria Santíssima foi então trazida para a ermida de Adão Ferreira mas logo no dia imediato

*verificavam que tinha desaparecido da Capela e se encontrava sobre um penedo de onde brotava uma fonte de água cristalina. Então ali ficou a Imagem misteriosa (...)*¹⁴

Outra lenda associada a Nossa Senhora do Monte é a da Ribeira das Cales, que nasce nas serras do Funchal. Nesta lenda, Nossa Senhora realiza um milagre para ajudar a população local.

“Subindo do Terreiro da Luta em direção ao Poiso, avista-se a Ribeira das Cales. Saibam, desde já, que essa ribeira teve um dos melhores caudais, em quantidade e em pureza e frescura, da ilha, mas a ganância de um homem quase a estrangulou. É que se todo um povo, o que por ali morava, se pôs a fazer levadas, um morador entendeu, por ter posses para tal, desviar a nascente da ribeira maravilhosa daquela frescura em seu único benefício. E só conseguiu uma coisa: acabar com a água!

As pessoas dali crentes na proteção divina, dirigiram-se à Senhora do Monte, implorando auxílio, e este não tardou com o regresso das águas da ribeira das Cales, a despeito do desvio que o tal egoísta fizera e que não mais lhe serviu!”

Depois de conhecer a Igreja de Nossa Senhora do Monte e a sua lenda, o participante poderá desejar visitar o ilustre Jardim Monte Palace, localizado ao lado dos teleféricos. Este jardim destaca-se pela diversidade de plantas exóticas, flora tropical e subtropical, lagos ornamentais e esculturas impressionantes. Além disso, abriga um museu com arte africana e minerais raros, proporcionando uma experiência tranquila e enriquecedora com vistas panorâmicas sobre o Funchal e o Oceano Atlântico. O jardim está disponível para visitas todos os dias, das 9h30 até às 18h.

Segue-se agora para o terceiro ponto deste roteiro. Os participantes que utilizaram o teleférico para chegar ao Monte podem regressar ao Funchal pelo mesmo meio. No entanto, adjacente ao Jardim Monte Palace, aqueles que desejam experimentar uma aventura singular e explorar uma das atrações ex-libris da região podem optar pelos emblemáticos carrinhos de cesto. Esta descida pitoresca conduz até à localidade do Livramento, onde é possível apanhar um táxi ou continuar a pé até ao centro do Funchal.

Para os que se deslocaram de carro, a viagem pode continuar diretamente do Monte para o terceiro ponto do roteiro, Machico.

Em Machico, é onde conheceremos a lenda de Machim, uma das lendas mais conhecidas da Madeira, presente em várias obras literárias e na memória coletiva do povo,

¹⁴ Versão de PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), *Folclore Madeirense*, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal.

sendo por muitos considerada verdadeira. Esta lenda é frequentemente associada ao descobrimento da Ilha e à origem do nome desta cidade.

Para compreender melhor esta lenda, faz sentido apreciar a vista de um dos vários miradouros de Machico. Recomendamos especialmente o Miradouro do Senhor dos Milagres, por ser mais central e próximo da cidade. Este miradouro oferece uma vista panorâmica espetacular da baía e da cidade de Machico, proporcionando o cenário perfeito para conhecer esta lenda, podendo ser um local ideal para descansar e tirar fotografias.

Figura 6 - Miradouro do Senhor dos Milagres



Fonte: Visit Machico

“ Reza a lenda que no Reinado de Eduardo de Inglaterra um cavaleiro, Robert Machim, se apaixonou por uma linda rapariga de alta linhagem, Ana d’Arft, tendo sido contrariados na sua recíproca inclinação amorosa. A família de Ana d’Arft obrigou-a a casar com outro homem. Os dois infelizes amantes combinaram então fugir para França e aí realizarem finalmente o seu sonho de amor. Mas quando faziam a travessia do Mar da Mancha, desencadeou-se uma tempestade terrível que levou desgarrada e sem governo possível a pequena embarcação.

Quando veio de novo a calma o navio estava numa linda baía de terra desconhecida e despovoada, onde os arvoredos subiam, esplendorosos, desde a beira-mar aos altos cimos dos montes. Como Ana d’Arft se sentisse enferma, pediu a Machim que a desembarcasse. Então um batel os levou a terra, ficando a acompanhá-los alguns dos seus camaradas. Após três dias deste descanso levantou-se, pela calada da noite, nova tempestade de vento que arrebatou o navio deixando em terra os amantes e mais alguns companheiros. Quando ao romper do dia depararam com a sua triste situação, sem probabilidade de saírem daquele desterro, não faziam senão carpir dua desdita.

Ana d'Arfet que já estava doente não suportou o abalo e sucumbiu. Machim desesperado com a morte da sua amada cava-lhe a sepultura e coloca-lhe uma cruz com um epitáfio em latim. Os companheiros insistem para que ele os acompanhe e sigam no batel para o mar alto em demanda do navio, mas Robert Machim recusa. Não quer viver desde que perdeu a razão de sua felicidade na terra e junto ao tumulto de Ana d'Arfet também ele se fina ao cabo de cinco dias. Então os outros companheiros enterram-no noutra cova ao lado daquela em que a sua muito amada á dormia o sono da eternidade. Colocam outra cruz de madeira sobre o seu tumulo, escrevem outro epitáfio, pedindo que se algum cristão ali chegar não deixe de erguer no local um templo comemorando aquele infeliz amor. Depois vão no batel afastando-se sempre na amplidão do mar. Passados dias são aprisionados nas costas de Marrocos onde vão encontrar os camaradas que não poderam governar o navio arrastrado na violência da tempestade e que também já estavam cativos da moirama. “ 15

Depois de conhecer a romântica lenda de Machim no Miradouro do Senhor dos Milagres, o participante poderá descer até à Capela do Senhor dos Milagres. Esta capela, considerada uma das mais antigas da Madeira, tem uma rica história que remonta à época da descoberta da ilha. Reza a tradição que, no mesmo dia em que os navegadores portugueses desembarcaram na Madeira, erigiram um altar improvisado neste local e realizaram a primeira missa da ilha. Mais tarde, uma capela dedicada a Cristo foi construída no mesmo local, mas foi destruída pela aluvião de 1803 e posteriormente reconstruída, tornando-se a Capela do Senhor dos Milagres.

A capela possui uma fachada simples com elementos barrocos e, ao entrar, o visitante encontrará a figura do Senhor dos Milagres. O senhor dos Milagres é objeto de grande devoção pela comunidade, que realiza uma significativa romaria e procissão em sua honra, devido á seguinte lenda:

¹⁵ Versão de PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), *Folclore Madeirense*, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal.

Figura 7 - Capela do Senhor dos Milagres



Fonte: Visit Machico

“(...) Diz-nos a tradição antiga ter sido, a veneranda Cruz e Imagem do Senhor dos Milagres, então exposta em altar lateral, arrastada pelas águas desse terrível dilúvio de 1803, e levada para o mar alto onde à deriva, sobre as águas, andou até os mares dos Açores. Três dias depois a tripulação de certa galera americana a tomou das ondas, recolhendo-a a bordo. E, milagre dos milagres!, nem os escombros daquela Casa em derrocada, nem o bater de pedra em pedra no leito da ribeira, nem a torrente impetuosa das águas, nem mesmo as brigas do mar na sua fúria zangada, nada conseguiu causar-lhe o mais pequeno arranhão no Seu Santo Lenho.

Recolhida a imagem, transportaram-na a esta Ilha por os tripulantes não poderem continuar na rota das Américas, para onde se dirigiam, por a isso se opor a vontade do Senhor.

Dizem então as gentes em história simples, descida de artificios e por isso mesmo formosíssima, que desde o momento em que aquela veneranda Imagem entrou a bordo o mar se tornou tão calmo e chão como o azeite, e os ventos a encaminhá-los no rumo da Madeira. Mas tão depressa se desviassem desta rota para o seu verdadeiro destino, logo os mesmos se tornavam agitados e rijos no bater e de difícil navegação e o mar no seu encapelado os jogava como pão dentro de redemoinho de temporais.

Era a Imagem no seu desejo de regressar à sua moradia em Machico...

Perante tamanha dificuldade no conduzi-la para terras estranhas, largaram o leme ao destino e os homens se entregaram à sorte da fortuna com suas vidas seguras de àquele Senhor Crucificado. E assim vieram tocar na Madeira, onde cheios de mágoa pelo desamparo em que ficaram, confiaram aquele tesouro aos cuidados e ofícios do cabido da Sé do Funchal. Mais tarde seria reconduzida à Capela de Machico, onde lá continua a encher de bênçãos e de graças os seus inúmeros fiéis que ali acorrem devotamente. Há quem diga ter, certa noite, aquela Imagem, fugido sozinha de seu altar no Funchal, indo de surpresa aparecer em Machico.(...)”¹⁶

Depois de conhecer esta lenda, o participante poderá dirigir-se à Promenade de Machico, onde poderá aproveitar a vista da baía e das praias, parar em algum dos

¹⁶ Versão de DE AGUIAR, Fernando (1951), *Cousas da Madeira*, Lisboa: Mar Largo. 2ª ed.

estabelecimentos locais para descansar e desfrutar da paisagem, ou aproveitar para fazer algumas compras nas várias lojas de souvenirs presentes naquela área.

Em seguida, a apenas 6 minutos a pé, encontra-se o Solar do Ribeirinho. Este museu é perfeito para os interessados na história de Machico, oferecendo uma experiência interativa e envolvente que destaca personalidades, histórias e a arqueologia local. O seu horário de funcionamento é das 9:00h até às 17:00h, nos dias úteis.

Continuando o nosso roteiro, deixamos Machico e seguimos para a pequena vila do Porto da Cruz, a nossa quarta paragem. Esta localidade é marcada pela imponente Penha de Águia e pelo verde que a rodeia, oferecendo um cenário encantador à beira-mar.

Para descobrir a próxima lenda, o participante deve seguir até à piscina municipal e caminhar pelo passeio marítimo do Porto da Cruz. Ao longo deste caminho, poderá apreciar o mar bravio e as formações rochosas. Após cerca de quatro minutos de caminhada, encontrará impressionantes formações rochosas de origem vulcânica emergindo do mar. Estas rochas formam grutas marítimas naturais, onde as ondas do Atlântico batem violentamente, criando um espetáculo fascinante de espuma branca e salpicos. É neste local que se desenrola a lenda da Furna do Negro.

Figura 8 - Furna do Negro



Fonte: Própria

" Era uma vez... um negro que se lançou numa caverna marinha e nunca mais apareceu.

Existe na freguesia do Porto da Cruz, a pouca distância do lugar chamado Ponta do Sombreiro, uma caverna sempre cheia de água salgada, que certamente deve estar em comunicação subterrânea com o mar. Ali, a água aparece funda e escura, quase sempre

*revolta, pelo que todos têm pavor de se aproximar. Consta-nos que para lá costumam atirar os animais mortos ou prestes a morrer, quando pretendem desfazer-se deles. Entretanto, quando o mar está bravo, o local costuma ser frequentado até às proximidades, pelo inédito do espetáculo que apresenta. É um boqueirão escancarado de rochas negras e alcantilados, onde as ondas dançam freneticamente como nereidas. Diz-se que na manhã seguinte, no lugar onde o negro deveria sair, apareceu apenas um barrote todo batido e amarrotado pelo vaivém das ondas. O corpo do negro nunca mais apareceu. Julgou-se que morreu asfixiado ou devorado por algum animal marinho. Desde então, ninguém mais ousou repetir a imprudente façanha. Na Furna do Negro, as ondas continuam murmurantes, como quem reza um 'Miserere' por uma alma defunta."*¹⁷

Depois de conhecer esta lenda, o participante deverá continuar pelo passeio marítimo, desfrutando das maravilhosas vistas sobre o mar e da Penha de Águia. Prosseguindo pela Rua do Cais, encontrará à sua esquerda, um edifício de grande valor patrimonial e económico do Porto da Cruz, os Engenhos do Norte.

Os Engenhos do Norte são uma fábrica e museu de aguardente de cana-de-açúcar, também conhecida como rum. Este espaço é um verdadeiro núcleo museológico, oferecendo contacto com maquinaria da Revolução Industrial e a possibilidade de assistir à produção de aguardente de acordo com os métodos originais. Entre março e maio, os visitantes podem presenciar o processo de transformação. No resto do ano, é possível observar as máquinas e compreender o mecanismo através de dispositivos interativos. O horário de funcionamento é das 10h às 18h, todos os dias. No final, os participantes podem degustar algumas aguardentes na 'Casa do Rum', ao pé do engenho, assim como produtos gastronómicos típicos madeirenses, como as broas de mel.

Como o nosso roteiro parte de oeste e visa dar a volta à ilha, continuaremos até ao próximo ponto, Ponta Delgada, pela estrada regional, numa viagem de aproximadamente 40 minutos. Durante esta viagem, poderá aproveitar as belas vistas cénicas do norte da ilha, fazendo uma pausa no Miradouro de São Jorge para apreciar a paisagem da zona norte da ilha.

O nosso itinerário leva-nos agora à pitoresca vila de Ponta Delgada, situada na deslumbrante costa norte da Madeira. Este encantador destino, descrito por Gaspar Frutuoso como uma "ponta de terra esguia, evadindo-se mar dentro", é um lugar onde o verde das paisagens naturais se encontra com o azul profundo do Atlântico. A vila, com as suas ruas

¹⁷ Versão de VIEIRA DE FREITAS, ALFREDO (1984), *Era Uma Vez...* na Madeira, Funchal: Secretária Regional de Turismo e Cultura.

pacatas e vistas deslumbrantes, oferece o cenário perfeito para ser uma paragem neste roteiro.

O ponto alto da nossa visita é a Igreja do Senhor Bom Jesus, um verdadeiro tesouro no coração da vila. Esta igreja, cuja origem está envolta numa lenda encantadora, foi erguida após o inesperado aparecimento de um crucifixo nas águas da praia, um evento que foi interpretado como um sinal divino. Segundo a lenda, foi este acontecimento milagroso que levou à construção da igreja que hoje podemos visitar.

Ao chegar à Igreja do Bom Jesus, os visitantes são recebidos por uma fachada simples, mas elegante, típica das igrejas madeirenses. O interior, de estilo neo-manuelino, é decorado com altares dourados e uma sacristia barroca. As belas pinturas no teto e o crucifixo queimado, sobrevivente de um incêndio em 1908, são testemunhos da rica história e devoção que permeiam este local. Para além disso, a igreja é o centro de um dos maiores arraiais da Madeira, atraindo anualmente muitos peregrinos de toda a ilha.

Figura 9 - Igreja do Senhor do Bom Jesus



Fonte: Madeira600

“(...) Certa manhã, como em muitas outras ocasiões, uma mulher foi para a praia apanhar lapas nas rochas, avançando o mais que podia pelo pontão rochoso que entrava no mar. Encontrava-se ela no extremo da rocha quando viu, surpresa, boiando nas águas, um crucifixo com a figura de Jesus em tamanho natural. Curiosa, avançou um pé para o agarrar e tentar puxar para terra, mas escorregando na rocha lisa voltou para trás como pôde e dirigiu-se à povoação.

Foi a casa do padre, ao qual contou o sucedido, e este, impressionado com o relato da mulherzinha, acompanhou-a de volta à praia. No mesmo sítio aguardava-os o crucifixo, como que esperando que o tirassem das águas. O padre meteu-se então pelo mar dentro e facilmente o sacou para a praia, onde estava já um grupo de gente que acorrera pressurosa

ao saber o que se passava. Assim, formou-se uma pequena procissão que acompanhou o crucifixo até à capela de Ponta Delgada, murmurando respeitosamente orações.

No dia seguinte, porém, gerou-se o pasmo quando alguém encontrou o crucifixo enterrado a prumo na areia da praia, próximo do local onde na véspera o tinham achado. E novamente se agruparam as gentes em procissão com um respeito que denotava o sentirem-se face a um caso maravilhoso.

Horas depois, mais uma vez sem que se desse por isso, a cruz do Senhor Jesus aparecia na praia, no mesmo local, mas desta vez rodeada de canas, como que demarcando o local e as dimensões de um templo onde Cristo parecia querer ficar, definitivamente.

Ante este facto insólito, ninguém mais tocou no crucifixo, e pouco tempo depois era iniciada a construção da igreja que, como já disse, passaria a ser a paroquial.

Conta ainda a lenda que para impedir os ímpetos do mar foi feito um muro de protecção. Contudo, as águas afluíam ao adro como se nada protegesse o templo da fúria do mar, sem que jamais penetrassem no interior da igreja. Todos estes factos milagrosos concorreram para a fama deste templo, ao qual passaram a afluir devotos populares cheios de fé.”¹⁸

Após a visita á Igreja do Senhor do Bom Jesus, o participante poderá visitar o conhecido Solar do Aposento, localizado na Rua dos Moinhos, a cerca de 3 minutos de carro da Igreja. Este local, é uma tradicional casa madeirense do século XVIII. O visitante ira e uma rica coleção de móveis madeirenses e portugueses do século XIX, bem como uma valiosa coleção de arte sacra. O visitante também tem a oportunidade de ver lagares, moinhos de água. Este Solar está aberto desde terça a sábado, das 10h às 16h.

Após a visita à Igreja do Senhor Bom Jesus, o nosso percurso prossegue em direção a oeste. Optámos por seguir pela estrada regional, um trajeto mais longo que proporciona uma experiência turística mais completa e envolvente na Madeira. Embora as próximas paragens não estejam associadas a lendas específicas, cada uma delas tem um valor cultural e turístico significativo, oferecendo uma visão abrangente da cultura e das paisagens da ilha, assegurando uma viagem memorável e enriquecedora. Contudo, se o participante não desejar fazer essas paragens, poderá ir na via expresso, e depois entrar na via rápida em direção a Câmara de Lobos.

Depois de Ponta Delgada, o participante deve seguir pela Estrada Regional 101, passando pela Rua António de Carvalho e desfrutando das deslumbrantes paisagens ao longo de São Vicente, até chegar ao centro da vila.

Ao chegar ao centro, o participante deverá ir até ao encontro do local da próxima lenda, a curiosa Capela da Calhau ou também conhecida como Capela de S. Vicente, uma

¹⁸ Versão de FRAZÃO, Fernanda (1982), Lendas Portuguesas, Lisboa: Amigos do Livro.

pequena e encantadora capela incrustada num bloco de rocha basáltica na foz da ribeira. Esta pequena capela foi erguida em 1694, e a sua origem vem da seguinte lenda:

Figura 10 - Capela de S. Vicente



Fonte: VisitSaoVicente

“ (...) Vejamos pois que em certa noite de tempestade, um galeão andava à deriva na costa norte e acabou por naufragar, não se salvando ninguém. Uma desgraça. A manhã clareou, a tempestade parecia já ir muito longe, mas os destroços estavam por toda a parte, invadindo o calhau. As tantas os gritos:

- Venham ver! Venham ver! Saiu o pessoal num tropel, supondo tratar-se de uma arca com objetos valiosos, mas era tão somente uma imagem de madeira presa entre as arestas rochosas, em pleno calhau. Rodearam-na, apreciaram-na muito. Curiosamente, parecia nova. Dois dos homens presentes, mais entendidos, reconheceram-na como a imagem de S. Vicente. Mas como se não bastasse a palavra daqueles dois, a atestá-la, encontrava-se um corvo, transido de frio, pousado na imagem. Com algum trabalho, aquela gente de boa vontade conseguiu retirar dos rochedos a imagem e puxou-a mais para a terra. Como se houvesse terminado a sua missão, logo o corvo abriu as asas, bateu-as e, voando, desapareceu sem que ninguém se tivesse apercebido do seu destino. Saberá a ave que ficava em boas mãos a imagem de S. Vicente, que aquele punhado de homens e mulheres levava, numa improvisada procissão, para a modesta capelinha entre as suas casas?

Não tardou que, no entusiasmo do instante, a população daquela terra assumisse S. Vicente como padroeiro, elegendo-lhe o nome para batizar o povoado. Porém, no dia seguinte, e de repente, ecoou uma exclamação de desespero. É que a imagem de S. Vicente já não se encontrava no pequeno templo, onde havia sido colocada com tanto carinho! Procuraram-na por ali, mas nada. E é então que alguém se lembra de ir de novo à beira mar, não fosse...

E fora S. Vicente não havia querido ficar na capela da povoação. Preferia quedar-se junto das águas que atravessara a bordo de um galeão com o seu corpo companheiro. E o povo, agora seu, fez-lhe a vontade, construindo-lhe aí um outro templo só para sua devoção.

Dizem que nos dias tempestuosos o agoirento corvo se vê por ali, como quem não quer a coisa. Possivelmente, sem outra intenção que não seja ver se o seu santo está bem instalado, bem cuidado.”¹⁹

Após conhecer a curiosa capela e a sua localização peculiar, aproveite para explorar a promenade de São Vicente. Não perca a oportunidade de fazer uma pausa num dos bares típicos da região para experimentar bebidas tradicionais madeirenses, como a poncha e a nikita.

De seguida, siga pela estrada regional até chegar a Porto Moniz, um dos destinos mais icónicos da Madeira. Conhecido pelas suas impressionantes piscinas naturais, formadas por lava vulcânica e constantemente renovadas pelas águas cristalinas do Atlântico, Porto Moniz oferece um verdadeiro espetáculo da natureza. À direita das piscinas, encontra-se o Forte de São João Batista, uma estrutura histórica do século XVIII, construída para defender a vila. Do forte, o visitante pode desfrutar de uma vista panorâmica deslumbrante sobre a região.

Além disso, o Aquário da Madeira, localizado nas proximidades, é uma atração imperdível. Aberto diariamente das 10h às 18h, o aquário alberga diversas espécies marinhas que habitam os mares da Madeira, proporcionando uma experiência educativa e enriquecedora sobre a biodiversidade do arquipélago.

Após explorar as maravilhas de Porto Moniz, o nosso roteiro segue em direção ao cabo no extremo ocidental da Ilha, até à freguesia da Ponta do Pargo, um local de grande beleza natural. A próxima paragem é no Miradouro do Farol da Ponta do Pargo, onde o visitante pode contemplar uma vista panorâmica deslumbrante sobre o imenso Atlântico e as dramáticas formações rochosas que caracterizam a paisagem envolvente.

Além das vistas espetaculares, o visitante tem a oportunidade de visitar o emblemático Farol da Ponta do Pargo, que entrou em funcionamento em 1922 e ainda hoje se ergue como um marco importante da região. Nas proximidades, encontra-se uma casa de chá acolhedora, ideal para uma pausa relaxante, enquanto se aprecia o cenário envolvente e a tranquilidade do local.

Continuando pela estrada regional, prosseguimos até a encantadora vila de Ponta do Sol. Ao chegar ao centro de Ponta do Sol, o participante será recebido por um exemplo

¹⁹ Versão de COUTINHO, José (2020), *Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*, Funchal: Cadmus.

notável da implantação urbana em ilhas, adaptada à orografia única da Madeira. Esta vila pitoresca, situada entre vales e montanhas, destaca-se pelo seu carácter encantador e autêntico.

No centro de Ponta do Sol, o participante pode desfrutar de um passeio pelas ruas de calçada, ladeadas por casas tradicionais, que conferem um charme especial ao local. A promenade à beira-mar é ideal para um passeio relaxante, permitindo apreciar a serenidade do Atlântico. Aproveite para descansar em um dos cafés locais e absorver a atmosfera acolhedora e tranquila que caracteriza esta vila.

Prosseguindo, o participante deve seguir até à Ribeira Brava, onde a próxima paragem é o Museu Etnográfico da Madeira. Este museu é uma visita essencial para quem deseja aprofundar o conhecimento sobre a cultura tradicional madeirense, sendo crucial para a promoção e preservação das tradições da ilha. O acervo do Museu Etnográfico integra coleções que abrangem variados aspetos sociais, económicos e culturais do arquipélago da Madeira. As exposições incluem artefactos que ilustram a vida quotidiana dos madeirenses ao longo dos séculos, desde ferramentas agrícolas a trajes tradicionais e utensílios domésticos. Esta visita permitirá ao participante uma compreensão mais rica e detalhada da herança cultural da Madeira. O Museu Etnográfico da Madeira está aberto ao público de terça a sexta-feira, das 09h30 às 17h00, proporcionando uma oportunidade conveniente para incluir esta paragem no seu itinerário.

Seguindo o itinerário, a próxima paragem é no Cabo Girão, mais precisamente no Miradouro do Cabo Girão, em Câmara de Lobos. Este ex-libris da Ilha da Madeira é uma das arribas litorais mais altas da Europa, proporcionando uma vista fenomenal para a baía de Câmara de Lobos e para o Funchal. O miradouro, com uma plataforma de vidro, permite que os visitantes vejam o mar cristalino abaixo de seus pés, oferecendo uma experiência única e emocionante. Este local é ideal para conhecer a lenda do Cabo Girão:

Figura 11 - Miradouro do Cabo Girão



Fonte: MadeiraPonto

“(...) Num lugarejo junto à penedia, vivia em tempos uma linda rapariga, muito alegre, que era solicitada para todas as festas. Bailava e cantava como ninguém. Todos os rapazes do lugar e de outros lugares vizinhos a procuravam para a pedirem em casamento. Ela, porém, com um sorriso nos lábios, a todos repudiava. Certa vez, sua mãe perguntou-lhe:

— Maria, porque desprezas o amor de todos os rapazes que te procuram?

Ela encolheu os ombros.

— Sei lá! Gosto de todos para bailar mas de nenhum para casar!

A mãe afligiu-se.

— Mas, filha, agora és jovem e bela. Porém, o tempo foge e daqui a pouco ficarás igual a mim! Também fui jovem e bonita como tu. Mas escolhi a tempo marido! Não fui exigente. Por quem esperas?

— Por aquele que o meu coração escolher!

— E quem é ele?

— Não sei. Ainda não nos encontramos!

— E se não chegar?

— Não me casarei.

— Oh, filha!...

Ela riu.— E isso que tem, minha mãe? Mais vale ficar solteira do que pertencer a um homem que nos é indiferente.

A mãe calou-se. Mas não ficou convencida. Dias depois, houve nova festa. Era uma romaria. Viera gente de muitas bandas. E Maria reparou num rapaz estranho ao lugar, que a fitava. Teve desejo de sorrir-lhe. Ela aproximou-se. À volta deles, todos dançavam. Sem dizer palavra, entraram na dança. Bailaram toda a tarde. Sempre os dois. Murmurava-se já. Ela bem o notava. E sorria feliz. Cantavam e brincavam como se se conhecessem desde há muito. Mas nem sequer sabiam os nomes. Quando a tarde começou a declinar e os pares dispersaram, Maria estendeu a mão ao companheiro e disse-lhe:

— Tenho de ir também!

E, a gaiata:

— Até breve?

Ele segurou-lhe a mão pequenina.

— Como te chamas?

— Maria.

— Eu chamo-me Pedro. Sou lavrador e vivo em Porto Moniz. Mas quero ver-te amanhã. Por isso ficarei aqui, em Câmara de Lobos. Agrada-te?

— Muito!

— *Porque não tens ainda um namorado, sendo tão bela e jovem?*
— *Porque ainda não gostei de ninguém.*
— *Acaso poderás vir a gostar de mim?*
— *Já gosto! Desde que te vi além, encostado àquele rochedo, sozinho, olhando para mim. Esta confissão sincera, espontânea, encantou o rapaz. Apertou-lhe a mãozinha morena.*
— *Maria, quero que sejas minha mulher. Virei ver-te amanhã.*
— *Vai ver-me a minha casa. Quero que conheças os meus pais. Não somos ricos, mas vivemos remediados.*
— *Tenho o suficiente para mim e para ti. O dinheiro não me aflige.*
— *Que te aflige, então?*
— *As guerras! Ainda não recebi o baptismo de sangue. E posso ser chamado de um momento para o outro.*
Ela olhou-o de frente, olhos nos olhos, sem sorrir.
— *Pedro, quando fores chamado, ficarei à tua espera, seja antes ou depois das nossas bodas.*
— *Juras?*
— *Juro!*
Uma alegria intensa inundou o rosto do jovem lavrador. Disse-lhe:
— *Vou acompanhar-te a casa. De hoje em diante não te quero sozinha por estes caminhos.*
A partir desse dia, Maria e Pedro não mais deixaram de se ver. Os pais da cachopa andavam contentes. A filha estava, finalmente, noiva. Encontrara aquele por quem o seu coração esperava. Marcaram o casamento para logo a seguir ao Natal. Mas os projectos não se realizaram. Pedro foi recrutado para a guerra. Maria chorou. Desesperou-se. Rebelou-se. Tudo em vão. Era forçoso que Pedro partisse.
Com a alma carregada de tristeza, o jovem de Porto Moniz veio despedir-se da noiva. Lavada em lágrimas, Maria nem podia falar. Quis subir com ele ao cabo Girão. O rapaz satisfez-lhe a vontade. E no alto, olhando o mar cor de esmeralda, ela falou por fim:
— *Pedro tem cuidado! Não te exponhas! Lembra-te que prometeste casar comigo!*
Acariciando-a, ele replicou:
— *E tu prometeste esperar-me!*
Logo ela redarguiu:
— *E esperarei! Juro-o de novo! De hoje a um ano, virei aqui todos os dias, para olhar o mar. E descerei ao cais se descobrir algum navio a ancorar. E só será teu o meu pensamento!*
O rapaz beijou-lhe os olhos cheios de lágrimas.
— *Hei-de voltar! Verás que hei-de voltar!*
Num sopro, ela respondeu:
— *Acredito! Eu creio que virás em breve!*
Lá em baixo, o mar cor de esmeralda resmungou algo que os noivos não entenderam. Um ano passou. Doze meses longos que pareciam arrastar-se. Maria, que se conservava recolhida em casa, começou a sair. Todas as manhãs subia ao cabo Girão, e lá do alto contemplava o mar cor de esmeralda, que se alteava em ondas junto à costa. E à pergunta muda que Maria lhe lançava, ele marulhava, num segredo: «Espera mais um pouco!» Certa vez em que Maria descia, encontrou-se frente a frente com um estranho. Parecia esperá-la. Estava ricamente vestido e a poucos passos via-se uma montada ajazada a rigor. O homem embargou-lhe o passo, dizendo:
— *Maria, espera um pouco!*

Ela sobressaltou-se. Perguntou inquieta:

— *Como sabe o meu nome?*

Ele tentou sorrir:

— *Há muito que o decorei. Vi-te e ouvi-te cantar numa festa.*

A jovem encolheu os ombros:

— *Oh! Isso já foi há muito tempo!*

— *Nem por isso. Foi há pouco mais de um ano.*

— *Nessa época ainda o meu noivo estava comigo!*

— *Pois estava. Por essa razão não me aproximei.*

— *E agora... por que veio?*

— *Porque estás só. Aqui, posso falar-te.*

— *Para quê?*

— *Para que venhas habitar o meu castelo. Sou rico, poderoso. Posso fazer-te feliz.*

— *Só serei feliz com o Pedro!*

— *Ele foi para a guerra, segundo me disseram.*

— *Mas está a voltar!*

— *Quem sabe se voltará?*

— *Esperá-lo-ei até ao fim da vida!*

O homem riu, nervoso.

— *Deixa-te de tontices! Que vale ele mais do que eu?*

— *Amo-o!*

— *Eu também saberei amar-te! Pelo menos agora, neste momento em que te desejo com toda a força do meu ser!*

Ela assustou-se. Gritou:

— *Não me toque!*

Ele continuou, rindo:

— *Escusas de gritar, porque ninguém nos ouve.*

Quis agarrá-la por um braço, mas a rapariga esquivou-se, correndo para o lado do mar.

Ele perguntou, inquieto:

— *Para onde vais?*

— *Vou ter com o Pedro!*

— *És louca! Do cimo da penedia não tens saída. Bem sabes a altura que te separa do mar!*

— *Tenho menos medo dele do que dos homens que fazem esperas às donzelas!*

Ele tentou acalmá-la.

— *Não te precipites! Olha que muitas se mordem de inveja por eu te querer!*

— *Pois vá buscá-las!*

Ele encaminhou-se para ela.

— *Mas só a ti desejo e quero!*

Ela gritou de novo:

— *Fique onde está!*

De mansinho, ele foi ganhando terreno.

— *Não sejas tonta! Gritar de nada te serve. E se caíres daí, terás morte horrorosa.*

— *E se não cair?*

— *Os meus braços te estreitarão com amor!*

Nesse mesmo instante, o homem rico estendeu os braços e prendeu a rapariga, tentando beijá-la. Travou-se luta. Luta feroz. Ela mordia-o como louca. Mais louco ainda, ele tentava subjugar-la. De súbito, ela desprendeuse e nesse mesmo instante o homem sentiu que o chão lhe faltava. Gritou. O seu grito perdeu-se levado pelo vento. E o mar cor de

esmeralda recebeu o seu corpo, resmungando. Apertando as fontes, quase sem respirar, Maria não atinava bem com a tragédia ocorrida no cabo Girão. Desvairada, abria os olhos num espanto. Já não via o homem. Apenas, paciente, o cavalo branco esperava. Atormentada, olhou o mar. Lá em baixo ele sorria-lhe num chamamento. Debruçou-se para efectuar a sua entrega. Porém ouviu-se a jurar a Pedro: «Esperarei! Juro-o de novo! De hoje a um ano, virei aqui todos os dias para olhar o mar. E descerei ao cais se descobrir algum navio a ancorar...» Maria endireitou o corpo. Perscrutou o horizonte. Sobressaltou-se. Batia-lhe forte o coração. Era um navio o que os seus olhos descobriam. Um navio vindo de terras distantes. Talvez ali viesse Pedro! Talvez! Esqueceu a tragédia e começou descendo para o cais, como louca, dizendo a quem encontrava: — Vem aí um navio! Talvez traga o Pedro! Quero o meu Pedro! Quero-o! As pessoas olhavam-na aflitas. Teria ela perdido a razão? — perguntavam. Mas a rapariga corria sempre a caminho do cais. Atrás dela descia também um cavalo branco sem cavaleiro. E o mar cor de esmeralda guardou para si o segredo da tragédia no Girão. Só mais tarde, quando Pedro regressou, ferido mas salvo, soube da boca da sua prometida o que havia acontecido. E por mais que ele lhe quisesse fazer ver que ela não fora a culpada daquela morte, Maria não tornou a ser a mesma de outrora. A sua jura cumprira-se apenas em metade. Ela esperara pelo noivo. O seu corpo só a ele pertenceu. Mas o seu pensamento, esse, partilhou-o com o do homem poderoso que por sua rebeldia havia caído do cabo Girão.”²⁰

Depois de conhecer esta triste lenda, o participante deverá partir para a última paragem do nosso roteiro, o Convento de São Bernardino, em Câmara de Lobos, um local carregado de história e misticismo. Este convento, construído no século XV, está profundamente entrelaçado com a lenda do Santo Servo. Segundo a tradição, um humilde servo, notável pela sua piedade, teria realizado milagres que beneficiaram a comunidade local, e após a sua morte, o seu corpo permaneceu incorrupto.

Ao aproximar-se do convento, o visitante é convidado a explorar uma bela igreja de arquitetura barroca, cuja planta irregular inclui uma igreja e uma capela de nave única, adornadas com fachadas em empenas e portais barrocos. As instalações, pertencentes à Ordem Terceira Franciscana, são construídas com materiais tradicionais como cantaria mole e rígida, alvenaria de cantaria regional rebocada, madeira de carvalho e calhau rolado.

Na parte exterior do convento, o participante encontrará um mural de azulejos que retrata Dom Pedro de Guarda, o servo cuja lenda perdura.

²⁰ MARQUES, Gentil (1997), *Lendas de Portugal*, Lisboa: Beta. Vol.5.

Figura 12 - Convento de São Bernardino



Fonte: Visit Madeira

“O Convento de S. Bernardino, em Câmara de Lobos, foi o primeiro edificado fora do Funchal e ali se instalaram os Frades Franciscanos. No ano de 1485 veio para esse Mosteiro Frei Pedro da Guarda que era um Monge modesto mas de grande virtude.

Era seu ofício o serviço da cozinha mas como se esquecia, mergulhado em oração, no coro da Igreja e como o serviço aparecia sempre feito, espalhou-se a lenda de que os Anjos faziam de cozinheiro para que o Santo Servo de Deus — como se tornou popularmente conhecido — não ficasse em falta.

Atribuíram à intervenção deste Frade junto de Deus, desde 1505 a 1597, mais de seiscentos milagres. Asseverava o Povo que Frei Pedro da Guarda era profeta e tinha conhecimento dos que morriam distante por lhe aparecerem as Almas. Também possuía o dom de subordinar as aves e animais bravios.

Morreu «em cheiro de Santidade» no dia 27 de Julho de 1505 e na hora do seu passamento repicaram os sinos do Convento sem que pessoa alguma os impulsionasse. Previu a hora em que morria e o seu cadáver não exalou cheiro de putrefacção. Esteve sepultado noventa e dois anos no Mosteiro onde não cessava o culto que lhe tributavam fieis fervorosos.

Em 28 de Janeiro de 1597, em consequência de aparecerem estranhas luminosidades sobre o túmulo, o Bispo do Funchal e altos dignitários da Igreja foram ali para procederem à cerimónia da exumação, deparando com o esqueleto do Santo Servo amortalhado com o seu hábito tal qual ali tinha sido posto quase um século antes!

Então levaram os restos mortais para uma urna que ficou depositada na Capela-Mór do Templo e de onde, em 1619, o Provincial da Ordem mandou retirar três ossos que foram entregues, como relíquia, a cada um dos três conventos franciscanos que ao tempo havia na Madeira.

Deante de tantas manifestações miraculosas e do culto que lhe prestava o Povo, nasceu a ideia de canonizar este humilde religioso cuja vida foi um exemplo de virtude. Mas quando triunfou em Portugal a política estrangeira do constitucionalismo maçónico-liberal, o governador do Bispado, António Alfredo de Santa Catarina Braga dirigiu-se ao Convento

de S. Bernardino e com grande ostentação ordenou que cessasse o culto do Santo Servo, mandando ali queimar a imagem de Frei Pedro da Guarda! A indignação popular recriminou violentamente o procedimento do governador do Bispado e em vez de esquecer o Santo, mais fervorosamente se lhe intensificou o culto, multiplicando-se a fama dos seus milagres.”²¹

Ao final deste roteiro, o participante terá conhecido algumas das lendas mais fascinantes da Madeira e visitado locais carregados de história e misticismo. Esperamos que esta jornada tenha proporcionado não só uma visão mais profunda das tradições madeirenses, mas também momentos de contemplação e admiração pelas belezas naturais e arquitetónicas da região. A Madeira, com suas histórias e encantos, convida todos a continuar explorando seus segredos e a descobrir ainda mais sobre esta terra única e acolhedora.

²¹ Versão de PORTO DA CRUZ, Visconde (1955). *Folclore Madeirense*. Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal.

6.1. Itinerário do Roteiro

Figura 13 - Itinerário do roteiro



Fonte: Elaboração Própria

7. Conclusão

Esta dissertação teve como objetivo principal estabelecer uma interseção entre o binómio Cultura e Turismo, com vista à valorização e preservação tanto do património material quanto imaterial, bem como a ampliação da oferta turística da Ilha da Madeira, através da criação de um roteiro temático dedicado às lendas locais.

Atualmente, o turismo é amplamente reconhecido como um motor vital para o desenvolvimento socioeconómico global, desempenhando um papel fundamental na criação de empregos e na geração de riqueza. Nas últimas décadas, este setor tem registado um crescimento contínuo, consolidando-se como um dos pilares mais importantes da economia global. No entanto, este crescimento acelerado apresenta novos desafios para os destinos turísticos. À medida que o mercado se torna mais competitivo e os produtos e serviços turísticos tendem a homogeneizar-se, os turistas têm vindo a procurar experiências mais diferenciadas e autênticas. Este desejo por algo único é também impulsionado pelas mudanças socioeconómicas ocorridas desde o final do século XX, como a melhoria das condições de vida, o aumento do interesse pelo lazer e a busca por enriquecimento cultural. Esses fatores combinados têm levado os turistas a valorizar ofertas que se destacam pela sua singularidade e autenticidade.

Nesse contexto, os destinos turísticos têm procurado diferenciar-se através da valorização da sua cultura local, utilizando o seu património material e imaterial como elementos de distinção e atratividade. Com isso, o turismo cultural tem-se destacado como um nicho em franca expansão, consolidando-se entre as ofertas turísticas de diversas regiões e influenciando, de forma crescente, a escolha dos destinos pelos turistas e visitantes. Para promover essa diferenciação, muitos destinos têm investido na valorização de várias expressões culturais, como a gastronomia, a etnografia e, cada vez mais, a literatura, reconhecendo-as como recursos que podem enriquecer a experiência turística e atrair novos públicos. Assim, surgem subnichos dentro do turismo cultural.

O turismo literário, por exemplo, emerge como um segmento que valoriza a literatura como património cultural, capaz de atrair e envolver visitantes. Este segmento concentra-se na exploração de locais com relevância literária, como aqueles descritos em obras, espaços que inspiraram essas narrativas, residências de autores e locais que estes frequentaram. Em suma, o turismo literário oferece aos visitantes a oportunidade de vivenciar diretamente os

cenários das obras literárias, permitindo uma imersão profunda na narrativa e no contexto cultural que moldou essas histórias.

Todavia, é importante notar que o turismo literário, especialmente em Portugal, tem-se focado predominantemente na literatura erudita, muitas vezes em detrimento da literatura popular. Tal como a literatura erudita pode estar associada a locais reais descritos nas obras, a literatura popular—em particular as lendas—também está fortemente ligada a lugares físicos específicos. Muitas lendas e contos populares têm raízes em locais concretos, sendo nesses cenários que as narrativas orais se desenvolvem. Esses locais associados a lendas oferecem experiências igualmente enriquecedoras para os turistas, permitindo-lhes explorar paisagens e contextos de grande importância cultural e histórica. Assim, o turismo literário pode ser ampliado para incluir a literatura popular, proporcionando uma imersão mais completa na cultura de uma região.

Este potencial já tem sido explorado em várias partes do mundo, como foi possível verificar nesta pesquisa, onde as lendas são integradas em produtos turísticos específicos para atrair visitantes. Esses produtos incluem itinerários, passeios e circuitos temáticos, que combinam as narrativas lendárias com o ambiente físico, criando uma experiência turística imersiva e enriquecedora. Um exemplo disso é o "Oslo: Myths and Legends Walking Tour", onde os visitantes exploram a cidade através dos seus mitos e lendas, vivenciando a cultura local de uma forma mais profunda.

Apesar do sucesso de iniciativas semelhantes em várias partes do mundo, na Madeira ainda não existe uma exploração significativa das lendas locais como recurso turístico, como foi possível observar no meu estudo. Embora a Ilha seja rica em histórias e tradições populares, estas têm sido pouco aproveitadas na criação de produtos turísticos que possam atrair e envolver os visitantes. Esta lacuna revela uma oportunidade única para valorizar o património imaterial da região através de um roteiro turístico temático.

Assim, este trabalho propôs a criação de um roteiro dedicado às lendas locais da Ilha da Madeira, com o objetivo de oferecer aos turistas uma experiência que vá além das paisagens naturais e dos pontos turísticos mais conhecidos. Ao explorar locais associados a essas narrativas, os visitantes terão a oportunidade de conhecer as histórias que moldaram a cultura madeirense, ao mesmo tempo que desfrutam das belezas naturais da ilha. Este roteiro, ao integrar o património imaterial da Madeira na sua oferta turística, tem o potencial de diversificar o turismo local, atraindo novos públicos interessados em experiências autênticas

e em contato direto com as tradições culturais da região. A iniciativa não só visa preservar e promover as lendas locais, mas também fortalecer a identidade cultural da Madeira, inserindo o turismo literário no leque de possibilidades turísticas da ilha, visto que na Madeira a presença deste nicho é insipiente.

Contudo, este roteiro adota a perspectiva de que, como demonstrado pela investigação, o turismo cultural não é frequentemente o principal motivo para visitar a Madeira. A Ilha é mais conhecida e procurada pelas suas paisagens deslumbrantes e clima ameno. No entanto, muitos turistas acabam explorando a cultura local durante a sua estadia. Portanto, além de incluir locais relacionados às lendas, o roteiro também incorporará atrações turísticas populares, como miradouros e outros pontos de interesse. Essa abordagem visa atrair e satisfazer tanto os visitantes interessados nas lendas e tradições culturais quanto aqueles cuja principal motivação é desfrutar das paisagens e atrações conhecidas da Madeira. Ao combinar esses dois aspetos, o roteiro proporciona uma experiência equilibrada que pode cativar um público mais amplo, incluindo aqueles que inicialmente podem não ter interesse nas lendas, mas que, ao seguir este percurso, terão a oportunidade de descobrir novos aspetos culturais e históricos da ilha.

Neste projeto, para além da elaboração do roteiro, também foi apresentado um mapa do roteiro.

7.1. Contributos da Investigação

No presente projeto de criação de um roteiro temático sobre as lendas da Madeira, buscou-se estabelecer uma contribuição significativa para a ampliação dos estudos sobre o segmento do turismo literário e cultural. Com base na investigação, evidenciou-se a importância crescente do turismo cultural, especialmente do turismo literário, e o papel vital que esses segmentos desempenham tanto na promoção da cultura de uma região quanto no desenvolvimento económico, na preservação do património imaterial e na sustentabilidade.

A pesquisa revelou a ausência de uma exploração significativa das lendas locais no contexto do turismo madeirense, evidenciando uma lacuna que esta dissertação se propôs a preencher. Ao integrar as lendas da Madeira como elementos centrais do roteiro turístico, o projeto não apenas valoriza o património cultural da ilha, mas também oferece uma abordagem inovadora para diversificar a oferta turística local. Este trabalho destaca como as

narrativas lendárias, assim como a literatura erudita, podem servir como pontos de interesse enriquecedores para os visitantes, criando uma experiência turística imersiva e autêntica.

Além disso, a investigação contribui para a ampliação do conhecimento sobre a interseção entre turismo e cultura ao fornecer uma breve caracterização das lendas locais e ao recensear as obras que documentam essas narrativas. Este aspeto da pesquisa não apenas enriquece a compreensão da literatura popular da Madeira, mas também fornece uma base sólida para a criação de produtos turísticos temáticos.

7.2. Limitações do Estudo

Como acontece em qualquer investigação, este projeto não esteve isento de limitações e desafios. Ainda assim, espera-se que essas questões possam ser tratadas e resolvidas em estudos futuros, especialmente:

1. Funcionamento dos espaços incluídos no roteiro: Alguns pontos de paragem dependem de espaços com horários de funcionamento específicos, o que pode limitar a experiência para os turistas que realizam o itinerário fora desses horários.
2. Dependência de transporte próprio: Como o roteiro é focado na Ilha da Madeira, onde muitos locais de interesse não são facilmente acessíveis por transporte público, é necessário o uso de carro, o que pode excluir turistas que não possuem veículos próprios ou que preferem não conduzir durante a visita.

No seguinte ponto, apresentamos algumas sugestões para futuros projetos de investigação:

7.3 Propostas de investigação futura

As conclusões deste estudo deixam claro que a exploração do património cultural da Madeira, especialmente através das suas lendas, abre um vasto leque de oportunidades para o desenvolvimento de novos produtos turísticos. Para maximizar o impacto dessas lendas na oferta turística da ilha, é fundamental que futuras investigações se concentrem em múltiplas áreas.

Uma área prioritária de investigação futura é o desenvolvimento de itinerários das lendas mais detalhados e diversificados, que possam ser adaptados às particularidades de

diferentes regiões ou temáticas. A criação de roteiros específicos para concelhos distintos, ou que se focam só numa zona da ilha.

Para garantir a eficácia dos itinerários, é crucial incorporar uma componente educacional robusta, incentivando o seu uso não apenas como uma atração turística, mas também como um recurso pedagógico em escolas e outras instituições de ensino. A colaboração ativa das autarquias na promoção e execução destes roteiros é essencial. Essas entidades podem formar equipas dedicadas que trabalhem em estreita parceria com bibliotecas, centros culturais, livrarias e associações locais. O objetivo seria integrar as lendas em eventos comunitários, como feiras do livro e programas de incentivo à leitura, assegurando a preservação e divulgação dessas histórias. Particularmente, este enfoque educacional deve direcionar-se às crianças e jovens, para que possam conhecer, valorizar e perpetuar as lendas ao longo das gerações.

Um ponto fundamental para o sucesso desses itinerários é a realização de uma análise detalhada do perfil dos turistas que escolhem a Madeira como destino. Entender as suas motivações, preferências e comportamentos será essencial para aperfeiçoar as estratégias de comunicação e promoção dos roteiros baseados nas lendas. Além disso, será indispensável desenvolver um plano económico-financeiro para avaliar a viabilidade desses projetos, considerando os custos envolvidos na criação de materiais promocionais, como brochuras, no desenvolvimento de mapas interativos, aplicações e na instalação de sinalização adequada.

Adicionalmente, é fundamental continuar a explorar o turismo literário na Madeira, expandindo o seu enfoque para incluir as lendas e narrativas populares que têm um profundo valor cultural para a região. Esta expansão pode ser complementada pela criação de novos produtos turísticos baseados em lendas, tais como eventos temáticos, visitas guiadas dramatizadas e experiências interativas em plataformas digitais. Estes produtos podem não só posicionar as lendas como elementos centrais da oferta turística, mas também proporcionar aos visitantes uma experiência imersiva e enriquecedora, que destaca a riqueza cultural da Madeira.

Em conclusão, este trabalho contribui significativamente para a compreensão e valorização do património imaterial da Madeira, propondo a integração das lendas locais como elementos centrais na oferta turística da ilha. A criação de um roteiro temático não só visa diversificar as opções turísticas, mas também promover a sustentabilidade ao valorizar

e preservar o património local, assegurando a transmissão responsável das tradições culturais. Desta forma, fortalece-se a identidade cultural madeirense, protegendo e divulgando narrativas fundamentais para a história e cultura da região. As propostas de investigação futura e expansão deste trabalho evidenciam o potencial contínuo de desenvolvimento no campo do turismo literário e cultural, fornecendo uma base sólida para que a Madeira se destaque como um destino onde a herança cultural é tão apreciada quanto as suas paisagens naturais. Este projeto, portanto, não só responde à crescente procura por experiências autênticas e diferenciadas, mas também abre caminho para uma abordagem mais integrada e sustentável do turismo na região.

3. Referências Bibliográficas

ABREU, João (2012), *A Ilha da Madeira pela Mão dos Seus Poetas- Construção de um Roteiro Literário*. Funchal: Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/846>

AGUIAR, Lúcia, FERREIRA, Luís, PINTO, Jorge (2012), “Turismo Cultural, Itinerários Turísticos e Impactos nos Destinos”, *Cultur: Revista de Cultura e Turismo*, nº 2, 109-126. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/287/296>

ALMEIDA, António, ALVES, António, SOARES, Jorge (2013), “As Levadas da Madeira no Contexto de Afirmção e da Confluência do Turismo de Natureza com o Turismo Ativo”, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, nº 33, 27- 43. Disponível em: <https://review-rper.com/index.php/rper/article/view/402/321>

AMARAL, Graça (2019), *A Paisagem Literária no Algarve: Proposta de Dois Itinerários Literários*. Algarve: Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/15382>

ANDERSEN, Hans-Christian, ROBISSON, Mike (2002), *Literature and Tourism: Essays in the Reading and Writing of Tourism*, London: Cengage Learning Emea.

ANDRÉ, Américo (2012), *Descobrir, Partilhar e Valorizar Memórias da Literatura Oral da Raia. Contributos para a Preservação dos Contos Lendas, Crenças e Superstições de Penha Garcia*. Beira Interior: Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/3391>

ARANDA, Pérez, GUERREIRO, Manuela, & Mendes, Julio (2015), “Are Mythes and Legends Used In Tourism Communication As A Resource? The Case Of Algarve Online Brochures”, *Enlightening Tourism A Pathmaking Journal*, nº 5, 65-99. Disponível em: <https://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/10920>

BAPTISTA, Mário. (1990), *O Turismo na Economia – Uma Abordagem Teórica, Económica, Social e Cultural*”, Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística.

BARRETTO, Margarita (1991), *Planejamento e Organização em Turismo*, (1.^aed.), Campinas: Papirus.

BARRETTO, Margarita (2007), *Turismo y Cultura. Relaciones, Contradicciones y Expectativa*. Tenerife: Colección PASOS edita. Disponível em: <https://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita1.pdf>

BAYARD, Jean-Pierre (2002), *História das lendas*, Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>

BENI, Mário (2001), *Análise Estrutural do Turismo* (5^a ed.), São Paulo: SENAC.

BÎCA, Ioan, SCHUSTER, Eduard (2021), “The Role of Myths, Legends, Stories in Tourism. Case Study: Bistrita City (Romania)- Destination For Spiritual Tourism”, *Journal of Tourism & Sports Management*, n^o 4, 709-719. Disponível em: [https://www.scitcentral.com/article/47/2437/THE-ROLE-OF-MYTHS,-LEGENDS,-AND-STORIES-IN-TOURISM.-CASE-STUDY:-BISTRITA-CITY-\(ROMANIA\)-DESTINATION-FOR-SPIRITUAL-TOURISM](https://www.scitcentral.com/article/47/2437/THE-ROLE-OF-MYTHS,-LEGENDS,-AND-STORIES-IN-TOURISM.-CASE-STUDY:-BISTRITA-CITY-(ROMANIA)-DESTINATION-FOR-SPIRITUAL-TOURISM)

BORGES, Maria, MARUJO, Noémi, & SERRA, Jaime (2013), “Turismo Cultural em Cidades Património Mundial: A Importância das Fontes de Informação para Visitar a Cidade de Évora”, *Tourism and Hospitality International Journal*, n^o 1, 137-156. <https://revistas.rcaap.pt/thij/article/view/29766>

BOZ, Mustafa (2020), “Myths and Legends in Destination Tourism Marketing: The Story of Hero and Leander—Canakkale, Turkey”, Coskun, Inci, Lew, Alan, Othman, Norain, Yuksek, Gokçe, Aktas, Semra (Eds.), *Heritage Tourism Beyond Borders and Civilizations*, Singapore: Springer, 3-14. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342542274_Myths_and_Legends_in_Destination_Tourism_Marketing_The_Story_of_Hero_and_Leander-Canakkale_Turkey

BRANCO, Alfredo (1954), *Lendas do Arquipélago da Madeira* (1.^aed.), Funchal: Edição do Autor.

BRIDA, Juan, OSTI, Linda, FACCIOLI, Michela (2011), “Resident’s Perception and Attitudes Towards Tourism Impacts: A Case Study of the Small Rural Community of Folgaria (Trentino – Italy)”, *Benchmarking: An International Journal*, n^o 18 (3), 359-385.

Disponível em: [\(PDF\) Residents' Perception and Attitudes towards Tourism Impacts: A Case Study of the Small Rural Community of Folgaria \(Trentino, Italy\) \(researchgate.net\)](#)

BUTLER, Richard (2001), "Literary tourism", Jafari, Jafar Jafar, *Encyclopedia of Tourism*, London: Routledge, 31.

CÂNDIDO, Antônio (1975), *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária* (1ªed.), Rio de Janeiro: Nacional.

CÂNDIDO, Antônio (1999), "A Literatura e a Formação do Homem", *Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária*, 81-89. Disponível em: [A literatura e a formação do homem | Remate de Males \(unicamp.br\)](#)

CANDREA, Adina, ISPAS, Ana, UNTARU, Elena, Nechita, Florin (2016), "Marketing the Count's Way: How Dracula's myth can Revive Romanian Tourism", *Bulletin of the Transylvania University of Brasov Series V: Economic Sciences*, nº 9 (58), 83-90. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306264160_Marketing_the_Count's_way_how_Dracula's_myth_can_revive_Romanian_tourism

CARITA, Rui (1979), *A espingarda e os uniformes: catálogo da 1ª Exposição do Museu Militar da Madeira*, Funchal: Secretaria Regional da Educação e Cultura.

CARIS, Elisa, RICHTER, Monika (2016), "Elementos Fundamentais para Elaboração de Roteiros", Richter, Monika, *Elaboração de Roteiros*, Rio de Janeiro: Fundação Cecirej, 121-140.

CARVALHO, Inês (2009). *Turismo Literário e Redes de Negócio: Passear em Sintra com os Maias*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/1691>

CARVALHO, Inês, BAPTISTA, Maria (2015), "Perspetivas sobre o Turismo Literário em Portugal", *Revista Turismo & Desenvolvimento*, nº 24, 55-68. Disponível em: <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i24.10907>

CARVALHO, Paulo (2020), "Os Destinos Turísticos e a Sustentabilidade dos seus Territórios", Almeida, Paulo, *Gestão de Destinos Turísticos*, Peniche: Politécnico de Leiria.

CARVALHO, Rui, FERREIRA, Ana, FIGUEIRA, Luís (2011, outubro, 26-29), “O Contributo do Evento Culturais e Criativos para a Criação de uma Imagem Diferenciadora do Destino Turístico maduro: O Caso do Festival do Med de Loulé, Algarve” [Sessão de Conferência], International Conference on Tourism & Management Studies, Algarve. Disponível em: https://www.academia.edu/8408968/BOOK_OF_PROCEEDINGS_VOL_I_INTERNATIONAL_CONFERENCE_ON_TOURISM_and_MANAGEMENT_STUDIES_ALGARVE_2011_COLLABORATIVE_DESTINATION_MARKETING

CASCUDO, Luís (2002), *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio de Janeiro; Global.

CASINHA NOVA, Maria (2013), *As Lendas do Sobrenatural da região do Algarve*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Doutoramento. Disponível em: [Repositório da Universidade de Lisboa: As lendas do sobrenatural da região do Algarve \(ul.pt\)](https://repositorio.ul.pt/handle/10451/10000)

CATENACCI, Vivian (2001), “Cultura Popular: Entre a Tradição e a Transformação”, *São Paulo: Em Perspetiva*, nº 15(2), 18-35. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250987808_CULTURA_POPULAR_ENTRE_A_TRADICAO_E_A_TRANSFORMACAO

CENTENO, Rogelio (2003), *Metodologia da Pesquisa Aplicada ao Turismo: Casos Práticos*, Lisboa: Roca.

CHIARAMONTE, Erick (2012), “Que é a Literatura, Afinal?”, *Revista Educação*, nº 7(2), 18-24. Disponível em: [#65279;QUE É A LITERATURA, AFINAL? | Revista Educação - UNG-Ser](https://www.ung.br/revista-educacao/v7n2/que-e-a-literatura-afinal/)

CHRISTOU, Propokis, PERICLEOUS, Katarina, KOMPPULA, Raija (2023), “Designing and Offering Legend-Based Experiences: Perspectives of Santa Claus in the Joulupukin Pajakyla”, *Annals of Tourism Research*, nº98, 2-16. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/eee/anture/v98y2023ics0160738322001700.html>

CIDRAES, Maria (2014), *As lendas Portuguesas. Temas. Motivos. Categorias.*, Lisboa: Apenas Livros.

COELHO, Nelly (2009), *Literatura Oral*. E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-oral/>

COIMBRA, Nairon, QUADROS, Vivian, PINTO, Paulo (2021), “Turismo Literário: O Patrimônio Histórico-Cultural De Belé Do Pará Como Base Da Literatura”, *Brazilian Journal of Development*, nº 6(7), 62760-62780. Disponível em: [10.34117/bjdv7n6-585](https://doi.org/10.34117/bjdv7n6-585)

CORRADO, Melina (2015), *Turismo Literario como tipologia emergente del turismo cultural CASO: La ciudad de La Plata y una novela de Bioy Casares*, Buenos Aires: Faculdade de Ciencias Económicas da Universidade Nacional de la Plata. Dissertação de Mestrado. Disponível em: https://repositoriosdigitales.mincyt.gob.ar/vufind/Record/SEDICI_de92c795025abe314961f68f4236c84a

CORREIA, Cláudia (2020), *Turismo Cultural no Centro Histórico da Cidade de Évora: Satisfação e Atitudes dos Residentes*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://rdpc.uevora.pt/handle/10174/27925>

CÔRTE-REAL, Ana (2013), *Turismo de Elite e Segmentação da Oferta*, Coimbra: Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/36110/1/Turismo%20de%20Elite.pdf>

COSTA, Ana (2022). *A literatura de Tradição Oral como Potenciadora do Conhecimento Histórico e Literário Junto de Alunos do 5.º Ano de Escolaridade*. Viseu: Departamento de Comunicação e Arte do Instituto do Politécnico de Viseu. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/7975>

COSTA, Carlos (1996), *Towards the Improvement of the Efficiency and Effectiveness of Tourism Planning and Development at the Regional Level. Planning, Organisations and Networks: the Case of Portugal*, Surrey: University of Surrey. Tese de Doutoramento. Disponível em: <https://openresearch.surrey.ac.uk/esploro/outputs/doctoral/Towards-the-improvement-of-the-efficiency-and-effectiveness-of-tourism-planning-and-development-at-the-regional-level--planning-organisations-and-networks-the-case-of-Portugal/99516152502346>

COSTA, Carlos (2005), “Turismo e Cultura: Avaliação das Teorias e Práticas Culturais do Sector do Turismo (1990-2000)”, *Análise Social*, nº 175, 279-295. Disponível

em: [Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo \(1990-2000\) | Análise Social \(rcaap.pt\)](#)

COSTA, Lygia (2002), *De Museologia, Arte e Política de Património*, Rio de Janeiro: Edições de Património.

MOUTINHO, Fernanda, FARIA, Diomira, FARIA, Sergio (2016), “Turismo Literário: Uma Análise sobre Autenticidade, Imagem e Imaginário”, *Albuquerque- Revista de História*, nº8(16), 31-50. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7869495>

MOUTINHO, José (2020). *Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*. Funchal: Cadmus.

CRAVO, Ravi (2022), “Uma Breve Parada”: Um Itinerário Literário para Södertälje. Faro: Universidade do Algarve. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/18902>

CUNHA, Licínio (1997), *Economia e Política do Turismo*, Porto: Verbo.

DAVIDSON, Rob, MAITLAND, Robert (1997), *Tourism Destinations*, London: Hodder & Stoughton.

DIOGO, Filipa (2021), *Turismo Literário e Promoção Turística- O Exemplo da Casa Museu de Miguel Torga*, Coimbra: Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/96995>

DUARTE, Noélia (2012), *O Conto Literário: A Memória da Tradição, Ponta Delgada: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores*. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/2573>

EAGLETON, Terry (1996), *Literary Theory: An Introduction*, (2.^a ed.) London: Blackwell.

EUSÉBIO, Celeste, CARNEIRO, João (2012), “Impactos Socioculturais do Turismo em Destinos Urbanos”, *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, nº30, 65-75. Disponível em: [IMPACTOS SOCIOCULTURAIS DO TURISMO EM DESTINOS URBANOS \(redalyc.org\)](#)

FARIA, Diomira, FARIA, Sérgio, ARAÚJO, Maria, FLECHA, Bruna, SILVA, Thamara (2017), “Motivações e experiências de turistas literários: Semana Roseana–Cordisburgo–MG”, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, nº 1(27/28), 1149-1159. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/9839/6415>

FERREIRA, Ana (2021), *Turismo Literário no Porto: Avaliação da sua Potencialidade com Base na Figura de Camilo Castelo Branco*, Vigo: Universidade de Vigo. Tese de Doutoramento. Disponível em: <https://www.investigacion.biblioteca.uvigo.es/xmlui/handle/11093/2250>

FIGUEIRA, Luís (2013), *Manual Para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*, Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.

FILIPPE, Ricardo (2017), *As lendas, mitos e tradição oral como recurso pedagógico no processo de construção do conhecimento histórico*, Guimarães: Instituto de Educação da Universidade do Minho. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/57246>

FONTES, Vítor (2013), *O Potencial Didático dos Mitos e das Lendas na Educação Histórica*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/71552?mode=full>

FRAZÃO, Fernanda (1982), *Lendas Portuguesas*. Lisboa: Amigos do Livro.

FREITAS, Maria (2012), *Caracterização e Avaliação do Ecoturismo na Ilha da Madeira numa Perspetiva de Desenvolvimento Sustentável*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/10550>

FRIEZA, Liliana, CASTRO, Nádía, PINA, Sancha, COKE, Elisa, QUINTEIRO, Sílvia (2007), “Viagens com Manuel Teixeira Gomes”, *Dos Algarves*, nº16, 9-15. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/1473?locale=en>

FULANO, Leoníldia (2023). “Turismo Cultural e os seus Impactos nas Comunidades Receptoras”, *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, nº3(2), 63-79. <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1350>

GANDARRA, José, CAMPOS, Carolina, CAMARGO, Laura, & BRUNELLI, Luís (2006), “Viabilizando a Relação entre a Cultura e o Turismo: Diretrizes para o Estabelecimento de Políticas Integradas entre os Dois Setores”, *Turismo- Visão e Ação*, nº 8(1), 129-140. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/rtva.v8n1.p129-140>

GAVIÃO, Maria (2020). *Turismo Cultural Como Estratégia de Desenvolvimento: a Paisagem Protegida Regional do Litoral da Vila do Conde*, Porto: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/19822>

GOELDNER, Charles, RITCHIE, John (2009), *Tourism: Principles, Practices, Philosophies*, New Jersey: John Wiley & Sons Inc.

GOMES, Alberto (1968), “O Símbolo do Mal nas Lendas Madeirenses, Das Artes e da História da Madeira”, *Revista de Cultura*, nº 38 (7). Funchal: Sociedade de Concertos da Madeira.

GOMES, Marco (2019), *Contributos do Turismo Cultural no Arquipélago da Madeira para um Turismo Sustentável*. Funchal: Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/2459>

GOMES, Silvia (2013). *Memória e Promoção Cultural Madeirense na Obra do Visconde do Porto da Cruz*. Funchal: Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/656>

GOMEZ, Julia, & QUIJANO, Covadonga (1991), *Rutas e Itinerarios Turísticos En Españac*, (2.^aed.), Madrid: Editorial Síntesis.

GREENWOOD, Davydd (1989), “Culture by the Pound: An Anthropological Perspective on Tourism as Cultural Commoditization”, Smith, Valene, *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

GUERREIRO, Mário (1983), *Para Toda a História da Literatura Popular Portuguesa*, (2.^a ed.), Lisboa: Biblioteca breve.

GUERREIRO, Mário (1993). *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, (3ª ed.). Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

HENRIQUES, Cláudia (2003). *Turismo, Cidade e Cultura: Planeamento e Gestão Sustentável*, (1.ª ed.), Lisboa: Edições Sílabo.

HERBERT, David (2001), “Literary Places, Tourism and the Heritage Experience”, *Annals of Tourism Research*, nº 28 (2). 312–333. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738300000487>

HIRSCH, Donald (1978). *What Isn't Literature?*, (1.ªed.), Bloomington: Indiana University Press.

ICOMOS (1997), Carta Internacional sobre Turismo Cultural. Disponível em: <https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/39%20Carta%20turismo%20cultural%20-%20ICOMOS%201999.pdf>

IGNARRA, Luiz (2001), *Fundamentos do turismo*, São Paulo: Pioneira Thomson.

JAMIESON, Walter (2000), *The Challenges of Sustainable Community Cultural Heritage Tourism*, Bangkok: Asian Institute of Technology. Disponível em: [Nepal \(ucalgary.ca\)](http://www.nepalucalgary.ca)

JOLLES, André (1976), *Formas simples*, (1ª ed.), Lisboa: Cultrix.

JULIÃO, Liliana (2013), *Cidade, Cultura e Turismo*, Estoril: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/6293>

KEARNEY, Amanda (2009), “Intangible Cultural Heritage: Global Awareness and Local Interest”, Smith, Laurajane, Natsuko, Akagawa, *Intangible Heritage*, London: Routledge. 209-277.

KOHLER, Andre (2019), “Impactos Sociais, Econômicos, Políticos e Culturais do Turismo Cultural: Uma revisão de Literatura”, *Revista Turismo: Estudos e Práticas*, nº 8 (2), 109-141. Disponível em: <https://geplat.com/rtep/index.php/tourism/article/view/195/181>

LEIPER, Nell (1979), “The Framework of Tourism: Towards a Definition of Tourism, Tourist, and the Tourist Industry”, *Annals of Tourism Research*, nº 6 (4), 390-407.

Disponível em: [The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry - ScienceDirect](#)

LIMA, Sara (2012), *As Perceções dos Residentes do Papel do Turismo no Desenvolvimento Local Da Ilha da Boavista*, Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado. Disponível em: [As percepções dos residentes do papel do turismo no desenvolvimento da Ilha da Boavista | Estudo Geral \(uc.pt\)](#)

LOPES, Paula (2010), *Literatura e Linguagem Literária*, Lisboa: Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/server/api/core/bitstreams/f90c0e21-1bcf-41b5-9afd-baa2f7b1d870/content>

LUCAS, Silvio (2003), *Turismo Cultural*. Apostila para a oficina de Turismo e Patrimônio Cultural. Ilhéus.

MAGADÁN, Marta, RIVAS, Jesús (2011), *Turismo literário*, (1.ªed.). Septem: Oviedo.

MARQUES, Gentil (1997). *Lendas de Portugal*, (2.ª ed.), Lisboa: Círculo de Leitores.

MARUJO, Noémi (2012). *Turismo, Turistas e Eventos: O caso da Ilha da Madeira*. Évora: Universidade de Évora]. Tese de Doutoramento. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/14150>

MARUJO, Noémi (2014) “A Cultura, o Turismo e o Turista: Que Relação?”, *Revista TURYDES*, nº7 (16), 1-12. Disponível em: [Marujo_Noemi_2014\(2\).pdf \(ul.pt\)](#)

MARUJO, Noémi, SERRA, Jaime, BORGES, Maria (2013), “Turismo Cultural em Cidades Históricas: A Cidade de Évora e as Motivações do Turista Cultural”, *TURyDES– Revista de Investigación en Turismo y Desarrollo Local*, nº 6(14), 1-10. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/241586659_TURISMO_CULTURAL_EM_CIDADES_HISTORICAS_A_CIDADE_DE_EVORA_E_AS_MOTIVACOES_DO_TURISTA_CULTURAL

MATHIESON, Alister, WALL, Geoffrey (1982), *Tourism: Economic, Physical and Social Impacts*, (2.ª ed.), London: Longman.

MCKercher, Bob, CROS, Hilary (2002), *Cultural Tourism: The Partnership Between Tourism and Cultural Heritage Management*, (1.^a ed.). Oxford: Oxford.

MENDES, Maria Cristina (2007), *Na senda Estética e Poética dos Itinerários Turísticos e Literários: O Vale do Lima*, Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado.

MIGUEL, Xavier (2024), *Bruxas e Diabos Figuras do Mal na Literatura Madeirense*, Funchal: Cadmus.

MILHEIRO, Eva, MELO, Carla (2005), “Grand Tour e o Advento do Turismo Moderno”, *Revista Aprender*, nº 30(1), 114-118. Disponível em: [\(PDF\) O Grand Tour e o advento do turismo moderno \(researchgate.net\)](#)

MILHEIRO, Eva, PEREIRA, Maria (2014), “Turismo e Literatura: um Itinerário Regiano por Portalegre”, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, nº 21/22 (1), 81-90. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/38867>

MOUTINHO, José (2020), *Contos Populares e Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*, (1.^aed.), Funchal: Cadmus.

MURPHY, Peter (1985), *Tourism: A Community Approach*, (1.^a ed.). London: Methuen.

NASCIMENTO, Cicero (2022), “Vista do Lugar de Memória: Os Mitos e as Lendas na Construção de Identidades”, *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, nº3 (8), 1536- 1550. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4737/1804>

NASCIMENTO, Mafalda, MARQUES, Flávia, ALCÂNTARA, Ana (2017) “Turismo Cultural, Itinerários Turísticos e Impactos nos Destinos”, *Tourism and Hospitality International Journal*, nº 9(1), 49-71. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/thij/article/view/30410/21772>

NUNES, Naidea (2016), “Um Conto Popular e Dois Romances Tradicionais nas Memórias de uma Contadora de Estórias da Ponta Delgada, Ilha da Madeira” *PensarDiverso*, nº4 (1), 88-133. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1735>

OLIM, Cátia (2011), *Património Cultural Regional: Crenças e Tradições*. Funchal: Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/596>

OLIVEIRA, Alexandra (2010), *Cá e Lá, Histórias Há: Mitos e Símbolos nas Lendas de São Francisco do Sul e da Ilha da Madeira*. Joinville: Universidade da Região de Joinville- Univille. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Susete (2017), *Um Porto de Encontro entre Turismo e Literatura*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/108511>

OLIVEIRA, Verônica (2020) “A Importância do Meio Ambiente na Escolha do Destino Turístico”, Almeida, Paulo, *Gestão de Destinos Turísticos*, Peniche: Politécnico de Leiria.

OMT (2004), *Indicators of Sustainable Development for Tourism Destinations: A guidebook*, World Tourism Organization.

Organização Mundial do Turismo (1995), *Carta do Turismo Sustentável*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/175163096/OMT-Carta-Do-Turismo-Sustentavel>

PARAFITA, Alexandre (1999), *A comunicação e a literatura popular*, (1.ªed.). Setúbal: Plátano Editora.

PARAFITA, Alexandre (2006), *A Mitologia dos Mouros Lendas, Mitos, Serpentes, Tesouros, Canelas*, (2.ª ed.), Lisboa: Gailivro.

PASCOAES, Teixeira (1915), *Arte de Ser Português*, (1.ªed.), Lisboa: Biblioteca Editores Independentes.

PEREIRA, Varico, PERES, Américo (2010), “Turismo Cultural e Religioso em Braga e Santiago de Compostela: Proposta de Criação de um Produto Conjunto”, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, nº2(13/14), 677-686. Disponível em: <https://doi.org/10.34624/rtd.v2i13/14.12261>

PEREZ, Xerardo (2009), *Turismo Cultural Uma Visão Antropológica*, Tenerife: Asociación Canaria de Antropologia. Disponível em: <https://pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>

PINTO-CORREIA, João (2014), “*Cultura “Madeirense”: Implicações de um conceito (Sistematização- Roteiro para Estudo)*”, Franco, José, Trindade, Cristina, *Que Saber (es) para o Século XXI? História, Cultura e Ciência na Madeira*, Esfera do Caos Editores, 297-341. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/9029/1/Que%20Saber%28es%29%20para%20o%20S%C3%A9culo%20XXI.pdf>

PIRES, Maria (2006), *Teorias da Cultura* (2ªed.), Lisboa: Universidade de Lisboa.

PORTO DA CRUZ, Visconde (1955), *Folclore Madeirense*. (1.ªed.), Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal.

QUINTEIRO, Silvia, BALEIRO, Rita (2017), *Estudos em Literatura e Turismo: Conceitos Fundamentais*, (1.ª ed.) Lisboa: Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/38441/1/Estudos%20em%20literatura%20e%20turismo.pdf>

RAMOS, Francisco (2013), “Turismo e Cultura”, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, nº 2(20), 91-98. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5315367>

RAYMOND, Williams (1976), *Keywords. A Vocabulary of Cultural and Society*, Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/arena-attachments/1385668/2a0d6d0b045feef2adb6ae76ec9a2c92.pdf?15095023034>

RAZAK, Norhamin, ROMLE, Abd (2016), “Representation of Native Myths and Legends and Cultural Values in the Malaysian Tourism Promotional Brochures”, *Research Journal of Applied Sciences*, nº 11 (11), 1379-1383. Disponível em: [Representation of Native Myths and Legends and Cultural Values in the Malaysian Tourism Promotional Brochures \(docsdrive.com\)](https://docsdrive.com/Representation%20of%20Native%20Myths%20and%20Legends%20and%20Cultural%20Values%20in%20the%20Malaysian%20Tourism%20Promotional%20Brochures)

REIMÃO, Cassiano (1996), “A Cultura enquanto Suporte de Identidade, de Tradição e de Memória”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 9(1), 309-321. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/6927>

REIS, Carlos (2001), *O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários* (6ª ed.), Lisboa: Almedina

REIS, Carlos, LOPES, Ana (1998), *Dicionário de narratologia*, (6.ª ed.), Lisboa: Livraria Almedina.

REIS, Elisabete (2012), *Contributo para o Estudo da Literatura Oral no Algarve*, Faro: Universidade do Algarve. Dissertação de Mestrado.

REISINGER, Yvette (2009), *International Tourism: Cultures and Behavior*, (1.ª ed.). London: Butterworth-Heinemann. Disponível em: <https://mudrac.ffzg.hr/~dpolsek/sociologija%20turizma/yvette%20reisinger%20culture%20and%20tourism.pdf>

RENDA, Ana (2012), *Perceção dos Residentes sobre o Impacto do Turismo na Sua Qualidade de Vida: O Caso do Concelho de Loulé*. Faro: Faculdade de Economia da Universidade do Algarve. Tese de Doutoramento. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/3465>

RIBAS, Tomás (1977), *Etnologia* (2), Lisboa: Gráficas do MAI.

RICHARDS, Greg (1996), *Cultural Tourism in Europe*. (2.ª ed.). CABI Publishing.

RICHARDS, Greg (2001). *Cultural Attractions and European Tourism*. (1.ª ed.). CABI Publishing.

RICHARDS, Greg (2009), *Turismo Cultural: Padrões e Implicações*. (1.ª ed.). Ilhéus: Editus.

RICHARDS, Greg (2018), “Cultural Tourism: a Review of Recent Research and Trends”, *Journal of Hospitality and Tourism Management*, nº 36, 12-21. Disponível em: [10.1016/j.jhtm.2018.03.005](https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.03.005)

RICHARDS, Greg, WIDSON, Julie (2005), “Developing creativity in tourist experience. A solution to the serial reproduction of culture?”, *Tourism Management*, nº 27, 1209-1223. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2005.06.002>

ROBINSON, Mike (2002), “Between and beyond the pages: Literature-tourism relationships”, Robinson, Mike, Andersen, Hans, *Literature and tourism: Reading and writing tourism texts*, New York: Continuum, 39-79. Disponível em: https://www.academia.edu/7247326/Literature_and_tourism_reading_and_writing_tourism_texts_by_Hans_Christian_Anderson_and_Mike_Robinson_edds_Continuum_London_2002_No_of_pages_295_index_hardback_ISBN_0_8264_5920_X

ROCHER, Guy (1977), *Sociologia Geral*, (1.ª ed.), Lisboa: Editora Presença.

RODRIGUES, Donizete (1999), “A Comunicação e a Literatura Popular”. Prefácio para *A Comunicação e a Literatura Popular: um estudo preliminar sobre literatura popular de tradição oral em Trás-os-Montes e Alto Douro*, (1.ª. ed.), Setúbal: Plátano.

RODRIGUES, Mariana (2019), *Tratamento do Acervo do Padre Alfredo Vieira de Freitas com Enfoque nas Recolhas Populares, Oraís e Tradicionais, Madeirenses*, Funchal: Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/2795>

RUSCHMANN, Doris (1999), *Turismo e Desenvolvimento Sustentável: a Proteção do Meio Ambiente*, (3.ª ed.), Campinas: Papirus.

SANCHO, Amparo (2001), *Introdução ao Turismo*, (1.ª ed.), Leiria: Roca.

SANTOS, Maria (2012), “Património da Humanidade Enquanto Destino Turístico-Cultural: Os Casos de Batalha e Alcobaça”, *Revista Científica do ISCTE*, nº3(2), 25-32. Disponível em: [PI_2011-12_N03-04_TR06.pdf \(iscet.pt\)](#)

SARDO, Anabela (2008), “Turismo literário: Uma Forma de Valorização do Património e da cultura locais”, *Egitânia Scientia*, nº 2, 75-96. Disponível em: [Microsoft Word - 1ºartigo.doc \(ipg.pt\)](#)

SARDO, Anabela (2009), “Turismo Literário: A importância do património e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional”, Simões, João, *Turismos de*

Nicho: Motivações, produtos, territórios, Centro de Estudos Geográficos Universidade de Lisboa, 339-359. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/62029KE>

SERRÃO, Silvana (2017), *Os Eventos Culturais Como Promotores do Desenvolvimento Local: O Caso da Festa do Vinho Madeira*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/23494?locale=en>

SILVA, Susana (2022), *Estudo dos Principais Fatores que Impulsionam a Revisita de Destinos Turísticos: O Caso da Ilha da Madeira*. Lisboa: Lisbon School of Economics and Management, Universidade da Madeira. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/26745>

SILVA, Vítor Aguiar e (1986), *Teoria da Literatura*, (7.^a ed.). Lisboa: Livraria Almedina.

SILBERBERG, Ted (1995), “Cultural Tourism and Business Opportunities for Museums and Heritage Sites”, *Tourism Management*, nº 16 (5), 361-365. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0261-5177\(95\)00039-Q](https://doi.org/10.1016/0261-5177(95)00039-Q)

SIMÕES, Maria (2004), “Literatura, Cultura e Turismo: Consumo e Cidadania”, *Revista Espaço Acadêmico*, nº 37, 1-2. Disponível em: [Microsoft Word - OZAI.doc \(uesc.br\)](#)

SMITH, Stephen (1989), *Tourism Analysis: A Handbook*, London: Longman.

SOUSA, Arturo, PEREIRA, Maria (2022), “O Turismo Literário Criativo na Esteira da Coimbra de Miguel Torga”, *Journal of Tourism & Development*, nº 38(1), 195-216. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/38127/1/27418-Manuscrito-62386-1-10-20220204.pdf>

SOUZA, Chris (2009), *Turismo e Desenvolvimento: Perceções e Atitudes dos Residentes da Serra da Estrela*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/1757>

SOUZA, Elisabeth, RICHTER, Monika (2016), “Planejamento Turístico Participativo e Turismo de Base Comunitária para a Elaboração de Roteiro Turísticos”, Richter, Monika, *Elaboração de Roteiros*, Rio de Janeiro: Fundação Cecirej, 173-299.

STEPHENSON, Janet (2008), “The Cultural Values Model: An Integrated Approach to Values in Landscapes”, *Landscape and Urban Planning*, nº 84 (2), 127-139. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0169204607001661>

STRAUSS, Claude (1976), *Raça e História*, (3.ª ed.), Lisboa: Editor Presença.

TITO, Salvador (2018). *O género da fábula na literatura de tradição oral angolana e portuguesa: o caso de Icolo e Bengo e Bragança*. Covilhã: Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. Dissertação de Mestrado. Disponível em: [6694_13966.pdf \(ubi.pt\)](#)

TODOROV, Tzvetan (1978) *Os Géneros do Discurso*, Lisboa: Edições 70.

TUAN, Yi-Fu (1930), *Espaço e Lugar: A Perspetiva da Experiência*, Rio de Janeiro: Difel.

TYLOR, Edward (1871), *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*, (5.ªed.), Cambridge: Cambridge University Press

URRY, Jonh (1990), *The Tourist Gaze: Leisure And Travel In Contemporary Societies*. (2.ª ed.) London: Sage.

VANZELLA, Elidio, BAPTISTA, Maria, BRAMBILLA, Adriana (2014), “Turismo Cultural: Cultura, Identidades na Era Pós Industrial”, *Revista Eletrônica da FAESNE*, nº1(1), 29-40. Disponível em: [\(PDF\) TURISMO CULTURAL: CULTURA, IDENTIDADES NA ERA PÓS-INDUSTRIAL. | Elidio Vanzella and ADRIANA BRAMBILLA - Academia.edu](#)

VAREIRO, Laurentina, REMOALDO, Paula, RIBEIRO, José (2012), “Residents' Perceptions of Tourism Impacts in Guimarães (Portugal): a Cluster Analysis”, *Current Issues in Tourism*, nº16, 1-17. Disponível em: [Full article: Residents' perceptions of tourism impacts in Guimarães \(Portugal\): a cluster analysis \(tandfonline.com\)](#)

VANOYE, Francis (1991), *Usos da Linguagem* (8ª ed.), São Paulo: Martins Fontes.

VIEIRA, Alberto (2008), “A História do Turismo da Madeira”, *Turismo Revista de la Escuela Universitaria de Turismo Iriarte*, nº 0, 95-118. Disponível em: [2008_avieira_turismo-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](https://www.cloudfront.net/d1wqtxts1xzle7/2008_avieira_turismo-libre.pdf)

VILAR, Emílio (2007), “Sobre a Economia da Cultura”, *Comunicação & Cultura*, nº(3), 131-144. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2007.443>

VIRGÍNIO, Bel (2010), “Turismo e Cultura: Um Estudo Sobre o Programa de Qualificação de Museus Para o Turismo”, *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, nº4(1), 65-84. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Darlyne-Virginio/publication/370202604_Turismo_e_Cultura_Um_estudo_sobre_o_Programa_de_Qualificacao_de_Museus_para_o_Turismo/links/6444592dd749e4340e2e2fce/Turismo-e-Cultura-Um-estudo-sobre-o-Programa-de-Qualificacao-de-Museus-para-o-Turismo.pdf#page=4

WELLEK, René, WARREN, Austin (1978), *Teoria da Literatura (5ª ed.)*, London:Europa-América

World Tourism Organization (2018), *Tourism and Culture Synergies*, (1.ª ed.), UNWTO. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323735031_UNWTO_Report_on_Tourism_and_Culture_Synergies

YEN, Dorothy, JANG, Jungmin, WEI, Liyuan, MORGAN, Nigel, PRITCHARD, Annette (2023), “Leveraging Folklore and Fantasy to Promote Small Destinations: the Case of Visit Wales”, *Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events*, 1–15. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19407963.2023.2263860>